

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CORPOREIDADE IDOSA: O SIGNIFICADO DO  
ENVELHECER NO DISCURSO DOS IDOSOS DA  
COMUNIDADE TIROLO-TRENTINA**

**MARISTELA NEGRI DE OLIVEIRA MARRANO**

PIRACICABA

2006

# **CORPOREIDADE IDOSA: O SIGNIFICADO DO ENVELHECER NO DISCURSO DOS IDOSOS DA COMUNIDADE TIROLO-TRENTINA**

MARISTELA NEGRI DE OLIVEIRA MARRANO

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> REGINA SIMÕES

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UNIMEP como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

PIRACICABA

2006

MARRANO, MARISTELA NEGRI DE OLIVEIRA

Corporeidade Idosa: o significado do envelhecer no discurso dos idosos da comunidade tirolo-trentina. / Maristela Negri de Oliveira Marrano. – Piracicaba: UNIMEP, 2006.

228p.

Dissertação (Mestrado) – UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências da Saúde, 2006.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Simões (orientadora)**

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisabeth Frohlich Mercadante**

**Prof. Dr. Wagner Wey Moreira**

A quem Dedico:

A memória de meu pai Almiro,  
Foi-se embora um valente; esvai-se o riso,  
fica a saudade sempre presente

A minha mãe Clara,  
Guerreira, sempre guerreira  
Viveu toda uma vida de dedicação.  
Amou, amou demais e sem cessar,  
fez da vida um caminho de bondade  
e de seu exemplo um caminho a seguir

A meu marido Vandalberto,  
Meu grande companheiro, de amor e de vida que soube  
entender  
as ausências e ansiedades e acima de tudo apoiar e  
incentivar  
estando sempre ao meu lado.

Aos meus filhos Matheus, Gabriel e Ana Clara  
Razões maiores de minha vida que, com a sabedoria  
própria das crianças, souberam esperar o desfecho  
deste trabalho.

Aos meus irmãos Heraldo, Eduardo e Marisa,  
Pela amizade que nos unem e nos tornam companheiros.

A quem agradeço:

A Deus,

“Tudo tem o seu tempo determinado  
e há tempo para todo o propósito debaixo do céu:  
Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de  
plantar

e tempo de colher o que se plantou”.

(Ec. 3: 1-2)

Aos meus tios,

Pela certeza que sempre passaram, de que é possível  
envelhecer com dignidade e sabedoria.

De maneira especial à Professora Dr<sup>a</sup> Regina Simões minha orientadora, também guerreira perante as adversidades da vida, agradeço pela confiança que em mim depositou no decorrer deste trabalho.

Aos professores Dr. Wagner e Dr<sup>a</sup> Elisabeth meu muito obrigada por participarem da Banca e contribuírem com o engrandecimento desta dissertação.

Aos idosos tiroló-trentinos, que com a calorosa recepção e sinceridade, responderam as questões pertinentes a este trabalho e deram sentido aos meus esforços.

À Leandra pela dedicação especial a meus filhos e a meu lar.

À minha sogra Wanda, pelo apoio e auxílio constantes no cuidado com minha família.

As minhas cunhadas Helena, pelas trocas de experiências e Vanderci, pela ajuda com meus filhos, pelo auxílio nas traduções dos textos e impressão do trabalho final.

Ao meu cunhado Carlos, pelas fotos da comunidade tiroló-trentina.

Aos meus primos Francisco, Lílian, Karina e Silvia, por contribuírem com dados, fotos, fitas e livros da comunidade.

À Cida minha tia, Dirce, Maria Emília, Cecília, Eraldo e José Luis, pontos chaves para minha pesquisa de campo.

À minha querida amiga Professora Dr<sup>a</sup> Meire, pelo grande incentivo e contribuições ao dividir seu conhecimento com simplicidade. Obrigada amiga!

Às Professoras Dr<sup>a</sup> Anita e Andréa pelas valiosas sugestões teóricas que permitiram o enriquecimento deste trabalho.

Aos meus amigos Luís e Luisa que sempre estiveram juntos e compartilharam dessa minha caminhada.

À minha amiga e companheira Lucilene, pelo apoio e trocas de experiências divididas nessa jornada. Conseguimos, Lu!

A todos os Professores e demais companheiros do Programa de Mestrado em Educação Física, pelo companheirismo e amizade que cercaram os nossos momentos de crescimento pessoal e profissional.

A todos aqueles que estiveram ao meu lado e que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Muita obrigada!

## TOCANDO EM FRENTE

Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte mais feliz,  
Quem sabe, eu só levo a certeza de que muito pouco  
eu sei,  
Ou nada eu sei;

Conhecer as manhas e as manhãs  
O sabor das massas e das maçãs;  
É preciso amor para poder pulsar,  
É preciso paz para poder sorrir,  
É preciso chuva para florir...

Penso que cumprir a vida seja simplesmente  
Compreender a marcha e ir tocando em frente,  
Como um velho boiadeiro levando a boiada  
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu sou,  
Estrada eu vou.

Todo mundo ama um dia, todo mundo chora,  
Um dia a gente chega no outro a gente vai embora.  
Cada um de nós compõe a sua história  
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz,  
E ser feliz

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar o significado de envelhecer para os idosos descendentes de imigrantes italianos (tirol-trentinos) de dois bairros rurais da cidade de Piracicaba-SP: Santana e Santa Olímpia, o qual inclui a Fazenda Negri. Optamos por uma pesquisa qualitativa e como proposta metodológica nos apropriamos de quatro tipos de investigação: a bibliográfica, a documental, a etnográfica e a de análise de conteúdo. A pesquisa bibliográfica nos remeteu a livros, periódicos, dissertações e teses sobre os temas que alicerçam nosso estudo como: o processo de envelhecimento humano, corporeidade idosa e contexto histórico-cultural da comunidade tirol-trentina. A pesquisa documental nos levou a análise de escrituras, fitas de vídeo, monumentos, para complementar os dados históricos da respectiva comunidade. A etnográfica serviu como referencial na busca do discurso de 46 pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Primeiro aplicamos um questionário com perguntas abertas e fechadas objetivando delinear o perfil dos entrevistados. Num segundo momento realizamos uma entrevista padronizada com as seguintes questões: O que significa para você envelhecer? E o que significa envelhecer numa comunidade tirol-trentina? A análise dos discursos teve como base a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977) com a utilização da Técnica de Análise de Asserção Avaliativa elaborada por Osgood, Saporta e Nunnaly, que foi adaptada por Simões (1994), em que se confrontou a literatura pesquisada com a fala dos idosos tirol-trentinos, buscando pontos de convergência e divergência. Em relação à primeira pergunta (o que significa envelhecer para você?), sobressaíram-se oito categorias: processo natural da vida (citada por 32, 6% dos sujeitos); ótimo, bonito e alegre (28,26%); doente, sozinho e dependente (28,26%); aprofundar o conhecimento da vida (17,39%); consciência da finitude (17,39%); ter autonomia (15,21%); experiência de vida (8,69%) e lembrar o passado (4,34%). A segunda pergunta (o que significa envelhecer numa comunidade tirol-trentina?) revelou a produção de cinco categorias: relacionamentos sociais (citada por 76,08% dos sujeitos); bom, bonito

e gostoso (60,86%); receber cuidado (36,95%); indiferente (4,34%) e não gosta do local (2,7%). A constatação a que chegamos foi a de que o envelhecer foi considerado pelos idosos tirol-trentinos um processo natural da vida dentro de uma perspectiva positiva, expresso por diferentes enfoques que contém significativos conteúdos, que deixam transparecer toda uma vida impregnada de valores, normas, alegrias, realizações e também frustrações. Para o idoso tirol-trentino envelhecer significa superar as adversidades da vida com fé, ter a possibilidade de continuar ativo, poder trabalhar no campo, nos afazeres de casa e participar ativamente da comunidade, estabelecendo vínculos afetivos e sociais com todos os moradores da comunidade. Constatamos, portanto, que os idosos entrevistados sentem-se mais pertencentes ao grupo étnico tirol-trentino do que pertencentes ao modelo ideológico de velhice.

Palavras-chaves: corporeidade; envelhecimento; idoso; comunidade tirol-trentina e imigrantes italianos.

## ABSTRACT

This work had as purpose to analyze the meaning of aging for the descending seniors of tirol-trentinos immigrants of two rural neighborhoods in the city of Piracicaba-SP: Santana and Santa Olímpia, which include the Negri Farm. A qualitative research was opted and as methodological proposal we used four investigation types: the bibliographical, the documental, the ethnographic and of content analysis. The bibliographical research addressed us to books, periodics, dissertations, and thesis about themes that consolidate our study like: human aging process, elderly corporality, and historic-cultural context of the tirol-trentino community. The documental research led us to written analysis, video tapes, and monuments, to complement the historic data of the respective community. The ethnographic research served as referential in the search of the speech of forty six people over the age of 60. First we applied a questionnaire with open and closed questions aiming at outlining the interviewees' profile. In a second moment we accomplished an interview standardized with the following questions: what does aging mean to you? And what does aging in a tirol-trentina community mean? The analysis of the speeches had as basis the Content Analysis proposed by Bardin (1977), with the use of an adaptation of the Evaluative Assertion Analysis Technique elaborated by Osgood, Saporta and Nunnaly, adapted by Simões (1994), where the researched literature was confronted with the speech of the tirol-trentinos seniors, searching points of convergence and divergence. In relation to the first question (what does aging mean to you?) eight categories had stood out: the natural process of life (cited by 32,6% of the subjects); great, beautiful and cheerful (28,26%); sick, alone and dependant (28,26%); to deepen the knowledge of life (17,39%); finitude conscience (17,39%); to have autonomy (15,21%); life experiences (8,69%) and to remember the past (4,34%). The second question (what does aging in a tirol-trentina community mean?) revealed the production of five categories: social relationships (cited by 76,08%); good, beautiful and pleasant (60,86%); care receiving (36,95%); indifferent (4,34%) and dislikes

the place ((2,7%). The accomplished verification was that aging was considered by the tirol-trentinos seniors as a natural process of life, expressed by different focuses that contain significant contents that allow the entire impregnated life of values, norms, happiness, and frustrations to be evident. For the tirol-trentino elderly aging means overcoming the adversities of like faith, having the possibility to continue work active, being able to work in the country, in house-keeping and participating actively in community, establishing affective and social links with every community citizen, was found out therefore, that the interviewed elderlies full they belong more to the tirol-trentino ethnic group than they do model to the aging ideological model.

Word-key: corporality; aging; senior; tirol-trentina community and Italian immigrants.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	ix
ÍNDICE DE QUADROS.....	xiv
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xv
ÍNDICE DE ANEXOS.....	xvi
INTRODUÇÃO.....	01

### **CAPÍTULO I: ENVELHECIMENTO, TRILHA QUE PERCORREMOS NA TRAJETÓRIO DO VIVER**

1.1 – Corporeidade idosa: caminhos para o entendimento do ser que envelhece.....	12
1.2 – O ser humano que envelhece: definições e terminologias.....	25
1.3 – Aspectos Biopsicossociais do envelhecimento.....	32
1.4 - Um outro olhar sobre a velhice.....	36

### **CAPÍTULO II: COMUNIDADE TIROLO-TRENTINA**

2.1- A Pátria de Origem.....	46
2.2- O Contexto Histórico.....	50
2.3- Trajetória do Imigrante: de Trento ao Brasil.....	52
2.4- Piracicaba: a formação da Comunidade Tirolo -Trentina.....	55
2.5- A aquisição das Fazendas: Santana e Santa Olímpia.....	60
2.6- Características culturais da comunidade: religião, tradição e culinária.....	64

### **CAPÍTULO III: O TRILHAR METODOLÓGICO**

3.1- Caminhos percorridos.....	81
--------------------------------	----

3.2- Universo da pesquisa.....	84
3.3– Entrada no campo de estudo.....	85
3.4 - Coleta de dados.....	86

#### **CAPÍTULO IV: O IDOSO TIROLO-TRENTINO: a leitura dessa realidade**

4.1 – Perfil dos participantes.....	90
4.2 – Discursos dos participantes para a pergunta 1.....	98
4.3 – Indicadores para a pergunta 1.....	117
4.4 – Categorias para a pergunta 1.....	124
4.5 – Discursos dos participantes para a pergunta 2.....	128
4.6 – Indicadores para a pergunta 2.....	147
4.7 – Categorias para a pergunta 2.....	155

#### **CAPÍTULO V: O QUE A FALA DOS IDOSOS TIROLO-TRENTINOS NOS REVELOU?**

5.1 – Análise e discussão para a pergunta 1	
5.1.1 – Processo natural da vida.....	158
5.1.2 – Ótimo, bonito e alegre.....	160
5.1.3 – Doente, sozinho e dependente.....	164
5.1.4 – Aprofundar o conhecimento da vida.....	169
5.1.5 – Consciência da finitude.....	175
5.1.6 – Ter autonomia.....	181
5.1.7 – Experiência de vida.....	183
5.1.8 – Lembrar o passado.....	184
5.2 – Análise e discussão para a pergunta 2	
5.2.1 – Relacionamentos sociais.....	187
5.2.2 – Bom, bonito e gostoso.....	190

5.2.3 – Receber cuidado.....	197
5.2.4 – Indiferente.....	199
5.2.5 – Não gosta do local.....	201
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>203</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>208</b>
<b>REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICAS.....</b>	<b>221</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>223</b>

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Classificação etária dos entrevistados.....	91
<b>Quadro 2:</b> Estado civil separado por gênero.....	91
<b>Quadro 3:</b> Escolaridade.....	92
<b>Quadro 4:</b> Ocupação atual das mulheres.....	93
<b>Quadro 5:</b> Ocupação atual dos homens.....	93
<b>Quadro 6:</b> Aposentadoria.....	95
<b>Quadro 7:</b> Aposentadoria por gênero.....	95
<b>Quadro 8:</b> Profissão na qual se aposentou.....	96
<b>Quadro 9:</b> Dados familiares.....	96
<b>Quadro 10:</b> Saúde.....	97
<b>Quadro 11:</b> Categorias provenientes da pergunta 1.....	126
<b>Quadro 12:</b> Categorias provenientes da pergunta 2.....	156

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>figura 01:</b> Síntese gráfica de Daniela Ferrari.....	47
<b>Figura 02:</b> Mapa das Províncias Autônomas de Trento e Bolzano.....	49
<b>Figura 03:</b> Emigrados Trentinos no Brasil.....	53
<b>Figura 04:</b> Zona de maior concentração de Trentinos no Estado de S.P.....	54
<b>Figura 05:</b> Bortolo Vitti e Maria Sartori.....	56
<b>Figura 06:</b> Jacó Correr e família.....	58
<b>Figura 07:</b> Desenho esquemático da Fazenda de Santana.....	63
<b>Figura 08:</b> Gruta com a imagem de Nossa Senhora de Lourdes.....	65
<b>Figura 09:</b> Capitellos.....	66
<b>Figura 10:</b> Sede do <i>Circolo Trentini di Piracicaba</i> .....	70
<b>Figura 11:</b> Convite à festa da Polenta.....	72
<b>Figura 12:</b> Comunidade Trentina preparando a <i>cucagna</i> .....	73
<b>Figura 13:</b> Tiroleses na festa da <i>cucagna</i> .....	74
<b>Figura 14:</b> Salão de festas de Santa Olímpia.....	75
<b>Figura 15:</b> Monumento dos cem anos de imigração.....	76
<b>Figura 16:</b> Maço de flores.....	77
<b>Figura 17:</b> Monumento centenário na entrada principal.....	78
<b>Figura 18:</b> Idosos tirol-trentinos em atividade.....	94
<b>Figura 19:</b> Mulher no trator.....	94

## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>ANEXO I:</b> Questionário sociodemográfico.....	223
<b>ANEXO II:</b> Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	226
<b>ANEXO III:</b> Certificado do Comitê de Ética em Pesquisa – UNIMEP.....	228

## INTRODUÇÃO

Acompanhando a tomada de consciência sobre o aumento populacional de idosos no Brasil e no mundo, as diversas áreas de conhecimento, vêm oferecendo contribuições valiosas à compreensão dos fenômenos biológicos, psicológicos, históricos, econômicos, culturais e sociais que influenciam o processo de envelhecimento. Essas contribuições são pautadas em diferentes abordagens sobre o significado desse processo.

Desta forma, iniciamos questionando como o ser humano encara o seu envelhecimento? Que significado tem para este Ser envelhecer? Envelhecer significa olhar-se no espelho e perceber seus cabelos brancos e sua pele enrugada? Envelhecer relaciona-se à idéia de perdas, desuso, inutilidade e antiguidade? Envelhecer significa ser aquele indivíduo que se encontra no final da vida, doente, esperando a morte? Ou o envelhecer significa amadurecimento, acúmulo de experiências, sabedoria, tranqüilidade, prazer em viver? Envelhecer seria avaliado positivamente ou negativamente? Creio que discutir essas indagações requer entender o envelhecimento como um processo normal, como expressão da temporalidade da pessoa, aderindo à história de sua vida. Pois, como nos coloca Ramos (2000), envelhecemos como vivemos; nem melhor; nem pior. Trata-se de equilibrarmos as duas noções: a aquisição (positivo) e a perda (negativo). E uma perda não é sempre um término, muitas vezes engendra uma aquisição. E ainda, será que envelhecer está apenas nas oposições entre positivo e negativo? Não estaremos assim perpetuando um maniqueísmo histórico, onde a vida parece estar apenas estruturada ou no certo (positivo) ou no errado (negativo)?

Ao longo do contexto histórico e cultural do mundo ocidental, as reflexões sobre o envelhecimento aparecem permeadas por esses aspectos. No entanto, a visão negativa aparece de forma mais acentuada e valorizada. Beauvoir (1990) e Barreto (1992), colocam que, antes do século XVIII, a velhice era considerada insignificante e, por vezes, motivo de escárnio; no século XIX, sábia; no século XX, surge uma valorização do aspecto social do jovem, a indústria da beleza

vende a eterna juventude e nega a velhice; vende a aparência e nega o interior, pois a velhice é associada às modificações no corpo com o aparecimento de cabelos brancos e rugas, andar mais lento, postura encurvada, redução da capacidade auditiva e visual, aspectos visíveis, o que contribui para a associação entre velhice e feiúra.

Muitas dessas constatações foram disseminadas por ocasião do advento do modelo econômico capitalista, no qual os mais jovens são vistos como os que podem produzir mais. O próprio significado atribuído à palavra velho como improdutivo, antigo e inútil, associado a uma estrutura social marcada pela desigualdade entre classes, favorece para que o idoso apareça como um ser em desvantagem, sujeito sem voz, inserido num sistema excludente, que oferece poucas perspectivas àqueles desvinculados do processo produtivo, ou seja, que socialmente é percebido como um sujeito que vive marginalizado das possibilidades do mundo moderno. Outro aspecto a ser considerado é que a velhice se confunde também com pobreza e miséria. Beauvoir (1990, p. 13) escreve: “a sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um nível de vida tão miserável que a expressão ‘velho e pobre’ constitui um pleonasma [...]”.

Neri (1991), ao realizar uma revisão de pesquisas, no final da década de 80 do século passado, sobre atitudes em relação à velhice, nos relata que a maioria dos estudiosos que realizaram análises de sociedades isoladas e análises interculturais, sugerem que as atitudes positivas predominam nas sociedades primitivas e históricas, mas, com o advento da modernização elas tendem a se tornar negativas, de tal forma que as atitudes negativas predominam nas sociedades industrializadas.

A mesma autora (1991, p. 37) nos apresenta diversos estudos buscando interpretar esses dados:

O homem tende a ter alto prestígio em sociedades agrícolas e patriarcais, e a mulher naquelas em que predominam a caça, a pesca e o matriarcado. A transição de uma economia essencialmente agrícola para a industrializada coincide com a introdução de novas tecnologias e a especialização do conhecimento e da produtividade. Esse conjunto de mudanças

determina o rebaixamento do status do velho, cujas habilidades e conhecimentos passam a ter menos valor no mercado de trabalho.

Para Minayo (2002), a forma como a sociedade adulta e jovem discrimina os velhos, muitas vezes se contrapõe às expectativas que os próprios idosos têm sobre a velhice e sobre o seu papel nas comunidades em que vivem.

O antropólogo Simmons (1945), realizou uma pesquisa sobre o papel do idoso nas sociedades ditas primitivas e que apresentavam diferenças marcantes do ponto de vista da cultura e da ambientação do meio físico. O autor encontrou os seguintes desejos expressos pelos idosos: viver o máximo possível; terminar a vida de forma digna e sem sofrimento; encontrar ajuda e proteção para a progressiva diminuição de suas capacidades; continuar participando das decisões que envolvem a comunidade; prolongar ao máximo suas conquistas e prerrogativas sociais como a propriedade, a autoridade e o respeito.

Embora seu estudo possa fazer jus a críticas de que seja demasiadamente generalista, ele aponta questões interessantes para o que seriam os desejos universais dos velhos nessas sociedades.

Partindo dessas considerações e buscando compreender essa fase da vida, apresentamos Veras (1995, p. 25), com sua indagação: “O que é a velhice?” O próprio autor responde: “Velhice é um termo impreciso. [...] nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social”. Numa tentativa de conceituação o próprio autor diz: “do ponto de vista cultural, a velhice deve ser percebida diferentemente em um país com expectativa de 37 anos de vida, como Serra Leoa, e outro de 78 anos de vida, como é o caso do Japão” (1995, p. 26).

Debert (1994), nos alerta para o fato de que ao pensarmos em velhice, não podemos considerá-la apenas como um fenômeno biológico natural e universal, mas também como fato social e histórico, que corresponde à variabilidade de formas em que é concebida e vivida em diferentes realidades.

Ao resgatarmos o pensamento de Beauvior (1990, p. 15), nos deparamos com esta questão, para a autora a velhice é:

[...] um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, conseqüências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como característicos da idade avançada. Como todas as situações humanas, tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, um estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence.

Na trajetória entre nascer e morrer percorremos a trilha do envelhecimento, um fenômeno que faz parte do ciclo natural da vida, configurando-se, porém, como um processo complexo, heterogêneo, em que cada pessoa vivencia essa fase da vida de uma forma, que envolve perdas e ganhos, os quais são intensificados conforme fatores internos e externos, considerando sua história particular, a estrutura social e cultural onde o sujeito está situado.

Envelhecer, portanto, diz respeito à existência humana na complexidade das dimensões física, biológica, psicológica, social, econômica, histórica e cultural, desta forma, cada um de nós transmite um significado pessoal e particular deste fenômeno. Recorrendo a Okuma (2002, p. 14) e às suas investigações constatamos essa realidade:

A análise da velhice a partir de uma perspectiva pessoal mostra que, como toda situação humana, ela tem uma dimensão existencial, que modifica a relação do indivíduo consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com o tempo [...]. A relação entre passado e presente é outra: o futuro torna-se curto. Talvez as perspectivas não estimulem expectativas. Assim, a relação consigo também se modifica, levando-o à aceitação ou à rejeição dessa existência, o que resultará na forma como ele lidará com a vida.

A visão sobre a fase da velhice vem sendo lentamente mudada e pode ser vista como um período com potencial para o crescimento, um tempo para fazer

planos e ir em busca de suas concretizações, um tempo para novas liberdades, para explorações pessoais, enfim, um tempo para viver e ser feliz, assim como reflete sabiamente a música de Almir Sater e Renato Teixeira, “Tocando em Frente”: “[...] Penso que cumprir a vida seja simplesmente/ compreender a marcha e ir tocando em frente/ [...] cada um de nós compõe a sua história/ e cada ser em si carrega o dom de ser capaz/ e de ser feliz [...]”.

Durante nossa convivência com os idosos pudemos perceber a vida presente, vivida com intensidade, com prazer. Corroborando com nossas experiências resgatamos Simões (1995) ao nos relatar que o sensível da vida é enriquecido pela experiência de vida dos idosos e que das cicatrizes do passado brotam energia e vivacidade. A autora nos alerta que embora os idosos de seu estudo não tenham tanta força nos músculos, eles têm fibra e energia suficiente para viver. Desta forma, encontramos em Simões (1995, p. 129), um outro olhar sobre o idoso:

Mergulhar na corporeidade idosa é entender a substituição da beleza esteticamente padronizada do corpo jovem pela vivência madura das emoções. É acreditar que essa maturidade vem de dentro para fora, nas relações de intersubjetividade que afloram a convivência dos seres humanos.

E ao mergulhar na corporeidade idosa, nos reportamos às nossas indagações iniciais: O que significa envelhecer? Citando Neri (1991), não sei, depende, vamos investigar.

Prosseguindo com Neri (1991, p. 33) “a resposta a qualquer tipo de questão sobre velho e velhice no Brasil depende de a quem e como ela é feita” [...]. A autora diz que não existe uma única resposta, “porque o próprio fenômeno da velhice têm múltiplos significados, contextualizados por fatores individuais, interindividuais, grupais e socioculturais”. A mesma prossegue, “Mas de que velho estamos falando? Onde mora?”

A estas questões incluímos outras que nos inquietam: O que é envelhecer para os idosos tiroló-trentinos? Na presença de trajetórias parecidas e inserção social semelhante, os idosos diferem quanto a suas concepções sobre a velhice

própria? O que eles pensam sobre a velhice tem relação com a vida em comunidade, onde a cultura tirol-trentina está presente?

Estaremos dirigindo nosso olhar para os idosos descendentes de imigrantes italianos, que moram numa comunidade pequena, localizada a 23 Km da cidade de Piracicaba, vivem lá aproximadamente 1.800 pessoas, tentando preservar tradições e costumes aos quais se referem como sendo a cultura de seus antepassados, inclusive a preservação do dialeto. Foi criada há mais de 100 anos por imigrantes tirol-trentinos e é até hoje concebida como “tirolesa” (e mais recentemente como “trentina”). Os fundadores dos bairros foram os tiroleses nativos, vindos do Tirol para o Brasil em 1877, devido às circunstâncias caóticas pelas quais passavam alguns países da Europa naquela época.

Por que esta comunidade? O que justifica fazer este estudo com os idosos de origem tirol-trentina de uma comunidade rural?

Primeiro, trata-se da maior comunidade tirol-trentina do Brasil concentrada num mesmo núcleo e não espalhada pela cidade como nas demais (Ex: Rodeio e Nova Trento em Santa Catarina, Curitiba, Jundiaí), de acordo com informações do representante da Província de Trento no Brasil, José Heraldo Stênico. Segundo, por estar relacionada à nossa experiência e convivência com a comunidade.

Trata-se de um espaço geográfico específico, de uma comunidade singular, que até os dias de hoje conserva suas tradições tirol-trentinas: história, músicas, comidas típicas, dialeto, religiosidade e características físicas mais originais: louros de olhos azuis. Nesse sentido, resgatamos Dorfman et al (2004), ao relatarem a importância de se administrar estudos em comunidades e locais geográficos diferentes e com amostras heterogêneas, para que possamos ter uma compreensão mais completa da experiência individual e coletiva de envelhecer, e assim desenvolvermos intervenções adequadas às características sociais e culturais da população idosa.

O significado de envelhecer, portanto, parte do princípio de que, o que é tido como uma crença válida para determinado grupo, pode não ser para outro, dependendo dos eventos sociais, históricos que afetam e afetaram a experiência individual e coletiva. De acordo com Uchôa (2003, p. 851):

À medida que se documentou o processo de envelhecimento em diferentes culturas e que se constatou a diversidade de formas de envelhecer, a velhice e o envelhecimento deixaram de ser encarados como fatos naturais, para serem encarados como fenômenos profundamente influenciados pela cultura. [...] o pesquisador tenta penetrar em uma cultura específica para descobrir como aspectos relativos à velhice e ao envelhecimento são organizados e adquirem significado.

Com o estudo de Mercadante (1997, p. 2), salientamos a importância de compreendermos a velhice como um fato natural e cultural: “É natural e, portanto, universal se apreendida como um fenômeno biológico, mas é também imediatamente um fato cultural na medida em que é revestida de conteúdos simbólicos, evidenciando formas diversas de ação e representação”.

Procurando entender que tudo o que seja dito pelos idosos sobre o que significa envelhecer, já é algo construído pela cultura e pela vivência, buscamos em Geertz (1989, p. 4), o entendimento de cultura como sendo um universo de significados que permite aos indivíduos de um grupo interpretar sua experiência e guiar suas ações, nos dizeres do autor:

O conceito de cultura que defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado.

Nosso propósito com este estudo é investigar o significado de envelhecer partindo dos discursos dos idosos descendentes de imigrantes italianos (tirolotrentinos) dos bairros rurais de Santana e Santa Olímpia, na cidade de Piracicaba-SP.

Para conseguir chegar aos significados de envelhecer, levando em conta as teias a que Geertz (1989) se refere, utilizaremos a pesquisa qualitativa a qual, segundo Marcus e Liehr (2001) abarca a totalidade de seres humanos, levando em conta a experiência humana em cenários naturais.

Para tanto, a presente dissertação está fundamentada em cinco capítulos.

O Capítulo I tem como intuito trilhar alguns caminhos para a compreensão do ser humano idoso de forma integral, ser uno e indivisível, sendo ao mesmo tempo, corpo e espírito, sujeito e objeto, interioridade e exterioridade, natureza e cultura, vivendo numa complexa rede de relações com tudo e com todos. Nele, são discutidas a visão negativa e estigmatizante do corpo velho em nossa sociedade, em consequência de um modelo dicotômico pela qual concebemos o mundo, um modelo que divide e separa todas as coisas, inclusive o ser humano. Apoiamo-nos em reflexões teóricas na tentativa de buscar perspectivas de transformação com o intuito de transcender o pensamento reducionista, introduzindo conhecimentos mais amplos em relação à corporeidade, almejando uma visão mais abrangente do ser humano. O capítulo também tem como objetivo esclarecer alguns termos, definições e classificações trazidos por diversos autores, necessários para a compreensão do processo de envelhecimento. Apresentamos os aspectos biopsicossociais do envelhecimento e a perspectiva de um outro olhar sobre este processo, como uma fase com potencial para o crescimento, para o viver com prazer, satisfação e realização pessoal.

O Capítulo II discorre sobre a Comunidade tirolo-trentina. Há um conjunto de dados e informações de natureza histórica que foram obtidas por meio de um levantamento bibliográfico através da literatura pertinente e por pesquisa documental como, escrituras, fitas de vídeo, monumentos. Para obter melhores informações, procuramos participar mais intensamente da vida da comunidade. Dessa forma construímos a história da comunidade, apresentamos o contexto histórico e a situação da Itália e do Brasil na época da imigração, narramos como se formou a comunidade com a compra das duas fazendas em Piracicaba e por fim, relatamos a situação atual da comunidade e sua cultura.

O Capítulo III aborda os procedimentos metodológicos que norteiam o trabalho, o qual se dará através de uma pesquisa qualitativa e como proposta

metodológica nos apropriamos de quatro tipos de investigação: a bibliográfica, a documental, a etnográfica e a análise de conteúdo. Descrevemos os critérios de inclusão e universo da pesquisa, como se deu a entrada no campo e a coleta de dados. Utilizamos na coleta de dados dois instrumentos: um questionário sociodemográfico com perguntas abertas e fechadas, com o intuito de identificar o perfil dos idosos tirol-trentinos e uma entrevista estruturada com as seguintes perguntas: 1) O que significa envelhecer para você? 2) O que significa envelhecer numa comunidade tirol-trentina?

O Capítulo IV apresenta os resultados do estudo. Primeiro relatamos o perfil dos idosos tirol-trentinos identificados através do questionário aplicado e em seguida transcrevemos os discursos provenientes da entrevista, identificamos indicadores e criamos categorias, com base na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), com a utilização da Técnica de Análise de Asserção Avaliativa elaborada por Osgood, Saporta e Nunnaly, que foi adaptada por Simões (1994). Esse procedimento se deu primeiramente para o discursos relativos à pergunta nº 1 e posteriormente para a pergunta nº 2.

O Capítulo V traz a análise e discussão dos resultados. A partir dos discursos dos entrevistados criamos categorias e confrontamos com as teorias acadêmicas procurando pontos de convergência e divergência. Primeiro para as categorias provenientes das respostas à pergunta 1 e depois das respostas à pergunta 2.

Desta forma, adentramos a cultura tirol-trentina para descobrir com nosso estudo um conjunto de significados relativos ao envelhecer, analisado não somente como um fato biológico, mas, também, como um fato cultural. Acreditamos que através do discurso dos idosos tirol-trentinos, conhecemos um pouco mais sobre a maneira como esses envelhecem, como atribuem significados a esse período de suas vidas ou como a integram à sua experiência, pois é pelos olhos e vozes dos idosos que nós pudemos ganhar uma compreensão mais

completa da experiência sem igual de crescer e envelhecer dentro de uma comunidade específica.

## CAPÍTULO I

### ENVELHECIMENTO, TRILHA QUE PERCORREMOS NA TRAJETÓRIA DO VIVER



**“Sessenta e oito anos! Nunca imaginei que isso iria me acontecer. Fiquei velho. Não é ruim. A velhice tem uma beleza que lhe é própria. A beleza das velhas árvores é diferente da beleza das árvores jovens. Triste é quando as velhas árvores, cegas para a sua própria beleza, começam a imitar a beleza das árvores jovens. Aí acontece o grotesco”.**

**(Rubem Alves, 2001).**

# **CAPÍTULO I**

## **ENVELHECIMENTO, TRILHA QUE PERCORREMOS NA TRAJETÓRIA DO VIVER**

O propósito deste capítulo é percorrer algumas trilhas para a compreensão da corporeidade idosa, ou seja, o ser humano que envelhece em sua esfera existencial; apresentar as definições e terminologias mais utilizadas para designar um ser humano em idade avançada, já que uma das certezas da vida, é que a cada dia todo mundo envelhece. Alguns envelhecem mais rapidamente do que outros e nem todos vivem esse processo da mesma maneira. Assim, percebendo que se trata de um processo individual e que sofre a influência de vários fatores, abordamos também as questões biopsicossociais envolvidas no processo e finalmente apresentamos a proposta de um outro olhar sobre a velhice.

### **1.1- CORPOREIDADE IDOSA: CAMINHOS PARA O ENTENDIMENTO DO SER QUE ENVELHECE**

Ao tentarmos articular nossas reflexões e delinear caminhos, lembramo-nos de Coelho e Souza (2004, p. 58), quando se referem à história: O que é a velhice:

Ana Cintra conta que seu filho pequeno, com a curiosidade de quem ouviu uma nova palavra, mas ainda não entendeu seu significado, perguntou-lhe: - Mamãe, o que é velhice? Na fração de segundo antes da resposta, Ana fez uma verdadeira viagem ao passado. Lembrou-se dos momentos de luta, das dificuldades, das decepções. Sentiu todo o peso da idade e da responsabilidade em seus ombros. Tornou a olhar para o filho que, sorrindo, aguardava uma resposta. – Olhe para meu rosto, filho. Isto é a velhice. E imaginou o garoto vendo as rugas e a tristeza em seus olhos. Qual não foi sua surpresa quando, depois de alguns instantes, o menino respondeu: - Mamãe! Como a velhice é bonita!

Junto à história de Ana Cintra, estava a música de Gonzaguinha “Feliz”: “Viver, e não ter a vergonha de ser feliz [...] a beleza de ser um eterno aprendiz [...] eu sei que a vida podia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita é bonita, é bonita e é bonita”. Pois bem, os artistas nos revelam: A velhice é bonita. A vida é bonita. Portanto, envelhecer é belo, porque envelhecer é viver, viver é envelhecer, tanto que só pode envelhecer quem está vivo. Viver é construir história, trilhar caminhos possíveis, pois somos constantemente desafiados pela vida. A vida é dinâmica, um processo contínuo de modificações.

Mas associamos essas modificações apenas às mudanças corporais que acometem o ser humano em seu processo de envelhecimento. Nesta concepção, a velhice deixa de ser bela, pois o ideal estético se faz sobre o corpo jovem, este sim dotado de beleza, vigor, saúde. A sociedade classifica e determina, negativamente, pelo corpo, o que é ser velho. A visão de um corpo que se apresenta com mudanças na aparência: cabelos brancos, rugas, fragilidade, flacidez, anunciam a chegada da velhice que aprendemos repudiar. Monteiro (2000a, p. 22), apresenta-nos algumas considerações sobre o corpo velho:

O corpo velho não é visto apenas como corpo, mas também como um pacote de atributos estigmatizante a respeito da personalidade, do papel social, econômico e cultural do que é ser velho. Esta categoria angustiante da velhice impõe a não aceitação e abominação do próprio corpo, forçando-o ao distanciamento, buscando arduamente um corpo perfeito através de métodos que anunciem o rejuvenescimento a qualquer custo, fixando-se na imagem de uma juventude eterna [...]. Não aceitar o corpo, não valorizá-lo da maneira que ele se apresenta, é estar também desprovido do presente, é viver perdido entre a memória de situações passadas, que busca referências que possam trazer conforto e o medo de um futuro que não reserve mais possibilidades.

Por que quando envelhecemos não aceitamos as transformações do corpo? Por que não aceitá-lo e valorizá-lo da maneira como se apresenta? Diante das indagações e o desejo de nos integrar a este momento reflexivo, e quem sabe, ordenarmos nosso pensamento, acreditamos ser necessário a busca do

entendimento do corpo ao longo da história. Para tanto, resgatamos Moreira (1994), o qual nos reporta a visão antropológica tradicional, donde o corpo se torna aprisionado, ora ao comando do pensamento, ora ao comando do espírito. O autor nos alerta que de Platão a Descartes o pensar predominou sobre o existir, com a máxima: “Penso, logo existo”. Para Kant, quem comanda as ações naturais (corpóreas) é o espírito e a Antropologia cristã divulgava a idéia de que o corpo era um obstáculo para o desenvolvimento do espírito.

Como conseqüência, prossegue o autor, não é a concretidade do corpo que tem valor, e sim a idéia de como esse corpo está no mundo e o que pode conseguir do mundo, ou seja, a importância não está no ser humano, mas nas suas atitudes e funções. Desta forma, temos uma visão de corpo objeto, abstrato, coisificado, sem sujeito, corpo do homem sem o humano, corpo manipulável pela educação. Corpo de reações controladas, sem vontades próprias, prisioneiro do tempo, do trabalho, do tornar ágil sem problemas.

Temos assim, um corpo a serviço da classe dominante, imposto pelos valores culturais vigentes e, deste modo, precisa ser um corpo forte, sadio, bonito, com capacidade para produzir mais. “O corpo que envelheceu é considerado desvalorizado, repulsivo, pois não apresenta atratividade, produtividade, acarretando a possibilidade de perder a auto-estima. É o exílio corporal do velho” (SIMÕES, 1995, p. 123).

Esta visão reflete um conhecimento racional, mecanicista do idoso, desconsiderando a experiência vivida, seus anseios e suas potencialidades. Ou seja, o corpo envelhecido não tem mais serventia, não se inclui mais nos padrões de beleza e eficácia, tem seus anseios anulados, fragilizando-se cada vez mais ao envelhecer, porque para os improdutivos não há lugar na sociedade de produção. As transformações corporais advindas com o envelhecimento não são aceitas, uma vez que essas transformações não são encaradas como parte de um processo natural de envelhecimento.

Encontramos em Santin (1992, p. 53), o endosso desta idéia:

A imagem de corpo não surge das experiências existenciais da vida pessoal, ao contrário, a primeira imagem consciente de corpo

que cada um constrói obedece aos modelos impostos pelos valores culturais vigentes.

Os preconceitos que envolvem a terceira idade levam os idosos a um sentimento de incapacidade, de inércia, presente nos dizeres de Gonçalves (2001, p. 174):

O próprio idoso assume, na maioria das vezes, a ideologia da produtividade. Não se sentindo participante ativo no processo de produção, restringe seu próprio espaço vital, fechando-se a novas possibilidades. Nesse processo, reduz também sua vida de movimentos, o que, por sua vez, acelera o envelhecimento.

Deste modo, temos um corpo representado como uma máquina. Com o propósito de suscitar reflexões a esse respeito, destacamos Capra (1987, p. 55), em sua análise do paradigma cartesiano, o qual resgata Descartes, que privilegiou a mente em relação ao corpo, concluindo que os dois são diferentes e separados ao afirmar que: “[...] não há nada no conceito de corpo que pertença à mente, e nada na idéia de mente que pertença ao corpo”. Sua concepção de corpo humano era a de uma máquina, movida pela mente considerando suas várias funções biológicas como operações mecânicas. Como nos aponta Moreira (1994, p. 54), um corpo “esquadrinhado, analisado pela lógica formal, deveria apresentar reações previsíveis, numa relação permanente de causa-efeito”.

Dizia Descartes: “[...] não reconheço qualquer diferença entre as máquinas feitas por artífices e os vários corpos que só a natureza é capaz de criar”. E continua: “[...] considero o corpo humano uma máquina [...] Meu pensamento [...] compara um homem doente e um relógio mal fabricado com a idéia de um homem saudável e um relógio bem feito” (CAPRA, F.1987, p. 57).

Diante deste contexto, Monteiro (2001, p. 84), nos apresenta suas indagações: “Será que somos castigados pelo tempo? [...] Enferrujamos pela passagem dos anos? [...] Funcionamos mal porque nossos componentes estão velhos? Em determinada época, precisaremos ser substituídos pelos mais novos?”

E assim, continua o autor, será que estamos falando de ser humano ou de uma máquina?

Esta visão mecanicista aproxima o indivíduo à condição dos objetos inanimados, máquinas de reação controlada, funcionando por meio de cadeias lineares de causa e efeito, sem a possibilidade de sentir, pensar e agir, uma máquina impossibilitada de criar, de desejar. Se não há desejo, não há movimento, não há aprendizagem, não há crescimento. Os sentidos se acomodam, a repetição se torna uma constante.

A ausência de desejo na velhice, principalmente quando são perdidas as funções sociais, leva os indivíduos ao isolamento e a solidão que degenera, levando-os a acreditar que esta situação é normal nesta etapa da vida, retirando qualquer possibilidade de desenvolvimento, de movimento em relação à vida, conforme nos aponta Monteiro (2000a, p. 23):

Toda batalha travada com a finalidade de construir uma imagem de um corpo perfeito, que se mostre belo ao mundo se estabelece pelo medo da não aceitação por parte dos outros. Medo de ficar à deriva, de não ter mais direito ao prazer e às escolhas. É neste sentido que aparece a negação do corpo presente e a vivência na procura ilusória de uma imagem de corpo jovem que possa agradar ao outro, ou a própria desistência da busca do convívio, preferindo o afastamento no âmbito do passado, que favorecerá o silenciar das sensações e o distanciamento de si mesmo, retirando do corpo o seu movimento natural, tornando-o um corpo repetição, ou seja, uma marionete do acaso.

Por medo de não ser aceito, o idoso acaba negando o seu corpo, estabelecendo uma identidade definida pela relação que estabelece com o outro, alteridade jovem. A esse respeito, vale destacar as considerações de Mercadante (1997), para quem a problemática das identidades sociais, estudada pela Antropologia, aponta para as relações de contrastividade como sendo elementos fundamentais na construção das identidades. Partindo deste ponto, se temos a idéia de que a identidade do “eu” é construída pela oposição à identidade do “outro” e vice-versa, a identidade do velho é construída pela oposição à identidade do jovem. Como conseqüência temos também a contraposição das qualidades: a

beleza, força, capacidade produtiva, memória, como características típicas dos jovens e as qualidades opostas presente nos idosos. A mesma (1997, p. 27), complementa:

As qualidades atribuídas aos velhos, que vão definir o seu perfil identitário são estigmatizadoras e são uma produção ideológica da sociedade. Os velhos conhecem e também partilham dessa ideologia que, entretanto, define o velho em geral, mas não em particular. Assim sendo, pessoalmente não se sentem incluídos no grande modelo ideológico. O partilhar da ideologia revela o fato lógico de que algum grupo de indivíduos preencha os requisitos necessários para serem classificados como velhos. Dessa forma, se o “velho” não sou “eu”, o velho é o “outro”. As diferenças, as qualidades pessoais são, então, levantadas e apresentadas para definir uma identidade pessoal que se contrapõe à categoria genérica de velho.

Partindo dessas considerações, concordamos com as reflexões de Capra (1987, p. 14) na tentativa de buscar perspectivas de transformação com o objetivo de transcender o pensamento reducionista, que desvaloriza o homem como ser humano, despreza o corpo e a experiência vivida:

Precisamos, pois, de um novo paradigma – uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. Os primórdios dessa mudança da transferência da concepção mecanicista para a holística da realidade já são visíveis em todos os campos e suscetíveis de dominar a década atual.

Simões (1995), nos alerta para o fato de que alguns profissionais na área da motricidade humana, com o intuito de buscar identidade da sua área de conhecimento, estão almejando mudar este paradigma mecanicista introduzindo conhecimentos mais amplos em relação à motricidade humana, à corporeidade, buscando alterar a vertente que explica a presença de homem no mundo, condição fundamental para uma visão mais abrangente do ser humano. Para a autora (1995, p. 116):

Este novo paradigma abandona a idéia de homem dividido, somado por partes, para dar lugar ao ser humano que é corpo, necessita relacionar-se com outros seres humanos e que tem, ao longo de sua existência, uma história de vida que lhe é própria e deve ser respeitada.

Com o propósito de satisfazer as necessidades e os desejos, como seres unos e indivisíveis, carregando as histórias e símbolos, carecemos de prosseguir almejando possibilidades para a compreensão de um ser global, para tanto, recorremos a Moreira (1995, p. 26), o qual nos alerta que é através do corpo que se chegará a uma concepção global do ser humano: “O corpo revela uma personalidade e ao mesmo tempo uma cultura que entrelaçam no estabelecimento de uma sociedade; que o corpo não pode continuar sendo encarado como simples habitação do espírito, pois sem ele o espírito não se concebe [...]”.

Somos um corpo que transcende o organismo, somos ao mesmo tempo uma realidade plenamente biológica e cultural, reconhecida por Morin (2000, p. 52), como “unidualidade originária”:

O homem é, portanto, um ser plenamente biológico, mas, se não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível. A cultura acumula em si o que é conservado, transmitido, aprendido, e comporta normas e princípios de aquisição.

Para compreendermos um pouco mais a questão do corpo num paradigma sistêmico, resgatamos Gonçalves (2001), para a qual, Merleau Ponty, possibilita uma visão do corpo e do movimento integrados na totalidade humana. Suas obras perpassam por uma crítica radical ao paradigma cartesiano que, separando o corpo do espírito, o sujeito do objeto, instaurou no conhecimento uma cisão, de um lado o objetivismo da ciência, de outro idealismo filosófico. Busca a compreensão do homem de forma integral, ser uno e indivisível, como unidade corpórea-espiritual, conceituando-o “corpo-próprio”, sendo ao mesmo tempo, corpo e espírito, sujeito e objeto, interioridade e exterioridade, natureza e cultura, num movimento que é a própria vida e o tecido da história.

Moreira (1994), nos reporta a pensadores como Nietzsche, Freud, Marx, entre outros, donde a idéia de corpo é substituída pela concretude da experiência corporal. A esses pensadores somam-se os fenomenologistas, como Heidegger e Merleau Ponty, recuperando o corpo unitário através do ser-no-mundo e do ser-ao-mundo.

Essa conexão ser-no-mundo, se dá através da experiência da percepção, estabelecendo-se seu mundo vida, que é o mesmo da vivência cotidiana imediata no qual vive, tem aspirações, age e sente-se ora satisfeito, ora contrariado (MERLEAU – PONTY, 1994; FORGHIERI *apud* OKUMA, 2002).

Para que haja percepção, é necessário que exista intencionalidade, a qual é direcionada pela consciência. A consciência é sempre consciência de alguma coisa e é sempre intencional. A intencionalidade é o ato de atribuir sentido, e é ela que une consciência e objeto, sujeito e mundo. Por meio da intencionalidade, ele se abre para o mundo que tem significação para si (MERLEAU-PONTY, 1994).

E ao se abrir para o mundo por meio da intencionalidade o corpo sujeito, corpo vivido, toma lugar do corpo objeto, corpo pensado. O corpo vivido é complexo, misterioso, busca a sua auto superação, pois se sabe carente e prático, “subordina a ação de pensar à sua própria vida e história, inclusive nos momentos que produz vida e história” (MOREIRA, 1994, p. 58).

A caminhada dentro do processo de envelhecimento, depende da habilidade em ter conhecimento de si mesmo, e estar pré-disposto a ir em direção ao outro e ao mundo. Desta forma, consciente de si, consciente de seus desejos, abrir-se para o mundo, com sonhos e projetos, na perspectiva do querer, do seguir adiante, buscando a auto superação.

Entendemos que falar sobre o corpo em toda a sua amplitude é transcender o sistema orgânico para compreender o ser humano idoso num processo de vivência, através das experiências, aquisições e perdas que são acrescentadas em todos os momentos de sua existência, e não somente na velhice. O corpo, portanto, é a totalidade daquilo que o homem percebe, sente, vive. É o conjunto de significados daquilo que ele já viveu e está vivendo, e que o situa dentro desse conjunto. Okuma (2002, p. 33), nos revela:

Portanto, as pessoas não têm um corpo bonito ou feio, gordo ou magro, hábil ou inábil, capaz ou incapaz, ativo ou passivo, doente ou saudável [...]. As pessoas são o próprio corpo que expressa uma forma gradativamente construída para lidar com as exigências das experiências de vida. Essas formas têm significados, pois são as experiências da existência configuradas no corpo.

Para Merleau-Ponty (1994), o corpo vivido é fisiológico e o corpo fisiológico é vivido. Ambos os corpos constituem a existência, não havendo necessidade de integrá-los, pois são um único corpo, fisiológico e vivido.

O que marca o ser humano são as relações dialéticas entre o seu corpo, sua alma e o mundo no qual se manifestam, relações estas que transformam o corpo humano numa corporeidade, ou seja, numa unidade expressiva da existência (FREITAS, 2004).

Somos um corpo e é neste corpo que existimos no mundo e é nele que somos corporeidade. Com o intuito de buscarmos algumas reflexões construídas sobre corporeidade, resgatamos alguns autores.

Para Moreira (2001, s.n.) corporeidade é:

Voltar viver novamente a vida, na perspectiva de um ser unitário e não dual, num mundo de valores existenciais e não apenas racionais, ou quando simbólicos [...] buscar transcendência, em todas as formas e possibilidades, quer individualmente quanto coletivamente [...]. Ser mais é sempre viver a corporeidade, é sempre ir ao encontro do outro, do mundo e de si mesmo.

Prossegue o autor:

Corporeidade sou eu. Corporeidade é você. Corporeidade somos nós, seres humanos carentes, por isso mesmo dotados de movimento para a superação de nossas carências. Corporeidade somos nós na íntima relação com o mundo, pois um sem o outro são inconcebíveis.

Nos dizeres de Nóbrega (2000, p. 80), corporeidade pode ser entendida como “[...] a condição essencial do ser humano, sua presença corporal no mundo,

um corpo vivo que cria linguagem e se expressa pelo movimento, com diferentes sentidos e significados”.

Corporeidade implica “[...] a inserção de um corpo humano em um mundo significativo, a relação dialética do corpo consigo mesmo, com os outros corpos, expressivos e com os objetos de seu mundo [...]” (FREITAS, 2004, p. 57).

Pelas citações podemos observar que corporeidade abrange o corpo vivo e em movimento e ao relacionar-se diretamente com a cultura e a história, configurando o espaço e o tempo, expressa a unidade do ser-no-mundo.

Quando tratamos de corporeidade estamos diante de um grande desafio, pois não existem fórmulas para sua compreensão. Conforme nos aponta Guedes (1995), resta-nos a tentativa de encarar uma concepção mais ampla do corpo, numa relação dialética dele com ele mesmo, com os outros e com os objetos do seu mundo, ou continuarmos presos às armadilhas reducionistas, desvalorizando o homem como ser humano, desprezando o corpo, a experiência vivida e o mundo-vida. Para Santin (1992, p. 55):

A imagem da corporeidade de nossa cultura racionalizada, cientificizada e industrializada em nada garante o cultivo do corpo, ao contrário, o reduz a um objeto de uso, um utensílio, uma ferramenta a ser usada segundo a vontade de cada um ou, o que é pior, conforme os interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos.

Para focalizarmos a atenção ao corpo idoso, é necessário que ele seja valorizado e respeitado, não como um instrumento de trabalho a ser usado, mas como um domínio do ser que explora e enriquece a experimentação, adquirindo o aprendizado que a vida oferece. Assim, como estabelecer uma imagem de corporeidade capaz de cultivar corpos humanos? O próprio Santin (1992, p. 67), nos remete à reflexão:

[...] assim, pode-se dizer que a corporeidade é culto e cultivo do corpo. Não pode ser só cultivo porque pode dar a impressão do plantio de árvores, flores ou cereais, uma ação muito manual, mecânica, que acontece de forma externa. Não pode ser só culto porque pode significar que a corporeidade seja algo pronto,

acabado e completo, que precisa ser venerado e contemplado. A corporeidade precisa ter a dignidade da ação sagrada e festiva e, ao mesmo tempo, a cotidianidade do esforço e trabalho criativo.

Para o autor, o importante não é saber o sentido da corporeidade, mas saber construí-la, ou ainda, vivê-la. A corporeidade é um tema por si mesmo complexo e passível de armadilhas, idéias explicativas jamais substituirão as vivências da corporeidade.

Ou seja, a corporeidade deve ser mais do que uma coisa apreendida, deve significar um desafio para a imaginação e a criatividade. De acordo com Santin (1992, p. 64):

A corporeidade humana inspirada nessas linhas gerais precisa ser um desenvolvimento harmonioso como um concerto musical ou uma obra de arte em que nenhum aspecto ao alcance da criatividade de cada vida humana possa ser esquecido ou maltratado.

Complementando o autor, vale as considerações de Monteiro (2000b, p. 60) sobre criatividade:

Podemos ser criativos e refazer nossas crenças, reescrevendo nossa história na temporalidade, transformando o olhar para ver o belo e aceitar as diferenças, percebendo melhor que tudo e todos que estão a nossa volta fazem parte de um processo contínuo de interação recíproca.

Em relação à obra de arte, referida por Santin (1992), acrescentamos Monteiro (2000b, p. 59) que coloca:

É preciso assumir um compromisso semelhante ao do artista que vê beleza nas formas, independente do seu padrão. Exemplo disso, está na escultura “La belle haumiére” de Rodin, que é a figura de uma velha mulher com braços e pernas retorcidos, magros e enrugados, demonstrando cansaço e fraqueza na forma castigada pelo tempo. Não obstante a velha apresentar-se feia a certos olhos, ela demonstra beleza em sua totalidade, pois beleza é contextual. Como assinala Rodin: “Em arte, beleza é caráter. Só vale o que realmente preenche a intenção da natureza,

plenificando-a concretamente. Só vale o que nos impressiona com absoluta verdade”. Ele a vê bela porque vê em seu corpo cansado a verdade da existência, a mais profunda realidade.

Podemos ver beleza na corporeidade idosa, porque vemos no corpo envelhecido a verdade da existência. No pensamento de Nietzsche, citado por Nóbrega (2000, p. 25), “[...] a existência do homem só tem sentido naquilo que lhe seria mais humano, seu próprio corpo”. A partir do corpo, o homem pode sentir, pensar e agir, e desta forma pode conseguir sua realização como ser humano.

Entender o ser humano idoso para além do reducionismo é fazer uma analogia com as palavras de Morin (1999, p. 181):

Isso quer dizer que não podemos mais considerar um sistema complexo segundo a alternativa do reducionismo (que quer compreender o todo partindo só das qualidades das partes) ou do “holismo” que não é menos simplificador e que negligencia as partes para compreender o todo. Pascal já dizia: “Só posso compreender um todo se conheço, especificamente, as partes, mas só posso compreender as partes se conhecer o todo”.

Para Monteiro (2000a, p. 57), o ser humano é maior do que a soma de suas partes e não blocos de ossos e músculos empilhados ou, ainda, um modelo de máquina cartesiana com peças separadas. O ser humano é:

[...] é multidimensional, vivendo numa complexa rede de relação com tudo e com todos. Neste sentido, todo organismo humano como um sistema complexo, possui um dinamismo que requer flexibilidade para o seu desenvolvimento em seu próprio tempo. O envelhecimento do ser humano não pode se resumir em um sentido único de declínio, mas como um processo contínuo de transformação, que supõe os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais interdependentes.

Objetivando possíveis reflexões sobre o ser humano, mais especificamente sobre o ser humano idoso, resgatamos alguns resultados encontrados por Simões

(1995), num estudo realizado com os idosos da Universidade da Terceira Idade, projeto desenvolvido pela Universidade Metodista de Piracicaba, acerca da visão que os idosos têm em relação à corporeidade vivida.

Os idosos referem-se às restrições ligadas às questões estéticas impostas pela sociedade, que prioriza o modelo do corpo perfeito, no entanto, a ausência da estética padrão, não revela obstáculo para que os idosos apreciem ou mesmo tenham prazer em seus corpos, explorando outras oportunidades que a vida oferece, é preciso descobrir o ser humano idoso, que existe com autenticidade e com sonho.

É preciso revelar a beleza interior, pois quando descobriremos que somos um todo indissociável, compreenderemos que ser um ser humano idoso é apenas uma maneira de adquirir beleza. Assim, Monteiro (2004, p. 8), nos revela:

Não precisaremos pensar que ser jovem é ser bonito e ser velho é ser feio, pois a beleza está em nós porque somos seres com potencialidade irrestrita, somos instáveis e envelhecemos. Se não envelhecêssemos não teríamos nenhuma possibilidade. Como posso acreditar que o dia de amanhã será melhor do que o de hoje? Porque envelheço. Envelhecer é mudar, é ir além da forma de nós mesmos, buscando descobrir um melhor caminho de ser e de viver. Quando acreditamos nisso um novo horizonte se abre aos nossos olhos.

Nascer, viver, envelhecer e morrer é um processo natural e para que esse processo seja completo o ser humano idoso precisa viver sua existência, viver em sociedade, com seus deveres e direitos assegurados, tendo participação e integração com outras pessoas, segurança, renda própria, cuidado adequado e o desejo de viver trilhando caminhos possíveis.

Articuladas as reflexões para o entendimento do ser humano que envelhece, temos como propósito no próximo item, apresentar algumas definições e classificações utilizadas para designar um ser humano em idade avançada.

## 1.2 – O SER HUMANO QUE ENVELHECE: definições e terminologias

Chega um momento em nossas vidas que envelhecer se torna relevante, mais evidente, ou seja, torna-se mais perceptivo. O momento é diferente para cada um e como nos diz Spidurso (2005, p. xi), “[...] a consciência pode ser repentina ou sutil, porém, em uma determinada idade, cada um de nós realmente compreende pela primeira vez que não somos imortais”.

Destacamos aqui a descoberta de Alves (2001, p. 21), “foi assim que eu me descobri velho, ao ver a minha imagem refletida no espelho dos olhos daquela moça”. A moça a que o autor se refere é a que lhe cedeu o lugar no assento do metrô. O mesmo nos relata o início de seu “caso de amor” com a velhice, com o rigor de um silogismo:

Primeira premissa: eu sou velho, o gesto da moça do metrô o atesta. Segunda premissa: a velhice é a tarde imóvel, banhada por uma luz antiqüíssima; a metáfora poética assim o declara. Terceira premissa: essa tarde imóvel me encanta, é bela. Conclusão: a velhice é bela como a tarde imóvel.

Para Beauvoir (1990, p. 353), nosso inconsciente ignora a velhice. A velhice está presente no outro e também somente a partir do olhar do outro, vemos que estamos velhos, nos dizeres da autora:

É normal, uma vez que em nós é o outro que é velho, que a revelação de nossa idade venha dos outros. Não consentimos nisso de boa vontade. Uma pessoa fica sempre sobressaltada quando a chamam de velha pela primeira vez.

Continuando essa relação, eu e outro, Beauvoir (1990, p. 348) em outro momento de seu texto, reflete: “Em mim, é o outro que é idoso, isto é, aquele que sou para os outros: e esse outro sou eu. [...] a velhice aparece mais claramente para os outros, do que para o próprio sujeito”.

Desse modo, surpreendemo-nos quando o outro nos identifica como o idoso, o velho. Nesse sentido, Botelho, Leite e Loures (2002, p. 1381) resgatam os dizeres do poeta Carlos Drummond de Andrade:

É na convivência com as pessoas diariamente, na observação das mudanças que nelas ocorrem, que nos damos conta de que existe a velhice, [mas nesse estágio diz ele ainda] não nos damos conta da nossa própria velhice. É preciso que os outros reparem, é preciso que os outros nos tratem com atenções especiais ou com o desprezo pela velhice, é preciso que as outras pessoas nos façam sentir que estamos velhos pelos olhos dos outros.

O envelhecer é único para cada ser humano, um processo de transformação contínua em seu tempo vivido. Há diferenças na percepção, no ritmo, na duração e nos efeitos deste processo. Uns se preocupam mais do que os outros com as marcas corporais deixadas pelo tempo como cabelos brancos, rugas, flacidez muscular e muitos têm medo de com a velhice venha a solidão, a dependência física, econômica e a morte.

Afinal, qual é então a idade da velhice? Acreditamos que determinar a idade em que uma pessoa pode ser considerada idosa é uma tarefa difícil, complexa e subjetiva.

Mascaro (1997, p. 38), apresenta-nos um relato de uma pesquisa fotográfica sobre o lazer popular no Jardim da Luz, em São Paulo. Foi montada uma exposição com fotos e um dos idosos fotografados procurou o seu retrato entre os diversos painéis montados, quando achou disse: “Vocês me puseram junto dos velhos”. De acordo com a pesquisadora e fotógrafa os outros painéis mostravam uma certa vitalidade que naquele não existia: crianças, namorados, atividades. Ou seja, a marginalidade acabou sendo reforçada: banco dos velhos, painel dos velhos, lugar dos velhos. Para Mascara, esse depoimento ilustra a “diferença existencial entre ser idoso e sentir-se idoso e as dificuldades de se determinar qual a idade da velhice”.

Temos assim, várias idades a serem consideradas. Rodrigues (2000), aponta-nos algumas definições. Para a mesma, **idade cronológica** é definida

como o tempo de vida a partir de nascimento da pessoa e nem sempre ela caminha com a idade biológica. É o número de anos vividos por uma pessoa, tomando-se por base a expectativa média de vida da sociedade em que vive. A **idade biológica** é determinada pela herança genética e pelo ambiente, diz respeito às mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo. É a condição ou estado em que o corpo se apresenta, não estando necessariamente relacionado à idade cronológica.

De acordo com Neri (2001a), o conceito de **idade psicológica** pode ser usado em dois sentidos. O primeiro refere-se à relação que existe entre a idade cronológica e as capacidades, tais como percepção, aprendizagem e memória, as quais prenunciam o potencial de funcionamento futuro do indivíduo. O segundo conceito tem relação com o senso subjetivo de idade, o qual depende de como cada pessoa avalia a presença ou ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento em comparação com outros indivíduos de sua idade.

A **idade social** é determinada por regras, normas e expectativas sociais que controlam através do critério de idade o desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade. As normas constroem o que chamamos de relógio social, que estipula o que as pessoas numa determinada época histórica, social e cultural devem ou não fazer. Temos como exemplo a idade certa de ir para a escola, de escolher uma profissão, de se casar, de se aposentar entre outras. De uma maneira geral, as pessoas acabam por caminhar de acordo com o relógio social que demarca as idades e épocas certas para desempenhar tarefas psicossociais (NERI, 2001a). A mesma autora apresenta-nos também a **idade funcional**, entendida como o grau de conservação do nível de capacidade adaptativa, em comparação com a idade cronológica.

Por entendermos que o envelhecimento vai além da idade cronológica, gostaríamos de acrescentar a **idade existencial**, a qual diz respeito a existência humana na complexidade das dimensões física, biológica, psicológica, funcional, social e cultural, associada a uma nova concepção de tempo, um tempo subjetivo,

pertencente a cada um, que pode ser compreendido como totalidade, existência, possibilidade do ser, possibilidade de transformação como ser único em seu tempo vivido.

A idade cronológica é um conceito neutro, lembra o dia de nosso aniversário, servindo apenas para sabermos que número colocar nos formulários. É uma escala numérica, não parece ser um meio legítimo para situar as pessoas no tempo, pois como nos alerta Martins (1998, p. 12), “o homem não está no tempo, é o tempo que está no homem”. A idade existencial se refere ao tempo vivido, como nos diz Monteiro (2000b) é uma pertença existencial e subjetiva, ou seja, os anos vividos dizem respeito somente ao sujeito que os vive.

Para Martins (1998), não somos apenas Cronos, um tempo determinado, marcação quantitativa do tempo em dia, meses, anos, horas, mas Kairós, energia acumulada pelas experiências vividas, atento ao instante, ao momento, que, sem negar a dimensão de Cronos, imprime ao tempo um novo significado, o qual se ocupa do aspecto qualitativo e é capaz de, igualmente imprimir uma nova significação ao nosso existir. Como nos revela Alves (2001, p. 68):

*Chronos* é um tempo sem surpresas: a próxima música do carrilhão do relógio de parede acontecerá no exato segundo previsto. *Kairós*, ao contrário, vive de surpresas. Nunca se sabe quando sua música vai soar. [...] Quem sabe somar e multiplicar tem a chave para entender as medições de *chronos*. Além disso, havia o espelho: na sua imagem refletida estão as marcas da passagem do tempo, inclusive o cabelo, já branco antes da hora. Mas o coração não entende *chronos*. Coração entende vida.

Pensar o indivíduo a partir de uma concepção Kairós, em tempo interno, implica em compreender toda uma experiência existencial, significa ter uma perspectiva mais próxima do ser humano, ao passo que a percepção somente de um tempo externo (anos, dias...), não apreende a idéia do ser em transformação, em que as idéias do passado, presente e futuro unem-se (MERCADANTE, 1998).

Pensar em idade existencial é pensar no ser humano na dimensão biopsicossocial, a partir de uma concepção Kairós, o que de acordo com Mercadante (1998, p. 29) implica em:

Promover a quebra de uma incongruência que se dá entre dois tempos: externo e interno, vividos pelos sujeitos velhos. Pensar “Kairós” significa romper com o entendimento de velhice como um estigma e de se pensar no velho como um sujeito pleno de desejos, e também sujeito de seu próprio destino.

Diante essas definições e da necessidade de delimitar os sujeitos de nosso estudo, o limite baseado em idade cronológica, apesar de ser um indicador um tanto impreciso, pois na maioria das vezes não corresponde à idade existencial do indivíduo, é um dos mais utilizados para estabelecer o início do processo de envelhecimento. Num trabalho científico, para análise epidemiológica ou com propósitos administrativos, de planejamento ou de ofertas de serviços e do estabelecimento da idade para o início da aposentadoria é usado o processo cronológico. Para Neri (2001b), o critério cronológico funciona como ponto de referência e como elemento organizador, uma vez que vivemos num mundo temporalizado.

No Brasil existem dois documentos oficiais, a Lei 8.842 de 4 de Janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, no seu “Artº 2 Considera-se idoso, para os efeitos desta Lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade”, e a Política Nacional de Saúde do Idoso, sancionada pelo Ministério da Saúde, publicada no Diário Oficial em 13 de Dezembro de 1999, que define a idade a partir dos 60 anos para designar idoso (VERAS, 2004, p. 151).

A despeito destas singularidades, o presente trabalho adotará como critério de classificação do idoso, as pessoas com 60 anos ou mais.

Neri (2001b), aponta-nos alguns aspectos (gênero, classe social, saúde, educação, fatores de personalidade, história de vida e contexto histórico) como elementos importantes que se mesclam com a idade cronológica para determinar diferenças entre os idosos. A subjetividade é um item que concorre para a

configuração dessa heterogeneidade, que determina, por exemplo, que o indivíduo se sinta, ou não, alinhado com uma parcela da população identificado como idoso e que apresente padrões de comportamento esperados para uma ou outra categoria etária.

Para compreendermos o processo de envelhecimento, faz-se necessário esclarecermos alguns termos, cujo conjunto constituem componentes que estão intimamente relacionados a esse processo, e como nos alerta Neri (2001b), a linguagem utilizada pelos pesquisadores na sua área de interesse é de fundamental importância para a construção do conhecimento. Assim, compreender alguns termos relacionados à velhice é o ponto de partida para a reflexão de qualquer profissional que pretenda entender o idoso. Para melhor entendimento, selecionamos alguns autores para apresentar suas conceituações, interpretações e reflexões visando a obter maiores informações.

**Envelhecimento** de acordo com Neri (2001b) e Papaléo Netto (2002), pode ser considerado como um processo universal, pautado geneticamente para a espécie e para cada indivíduo, dinâmico, progressivo e inerente a todo ser vivo, com modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que se traduz em diminuição da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, em aumento da vulnerabilidade, em acúmulos de perdas evolutivas e maior incidência de processos patológicos, aumentando a probabilidade de morte.

**Velhice** pode ser entendida como a fase final do ciclo da vida, delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo, por exemplo, perdas psicomotoras, sociais e afetivas. Hoje é comum falar em velhice inicial, velhice e velhice avançada, pois à medida que o ciclo vital humano se alonga, a velhice passa a comportar subdivisões que atendem às necessidades organizacionais da ciência e da vida social (NERI, 2001b). Papaléo Netto (2002), conceitua velhice, como última fase do ciclo vital, caracterizada por redução da capacidade funcional, calvície, redução da capacidade de trabalho e da resistência, perdas dos papéis sociais, solidão, perdas psicológicas, motoras e afetivas. O autor nos alerta para o fato de que não há uma consciência clara de que através de características

físicas, psicológicas, sociais, culturais e espirituais, possa ser marcado o início da velhice.

A **velhice** na concepção de Mascaro (1997, p. 9), “[...] é uma fase natural da vida e não há como fugir deste ciclo: nascimento, crescimento, amadurecimento, envelhecimento e morte”. Um ciclo evidente que deve (ou deveria) seguir uma trajetória progressiva e contínua, salvo alterações no curso de vida que possam antecipar o processo. Esse pensamento é reforçado por Beauvoir (1990, p. 124), quando afirma o inexorável: “[...] morrer prematuramente ou envelhecer, não existe outra alternativa”.

Assim encarada, a **velhice** faz parte do desenvolvimento humano integral, é o resultado dinâmico de um processo global de vida, durante o qual o indivíduo se modifica incessantemente. Portanto, não podemos pensar a velhice como um evento isolado, dissociado do contexto de vida anterior a ela. Bobbio (1997, p. IX), nos apresenta a seguinte reflexão sobre a velhice:

[...] a velhice não é uma cisão em relação à vida precedente. É uma continuação da adolescência, da juventude, da maturidade que podem ter sido vividas de diversas maneiras. Por exemplo, como uma montanha a ser escalada, como um rio em que se está imerso, como uma selva em que se está perdido.

**Velho ou idoso** é entendido como o indivíduo que pode ser assim categorizado em termos da duração de seu ciclo vital, como a pessoa que está vivenciando esta fase final, com idade avançada, que normalmente acumulou e enfrentou experiências ao longo da vida (NERI, 2001b; PAPALÉO NETTO, 2002).

Considerando que o envelhecimento é um processo complexo, heterogêneo e singular, apresentaremos a seguir, visando a uma melhor compreensão desse processo, uma formulação em separado, apenas para efeito didático, dos aspectos biopsicossociais do envelhecimento.

### 1.3 - ASPECTOS BIOPSIKOSSOCIAIS DO ENVELHECIMENTO

Sabendo que o processo de envelhecimento é individual, dependente, que sofre influências de diversos fatores e em decorrência da alta idade cronológica ocorrem modificações biopsicossociais, constatamos através de Jordão Netto (1997); Mazo, Lopes & Benedetti (2001); Neri (2001a) e WHO (2005), que o envelhecimento humano pode ser definido de diferentes maneiras: envelhecimento biológico, psicológico, social e funcional.

**Envelhecimento biológico** é entendido como um processo natural, dinâmico, contínuo e irreversível, que se instala em cada indivíduo desde o nascimento, acompanhando-o por todo o tempo possível de vida culminando com a morte. Há diferenciações entre os indivíduos e até diferenciações no mesmo indivíduo quando alguns órgãos envelhecem mais rápido que outros. As principais alterações que podem sobrevir no envelhecimento biológico ocorrem nos seguintes sistemas: cardiovascular, imunológico, endócrino, reprodutor feminino e masculino, músculo-esquelético, nervoso, respiratório, gastrointestinal, renal e as principais alterações nucleares, citoplasmáticas e teciduais.

Tais modificações acarretam como consequência mudanças externas (flacidez muscular, rugas na pele, branqueamento dos cabelos, entre outras), mudanças internas, representadas pelo funcionamento irregular de alguns órgãos vitais como o coração, fígado, pulmões, rins, e também por alterações no metabolismo basal (respiração, circulação, tônus muscular, atividade glandular e temperatura corporal). Essas perdas orgânicas e funcionais acabam por diminuir a capacidade que cada pessoa tem para adaptar-se ao meio ambiente, tornando-a mais vulnerável aos processos patológicos, terminando num prazo maior ou menor, por levá-la à morte natural (JORDÃO NETTO, 1997; MAZO, LOPES & BENEDETTI, 2001; NERI, 2001a).

O **envelhecimento social** ocorre de formas diferenciadas nas mais diversas culturas e num determinado momento histórico, pois à medida que o ser humano envelhece, perde papéis e funções sociais, estando relacionado à capacidade de produção do indivíduo, tendo a aposentadoria como seu referencial

mais marcante. A aposentadoria leva o idoso a se afastar de sua atividade profissional, podendo levá-lo a um processo de marginalização social. A falta de ter o que fazer aumenta a sua marginalização perante si mesmo, a família e a sociedade, criando um sentimento de inutilidade, de exclusão do mundo produtivo e conseqüentemente da sociedade (MAZO, LOPES & BENEDETTI, 2001; NERI, 2001a).

Para neutralizar os aspectos negativos da aposentadoria e transformá-los numa realidade menos repulsiva, algumas empresas integram em suas políticas de recursos humanos, os chamados Programas de Preparação para a Aposentadoria (PPA), visando à preparação psicológica do pré-aposentado para o enfrentamento dessa nova realidade em busca de sua satisfação pessoal, através do engajamento em atividades como participação em grupos de convivência, estudos, atividades físicas, filantrópicas e realização de cursos (MAZO, LOPES & BENEDETTI, 2001).

Os fatores psicológicos que incluem a inteligência e capacidade cognitiva (como a capacidade de resolver problemas e de se adaptar à mudanças e perdas), são indícios fortes de envelhecimento bem sucedido. Durante o processo de **envelhecimento psicológico**, algumas capacidades cognitivas (inclusive a rapidez de aprendizagem e memória) diminuem naturalmente com a idade. No entanto, essas perdas podem ser compensadas por ganhos em sabedoria, conhecimento e experiência. Frequentemente observamos que o declínio no funcionamento cognitivo é provocado pelo desuso, doenças, fatores comportamentais (como consumo de álcool e medicamentos), fatores psicológicos (por exemplo, falta de motivação, de confiança e baixa expectativa) e fatores sociais (como a solidão e o isolamento), mais do que o próprio envelhecimento (WHO, 2005).

Há outros fatores psicológicos que são adquiridos ao longo do curso da vida que exercem grande influência no modo de envelhecer de cada indivíduo. A auto-eficiência (crença na capacidade de exercer controle sobre sua própria vida) está relacionada às escolhas pessoais de comportamento durante o processo de envelhecimento e à preparação para a aposentadoria. Saber lidar com

adversidades determina o nível de adaptação a mudanças (como ninho vazio, viuvez, aposentadoria) e crises do processo de envelhecimento (privação e o surgimento de doenças). Indivíduos que se preparam para a velhice e se adaptam a mudanças fazem um melhor ajuste para esta fase da vida (WHO, 2005).

Quando o indivíduo começa a depender de outros para a execução de suas atividades básicas de vida diária (AVDs): arrumar-se, vestir-se, alimentar-se, fazer a toalete, banhar-se, locomover-se e também para o cumprimento das atividades instrumentais da vida diária (AIVDs): fazer compras, pagar contas, cozinhar, usar meios de transporte, temos o **envelhecimento funcional** (SANTOS, 2000; NERI, 2001a). Neri (2001a), reforça a visão de que a incapacidade para o desempenho das AVDs e AIVDs não significa impedimento para a continuidade do funcionamento cognitivo e emocional. A autora nos alerta para o fato de que os idosos, assim como pessoas de quaisquer idades, são capazes de ativar mecanismos de compensação e otimização para lidar com perdas em funcionalidades, utilizando recursos tecnológicos, requisitando apoio social e psicológico, ou controlando o comportamento de outras pessoas.

Percebe-se que o envelhecimento não é um processo único e nem dependente de apenas um fator. Há que se considerar as diferenças individuais, a heterogeneidade e diversidade das experiências de vida, reconhecendo a descrição de padrões de envelhecimento, entendida como “uma orientação geral para a observação de tendências e não como o estabelecimento inequívoco de categorias independentes, tem, portanto, valor relativo” (NERI, 2001b, p. 32). De acordo com a autora, os critérios adotados para o estabelecimento dos padrões combinam longevidade, presença de patologias e conservação dos mecanismos adaptativos do organismo. Desta forma, a partir de modificações fisiológicas que acontecem no decorrer da vida, destacam-se, a seguir, os aspectos abordados pela mesma identificando-os como primário, secundário e terciário.

O **envelhecimento primário**, também referido como **senescência** ou **envelhecimento normal**: diz respeito às mudanças intrínsecas ao processo de envelhecimento, apresentando uma diminuição da capacidade de adaptação do indivíduo. Trata-se de um fenômeno universal, progressivo e irreversível, porém

não patológico. Comporta gradações porque está sujeito à influência concorrente de muitos fatores. Entre eles podem ser citados: dieta, exercício, exposição a eventos estressantes, educação e alguns traços de personalidade que se relacionam com a saúde, posição social, dentre outros aspectos que podem ocasionar diferentes maneiras de envelhecer. Como exemplo de mudanças típicas desse processo, podemos citar a redução do sono, o aparecimento dos cabelos brancos, das rugas, a diminuição da massa óssea e muscular, da força, do equilíbrio entre outros.

O **envelhecimento secundário ou patológico** diz respeito ao fenômeno que apresenta alterações ocasionadas por doenças associadas à idade, que não se confundem com as mudanças normais desse processo, pois nesta fase da vida, aumenta a vulnerabilidade a fatores externos de risco e a fatores intrínsecos de degeneração como: doenças cérebro-vasculares e as cardiovasculares, esclerose múltipla, Mal de Alzheimer, entre outras.

O **envelhecimento terciário** se relaciona ao declínio terminal, em que ocorre grande perda física e cognitiva, em um período relativamente curto de tempo, normalmente levando à morte, quer por causa de doenças dependentes da idade ou pela acumulação dos efeitos do envelhecimento normal e do patológico.

Quando os declínios físico e mental apresentam-se lentos e graduais, o fenômeno fisiológico pode ser considerado um envelhecimento sadio, sendo chamado de **Senescência** (envelhecimento primário). Porém, se ele vier acompanhado de desorganização mental e/ou patologias, ele é conhecido como **Senilidade** (envelhecimento secundário ou terciário). Vale lembrar que a senilidade não é exclusiva da idade avançada, pode acometer também os mais jovens, ocorrendo prematuramente, com considerável perda física e cognitiva (SIMÕES, 1994).

Em verdade, o envelhecimento e a fase da velhice fazem parte das experiências de ser vivo, e o importante é que não se pense que ficar velho é ficar doente, uma vez que o envelhecimento normal não é doença e que o progresso social e tecnológico e a disseminação de hábitos saudáveis fazem com que aumente o número de idosos que possam vivenciar um envelhecimento bem

sucedido. Para complementar resgatamos os dizeres de Weininger e Menkin (1979, p. 24):

Viver é envelhecer e, para mim, estar vivo constitui prazer. Tratar os anos mais tardios como se fossem um apêndice doentio da vida, e não uma conclusão vital, é parte da neurose de nosso tempo. [...] Não existe razão para temer a idade, salvo se você não compreender a natureza do processo de viver. Ninguém vive abundantemente o tempo todo; não vive, seja velho ou moço. Os períodos de prazer intenso em nossas vidas vêm e se vão. Envelhecer não é uma doença, é um processo natural.

#### **1.4 – UM OUTRO OLHAR SOBRE A VELHICE**

A visão equivocada sobre envelhecimento, velhice e velho, associando-os predominantemente com perdas e doenças está presente em nossa sociedade. De acordo com Simões (1995), os idosos têm consciência de suas restrições, inclusive rejeitam as informações que tratam exclusivamente de questões de doença ou na perspectiva das perdas, no entanto, não é empecilho para que possam experimentar diferentes formas de viver.

Na convivência com os idosos pudemos observar que este fenômeno é complexo e subjetivo. Percebemos que os idosos carregam consigo a vida presente, vivida com intensidade e com prazer. Corroborando com nossas experiências resgatamos Ramadan citado por Okuma (2002, p. 15), ao relatar sua vivência pessoal com idosos. Para o autor, há pessoas claramente apegadas à vida:

Tais pessoas são regidas pelo princípio do prazer. Não empreendem passivamente a contagem regressiva para a morte, mas, ao contrário, são extremamente apegadas aos menores e mais elementares prazeres da vida. São pessoas que permanecem nas condições que lhes convêm, exercendo poder, tendo atividades satisfatórias e contatos humanos intensos. Tais comportamentos evidenciam o fato de que, para a pessoa, o que importa é viver sua existência, independente de estar na velhice.

Podemos complementar com os dizeres de Simões (1995, p. 114), a afirmativa acima no sentido de reforçar a experiência vivida, os anseios e potencialidades dos idosos:

A experiência de vida dos idosos enriquece o sensível da vida e deixa brotar, das cicatrizes do passado, energia e vivacidade. Eles já não têm tanta força nos músculos, mas têm fibra suficiente para ter esperança de viver um futuro ainda criança.

Temos em Okuma (2002, p. 200), os mesmos achados. Diz a autora: “Aprendi, ao olhar para o prazer com que desfrutam a vida e a intensidade com que a vivem, pois há o prazer em existir. [...] o significado maior dessa experiência foi a descoberta do existir e da possibilidade do amanhã”.

As preocupações com as questões relativas ao envelhecimento suscitaram inúmeras pesquisas, Freitas (2005, p. 4), ao realizar um estudo antropológico sobre este processo tendo como foco de principal atenção os Bailes da Terceira Idade e a participação feminina, revela-nos o seguinte:

O ponto marcante e comum entre todas as mulheres com quem conversei, é o prazer, a alegria, o tom brincalhão com que falam de suas aventuras, artimanhas, tristezas, ganhos e perdas na experiência de envelhecer. De como enfrentam as limitações impostas pela idade, na importância das amigas nessa fase da vida. Interessante é que são amizades atuais, não é o caso de amigos do tempo que criaram os filhos ou de quando eram solteiras, são redes que se formam pela participação nos eventos propostos pela terceira idade e que implicam em várias transformações no cotidiano dessas mulheres. [...] O baile, assim, pode também ser pensado como o lugar de vivenciar novas experiências como o amor, a amizade, a beleza, o feminino e a sexualidade.

Junqueira (1998), ao realizar uma pesquisa na Universidade Aberta à Terceira Idade, observou que os alunos idosos não só mantiveram os conhecimentos adquiridos antes do ingresso à Universidade, como também

evoluíram e foram capazes de utilizar mecanismos cognitivos para a aquisição de novas formas de conhecimentos atuais, como exemplo a autora cita: aprendizagem e habilidade para informática e a aquisição de outros idiomas como o inglês e o espanhol.

Partindo dessas considerações, urge que tenhamos um novo olhar voltado para o fenômeno do envelhecimento. De acordo com Okuma (2002), olhar para a velhice considerando somente os aspectos negativos, dando-se importância somente para as perdas, é olhar com parcialidade para o processo de envelhecer. Desta maneira, a velhice deve ser vista como fase com potencial para o crescimento, assim como as demais fases do curso de vida.

Acreditamos que a corrente teórica conhecida como “life-span” ou curso de vida, apresenta um novo olhar sobre o processo de envelhecimento. Trata-se de uma das mais influentes correntes teóricas na emergente área da Psicologia do Envelhecimento, que estabeleceu um modelo sobre a velhice normal ou bem-sucedida, que olha para a velhice sob uma perspectiva de desenvolvimento, como fenômeno que acontece ao longo da vida, considerando as variáveis do contexto que podem influenciá-la.

O termo envelhecimento bem-sucedido apareceu na Gerontologia em 1960, esclarecendo que velhice e envelhecimento não são sinônimos de doença, inatividade e contração geral no desenvolvimento. A partir de 1960, os pesquisadores passaram a investigar os aspectos positivos da velhice, como potencial para desenvolvimento, a heterogeneidade entre os idosos, a multidimensionalidade e a multicausalidade associada a este processo (FREIRE, 2000).

As principais condições associadas ao termo bem-sucedido são: baixo risco de doença e de incapacidades relacionadas à doença; funcionamento mental e físico excelentes; envolvimento ativo com a vida, que proporciona uma velhice produtiva através do trabalho, lazer e participação na sociedade; saúde mental positiva; satisfação geral com a vida; potencial para desenvolvimento do bem-estar físico, social e psicológico. Em geral, o envelhecimento bem-sucedido refere-se a um nível alto de saúde física e à capacidade generalizada para responder

com flexibilidade aos desafios biológicos, psicológicos, econômicos e sociais. Está relacionado com a capacidade do indivíduo em manter ou restabelecer o bem-estar psicológico em uma situação que implica perda de capacidade ou limitações, estar satisfeito com a vida atual e ter expectativas positivas em relação ao futuro (NERI, 2001a).

O envelhecimento bem-sucedido é visto por Freire (2000, p. 24), como uma competência adaptativa do indivíduo, ou seja:

[...] a capacidade generalizada para responder com flexibilidade aos desafios resultantes do corpo, da mente e do ambiente. Esses desafios podem ser biológicos, mentais, autoconceituais, interpessoais ou socioeconômicos. Segundo os estudiosos, essa competência adaptativa é multidimensional: (a) emocional, no sentido das estratégias e habilidades do indivíduo para lidar com os fatores estressores; (b) cognitiva, em relação à capacidade para resolução de problemas; e (c) comportamental, no sentido do desempenho e da competência social.

A autora citada destaca algumas estratégias para se ter um envelhecimento bem-sucedido, dentre elas: ter um estilo de vida saudável, fortalecer as capacidades de reserva do indivíduo por meio de atividades, aumentar a formação e manutenção de laços socioafetivos, ter flexibilidade individual e social, cultivar novos hábitos, aperfeiçoar as habilidades sociais, engajar-se em atividades produtivas e ter significado para a vida.

Esta concepção descrita por Baltes & Baltes (1991), propõe que tanto o desenvolvimento quanto o envelhecimento são processos adaptativos que envolvem ganhos e perdas, sendo sempre multifuncional e multidirecional, ou seja, não é caracterizado por processos isolados de crescimento e declínio. Num mesmo período do desenvolvimento, as mudanças podem assumir diferentes direções, inclusive crescimento num domínio e declínio em outro.

Nesse sentido, resgatamos Neri (2002, p. 13), que diz: “envelhecer satisfatoriamente depende do equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo o qual lhe possibilitará lidar, em diferentes graus de eficácia, com as perdas inevitáveis do envelhecimento”.

Tendo como base a teoria do envelhecimento bem-sucedido, Neri (2001c), apresenta um modelo teórico contendo seis dimensões do funcionamento positivo para explicar o bem-estar na velhice:

- Auto-aceitação: atitude positiva em relação a si próprio e a seu passado, aceitando características boas e más;
- Relações positivas com os outros: ter relações de qualidade, satisfatórias e verdadeiras, de afeto;
- Autonomia: significa ser autodeterminado e independente, ter habilidade para resistir às pressões sociais;
- Domínio sobre o ambiente: ter senso de domínio e competência para manejar o ambiente, aproveitando as oportunidades;
- Propósito de vida: ter metas e sentido de direção, possuir crenças e objetivos que dão sentido à vida;
- Crescimento pessoal: desenvolvimento como pessoa, estar aberto a novas experiências, ter senso de realização e eficácia.

Além das dimensões descritas, existem outros fatores que podem favorecer o envelhecimento bem-sucedido. Temos como exemplos: as oportunidades educacionais, a criação de ambientes favoráveis, a freqüência às atividades de lazer, o desenvolvimento de novas habilidades artísticas e intelectuais, a religiosidade e a atividade física (NERI, 1995).

Em relação à atividade física, importa-nos neste momento relatar alguns dos benefícios que esta proporciona ao organismo, dentre os quais destacam-se: o aumento da força muscular, do fluxo sanguíneo, da flexibilidade e amplitude de movimentos. Ao mesmo tempo, vê-se uma melhora na postura, da estética corporal, da densidade corporal óssea, dos aspectos neurais, cognitivos, da auto-estima, da integração social e ainda, diminuição do percentual de gordura, a resistência à insulina, da ansiedade e de alguns casos de depressão. Em idosos, além dos benefícios já citados, há melhora no equilíbrio, na coordenação, na

resistência e na força física, reduzindo assim a frequência de quedas e fraturas, diminuição da morbidade e mortalidade, do número de medicamentos prescritos, bem como, maior longevidade, melhoria na manutenção da saúde, nas doenças crônicas e manutenção da independência e autonomia (MATSUDO & MATSUDO, 1992; NIEMAN, 1999; OKUMA, 2002).

Araújo (2001, p. 32), destaca que os programas adequados de atividade física colaboram com a diminuição do processo degenerativo do organismo e ajudam os idosos “a entender as transformações pelas quais passam (nas esferas biológicas (limitações físicas), psíquicas (morte de pessoas conhecidas) e sociais (perdas econômicas, produto da aposentadoria, perda da família, solidão e outros)”.

Okuma (2002), realizou um estudo junto a um grupo de terceira idade que freqüentava um programa de atividades físicas direcionadas a essa faixa etária. Esta pesquisa confirmou as tendências da literatura nacional e internacional que revelam múltiplos benefícios nos domínios físico, afetivo, cognitivo e social. Para a autora: “foi a partir das experiências corporais que os idosos puderam descobrir, gradativamente, suas possibilidades de realização e de resgate de suas possibilidades de Ser” (OKUMA, 2002, p. 195).

Diante dessas considerações, vale destacar o entendimento de Okuma (2002, p. 198), em relação à educação física para idosos:

Assim, entendo que a educação física para o idoso deva levá-lo à descoberta de si mesmo, ao autoconhecimento, para que possa sempre atualizar suas potencialidades e reconhecer-se como singular. Não se trata de um realizar mecânico de atividades, com objetivos definidos como os únicos a ser considerados, mas o realizar de atividades que tenham significado, que devem ser vividas na sua totalidade, pois o Ser é total. Desse modo, não podemos compreender a atividade física que busca apenas diminuir a hipertensão e o diabetes, melhorar a condição do coração, tornar músculos mais fortes e flexíveis, ter movimentos mais ágeis, buscar maior capacidade funcional, menor tensão e depressão, ou melhorar o relacionamento social [...]. Olhar para esses aspectos em separado é ver um idoso decomposto em partes e, portanto, como coisa. Cada uma dessas condições são constituintes do Ser, que sempre é totalidade.

Encontramos essa compreensão também em Gonçalves (2001, p. 169), que assim se pronuncia a esse respeito:

O papel da Educação Física na problemática do envelhecimento é de grande importância e consiste em concretizar objetivos inerentes à aquisição e à manutenção da saúde, à vivência das horas de lazer, e, sobretudo, em auxiliar o idoso a redescobrir em seu ser a corporeidade e o movimento. Permitindo ao idoso sentir-se como um ser ativo, com capacidade de vivenciar novas experiências de movimento e de interação com outros, a Educação Física constitui-se em uma força construtiva de um enorme potencial, pois resgata no idoso o prazer de viver plenamente como unidade corpóreo-espiritual, ampliando suas possibilidades de engajamento em um projeto existencial que preencha de sentido sua vida.

Com este novo olhar para a velhice, podemos dizer que, satisfação com a vida, bem-estar, sexo, perspectiva de futuro, projetos de vida, prazer em viver, ou simplesmente viver, não são condições particulares dos jovens, mas do ser humano em sua existência.

De acordo com Monteiro (2000b), esse novo olhar deve estar voltado para desestruturar conceitos estanques a respeito dessa faixa etária, formar uma nova estrutura de pensamento. Um pensamento que rompa com a identidade de velho que tanto nos angustia, abrindo espaço para um novo ser humano: que reconheça e aceite seu valor interno; que considere as perdas como espaço para novas aquisições; que reescreva seus conceitos, ressignificando sua história de vida para que possa flexibilizar suas características individuais; que esteja aberto para a criatividade, sonhos, desejos, descobrindo novas formas de trilhar o seu caminho, que aceite o tempo presente como “presente”, dádiva, ou seja, o único momento que se tem verdadeiramente entre passado e futuro. Enfim, perceber a realidade, ser criativo e refazer suas crenças, reescrevendo sua história na temporalidade, transformando seu olhar para ver o belo e saber conviver com as diferenças.

Como nos alerta Okuma (2002, p. 49):

[...] a existência humana abarca o vivido, o vivendo e o a viver. O homem não se encontra restrito àquilo que faz ou está fazendo, mas também tem possibilidades futuras de fazer que podem transformar sua vida atual. A abertura para novas possibilidades e novos projetos faz parte do existir humano, propiciando a vivência da liberdade no sentido de mudá-la totalmente, ou de mantê-lo na mesma direção.

Podemos compreender que o corpo é a totalidade daquilo que o homem percebe, transforma, sente, cria, vive. O corpo é, portanto, o conjunto de significados daquilo que já vivemos e estamos vivendo, desta forma, cada história de vida, cada experiência dá uma nova forma ao corpo que se constrói ao longo da vida e reflete o próprio sujeito que envelhece.

Compreendendo a velhice como um conceito historicamente construído que se inscreve ativamente na dinâmica das crenças, dos valores e da cultura em que o indivíduo esta inserido, e o que é tido como uma crença válida para determinado grupo, pode não ser para outro, dependendo dos eventos sociais que afetam e afetaram a experiência individual e coletiva, pretendemos com esse projeto, buscar reflexões para que possamos mudar nosso paradigma sobre a velhice, promovendo mudanças culturais nas concepções sociais vigentes criando possibilidades de desenvolvimento nesta fase da vida.

Portanto nossa indagação? Ser velho, relaciona-se à idéia de perdas, sejam elas biológicas ou sociais? Um termo que traz consigo idéias de estagnação, inutilidade, além de falta de capacidade pessoal e isolamento social? Ser velho significa ser aquele indivíduo que se encontra no final da vida, esperando a morte?

Ou como nos alerta Cachioni (2003), sob a influência do progresso social que se refletiu no aumento da expectativa de vida e na melhoria da qualidade de vida, aos poucos foi sendo revisto o conceito clássico segundo o qual o avanço da idade é algo negativo em si mesmo. A velhice aos poucos passou a ser vista também como um momento da vida na qual pode-se viver com prazer, satisfação, realização pessoal, de maneira mais madura e também produtiva.

A partir do questionamento feito pretendemos verificar, no contato com idosos da comunidade tirolo-trentina como representam o envelhecimento, regulam seus comportamentos, sentimentos, relações e até mesmo senso de identidade. Desta forma objetivamos no próximo capítulo apresentar a comunidade tirolo-trentina.

**CAPÍTULO II**  
**COMUNIDADE TIROLO-TRENTINA**



**“BENVENUTI ALLE COMUNITÁ TRENTINI: SANTANA E SANTA OLÍMPIA”**  
**(Bem vindo à comunidade trentina: Santana e Santa Olímpia)**

## **CAPÍTULO II**

### **COMUNIDADE TIROLO-TRENTINA**

Neste capítulo temos como objetivo relatar a história da comunidade tirolotrentina, apresentando num primeiro momento os acontecimentos históricos ligados à autonomia da Província Autônoma de Trento, a fim de esclarecer as duas formas de identificação dos moradores da comunidade, ora tirolezes ora trentinos. A seguir, faremos uma contextualização histórica narrando fatos da situação da Itália e do Brasil na época da imigração, para depois relatarmos como se deu à formação da comunidade com a compra das duas fazendas em Piracicaba e assim, finalizarmos com os aspectos culturais dos bairros: festas, culinária, música, religião.

#### **2.1 – A PÁTRIA DE ORIGEM**

Os moradores da comunidade Trentina, ora se identificam como tirolezes (austríacos) ora como trentinos (italianos). Isto ocorre porque a região de origem dos primeiros imigrantes era denominada Tirol, sendo parte do então Império Austro-Húngaro. Depois da Primeira Guerra Mundial, em 1919, passou a ser parte da Itália, com o nome de Trento. Para melhor entendimento desse fato e baseadas em Lando (1997), faremos um pequeno relato dos acontecimentos históricos daquela época.

Figura 1: Os acontecimentos históricos ligados à autonomia na síntese gráfica de Daniela Ferrari



Fonte: Lando (1997, p. 12).

Na Itália existem cinco províncias denominadas autônomas, que geograficamente pertencem ao país, mas não dependem dos impostos federais. O Estado Italiano, Trentino, é organizado em dezenove Regiões e duas Províncias: as Províncias de Trento e de Bolzano.

Habitada desde o Paleolítico, a Província de Trento passou por uma série de governos até chegar na sua condição de autônoma. Após o governo de Carlos Magno, o Trentino teve a experiência de quase soberania (que durou 800 anos) do Principado Episcopal de Trento. Um principado que se mantém em um contínuo contrapeso entre os dois poderes máximos da Idade Média: o Papa e o Imperador, que nomeavam os príncipes bispos. Esta ambivalência foi determinante para a escolha de Trento como sede do Concílio (1545 – 1563), convocado pelo Papa com o objetivo de afrontar a reforma protestante nos estados germânicos.

O principado episcopal, que tinha permanecido por oito séculos, foi eliminado em 1803 em função da invasão de Napoleão. De 1806 a 1809, o

Trentino sofre com a ocupação dos bávaros (aliados de Napoleão contra a Áustria) e de 1810 a 1813, é agregado ao Napoleônico Reino da Itália.

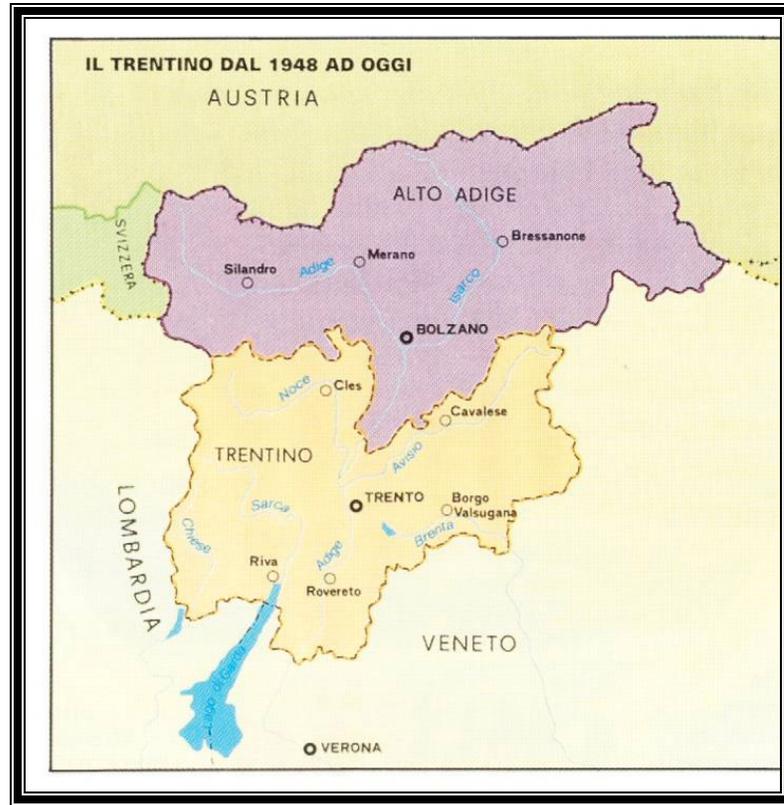
Em 1813, o Trentino é ocupado e, em seguida anexado ao Império austro-húngaro como parte do Tirol. Nesta fase verifica-se o fenômeno da grande imigração, levando muitos trentinos a deixarem o país com passaporte austríaco. A Primeira Guerra Mundial iniciou-se no ano de 1914, e no ano seguinte, a Itália, rejeitando uma tardia oferta da Áustria de ceder-lhe o Trentino, entra em guerra com o emblema “Trento e Trieste”.

A Áustria é derrotada em 1918 e com o tratado de paz o Trentino vem anexado à Itália. Porém, o sonho de autonomia prometido pelo rei da Itália, em 1919, se vê distanciado com o advento do fascismo em 1922.

A Itália se liberta do Fascismo em 1943 com o início da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). No entanto Hitler retira Trentino da soberania italiana e o anexo com as províncias de Bolzano e Belluno ao Alpenvorland (princípio do Reich Alemão) permanecendo até a derrota de Hitler no ano de 1945.

Em 1946 a nova Constituição Republicana criou a Região Autônoma do Trentino – Alto Ágide, formada pelas Províncias de Trento e Bolzano, mantendo estatuto especial de autonomia, com poderes legislativos sobre matérias econômicas, ambientais, culturais e de ensino. As competências provinciais excluídas se referem à defesa, à política exterior, à política tributária e às principais especializações escolares.

Figura 2: Mapa das Províncias Autônomas de Trento e Bolzano, as quais são unidas na Região Autônoma Trentino - Alto Adige



Fonte: Lando (1997, p. 28)

Devido à dificuldade de identificação da nacionalidade do grupo, em virtude do contexto histórico acima referido, optamos por adotar o termo “tirol-trentino”, utilizado por Leme (2001, p. 25), em sua pesquisa:

Resolvemos nomear o lugarejo como *comunidade tirol – trentina*. Dessa forma estaríamos contemplando aqueles que se julgam *tirolese*s, que são os mais velhos (de Santana e de Santa Olímpia) e alguns moradores jovens do bairro de Santa Olímpia, e os que se consideram *trentinos*, os demais membros da comunidade. [...] o não uso de um ou de outro termo implicaria a negação da história que cada adjetivo pátrio nos revela, e daí decorre toda a dificuldade em identificá-los apenas por um destes vocábulos.

## 2.2– O CONTEXTO HISTÓRICO: a trajetória do Imigrante – da Itália ao Brasil

O Brasil passava por mudanças que reconfiguraram a sua sociedade. A situação política do século XIX, não era nada animadora para os fazendeiros da época, o rumor sobre a abolição da escravidão, fez com que se iniciasse o aliciamento de imigrantes estrangeiros para as lavouras de café, as quais estavam em constante expansão pelo oeste de São Paulo.

A crise na Itália coincide com as campanhas que o Governo Imperial Brasileiro começara a realizar na Europa para a colonização do Brasil, com o objetivo de atrair mão-de-obra. A situação na Itália chegara a tal ponto, que o próprio governo italiano estimulava as pessoas a buscarem em outras terras as condições mínimas de sobrevivência que seu país não oferecia.

Neste contexto cabe resgatarmos trecho extraído da canção *Itália bella, mostrati gentile*, citado por Alvim (1986, p. 17):

Itália bela, mostre-se gentil e os filhos seus não a abandonarão,  
senão, vão todos para o Brasil, e não se lembrarão de retornar.  
Aqui mesmo ter-se-ia no que trabalhar sem ser preciso para a  
América emigrar. O século presente já nos deixa, o mil e  
novecentos se aproxima. A fome está estampada em nossa cara e  
para curá-la remédio não há. A todo momento se ouve dizer: eu  
vou lá, onde existe a colheita do café.

A autora considera a canção, um “documento precioso” para quem adentra a história da imigração italiana no Brasil, a partir da perspectiva do trabalhador, revelando dados sobre emigração além do “fazer América” conforme nos relata Alvim (op. cit. p. 18):

A miséria que assolava o campo italiano, a decisão de abandonar a pátria, assim como a revolta cantada de forma quase intuitiva, são dados que esta canção nos fornece e demonstram que o ato de emigrar não implicava simplesmente “fazer América”, como em geral se interpreta. Era também uma forma de resistência às duras condições de vida impostas pela penetração do capitalismo no campo italiano.

O maior êxodo de imigrantes europeus ao Brasil, ocorreu entre as últimas décadas do século XIX e a Primeira Guerra Mundial, como consequência também do processo lento, mas progressivo da abolição da escravatura. Ao mesmo tempo em que o abolicionismo se tornava uma campanha de cunho popular, iniciava-se o fluxo de imigrantes para suprir as necessidades de mão-de-obra (HUTTER, 1987).

No ano de 1870, os fazendeiros percebendo a iminência de ficar sem o trabalhador agrícola, visto estar em andamento o processo de abolição da escravidão, seguida por leis que aos poucos foram dificultando a aquisição e manutenção dos escravos, partiram a procura de imigrantes estrangeiros como fonte alternativa de mão-de-obra, para trabalhar na lavoura, em substituição aos escravos negros.

Por outro lado, um dos países mais aptos a liberar trabalhadores era a Itália, devido às suas condições econômicas e sociais, conforme nos relata Hutter (1987, p. 75):

Recém-unificada, embora faltasse ainda a anexação de alguns territórios, em 1870, a Itália se encontrava entre os países pobres e de alto índice de população. O excesso de população e a falta de terras cultiváveis provocavam uma distorção na oferta e procura de mão-de-obra. Na Itália, a oferta era maior do que a procura, enquanto que no Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos... a procura superava a oferta. Essa coincidência de situações concorreu para que se desse a grande emigração em direção não só ao Brasil como aos referidos países, além de outros.

Para o autor, o fator político, também concorreu como mola propulsora da emigração assim como a obrigatoriedade do serviço militar, quando os jovens partiam para o exterior com o intuito de não prestarem o referido serviço.

Até 1885, considerado o primeiro momento da emigração para o Brasil, a grande maioria das famílias que saíram da Itália, pertencia ao universo dos meeiros, dos pequenos proprietários e dos arrendatários. No referido país, a indústria nascente não permitiu a absorção do excesso de mão-de-obra, expulsa pela agricultura, portanto, a emigração torna-se um fenômeno essencial de equilíbrio sócio-econômico. A expulsão maciça era um fato, como demonstra

Longhitano citado por Alvim (1986, p. 24): “[...] a emigração para a Itália, é uma necessidade. Precisamos que partam de 200 a 300 mil indivíduos por ano, para que possam encontrar trabalho os que ficam”.

Por outro lado no Brasil, principalmente em São Paulo, a demanda por trabalhadores livres crescia, pois a produção de café avançava rapidamente, passando a ser o principal produto brasileiro de exportação e fonte de renda do país.

Dentro deste contexto é possível constatar, que a emigração se apresentava como solução para a crise de desemprego que assolava a Itália desde 1870; e no Brasil, a imigração serviria como substituição à mão-de-obra escrava nas fazendas.

Segundo os relatos de Leme (2001), raramente os emigrantes tinham idéia sobre o país que os esperavam, mas acreditavam que poderiam sair da miséria, da fome que passavam em seu próprio país e que conseguiriam tornar-se proprietários de terras. A maioria dos imigrantes adentrava o país com um destino: força de trabalho para as lavouras.

### **2.3– TRAJETÓRIA DO IMIGRANTE: de Trento ao Brasil**

No final do século XIX, mudanças estruturais no quadro social, econômico e político da Europa geraram uma forte crise de subsistência na região do Tirol. Barreiras alfandegárias, impostos e taxas sobre a propriedade e produção rural, o desgaste ambiental causado pela agricultura, o militarismo, a Pelagra citada por Santos (1998, p. 131) como : “[...] o trabalho prolongado, especialmente nos campos, debaixo da força do sol; as habitações insalubres e a pouca higiene; a comida ruim; mas, sobretudo, o uso exclusivo do milho [...]” , a explosão demográfica, levaram a uma concentração da propriedade de terra, diminuindo as chances de concorrência dos pequenos proprietários, culminando com o aumento no excedente de mão-de-obra camponesa. A Província de Trento, então território

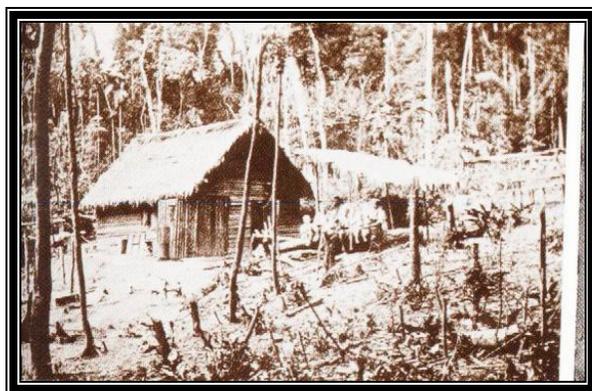
sob domínio austríaco, foi assolada pela fome e pela falta de trabalho remunerado, tornando a vida no campo impossível.

Analisando as difíceis condições do campo trentino, cabe ressaltar as palavras de um imigrante italiano (Memorial do imigrante, 2004), em resposta a um ministro, também italiano, que o aconselhava a não emigrar:

Que coisa entendeis por uma nação, Senhor Ministro? É a massa dos infelizes? (...) Plantamos e ceifamos o trigo, mas nunca provamos o pão branco. Cultivamos a videira, mas não bebemos o vinho. Criamos os animais, mas não comemos a carne... Apesar disso, vós nos aconselhais... A não abandonar a nossa pátria. Mas é uma pátria a terra em que não se consegue viver do próprio trabalho?

A emigração trentina iniciou-se por volta de 1860, tendo como destino o continente americano. No início muitos foram aos Estados Unidos da América e após 1870, seguiram em direção ao Brasil (GROSSELLI, 1987).

*Figura 3: Fotos da época, emigrados trentinos no Brasil*

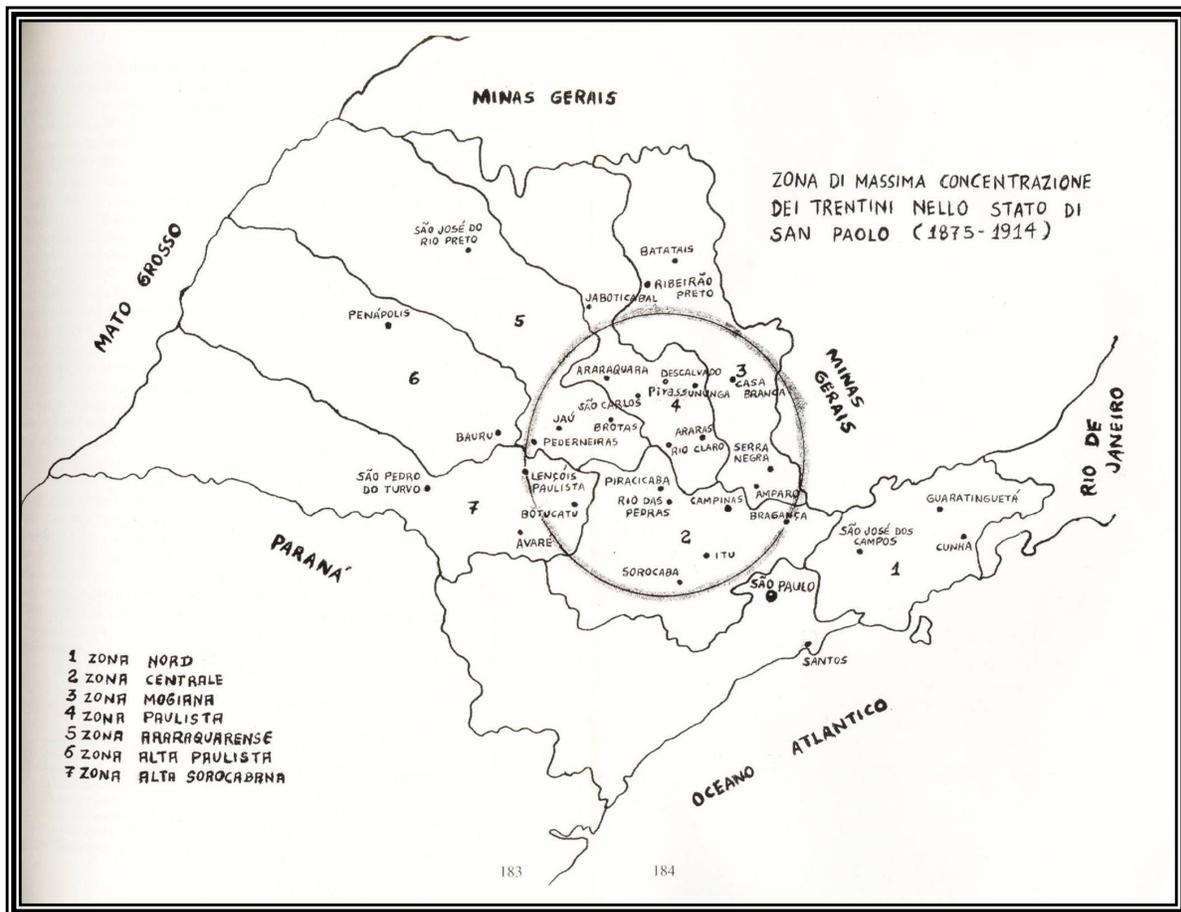


Fonte: Biasi (1997, p. 83)

O sociólogo Grosselli (1991, p. 154), revela-nos o grande êxodo ocorrido entre 1872 e 1914.

Entre o ano de 1872 a 1914 entraram no Brasil setenta e oito mil e trezentos e cinqüenta e oito austríacos. Destes, vinte e sete mil quatrocentos foram para São Paulo. Conforme os dados de Sobral estes últimos foram um mil e quinhentos e sessenta e dois a mais. Baseando-nos sempre nestas estatísticas e considerando a falta de dados para o ano de 1876 e 1881, poderíamos tranqüilamente supor que cerca de trinta mil cidadãos pertencentes ao Império Austro-húngaro tinham imigrado para São Paulo durante o período considerado. Constituem 38% daqueles austríacos que foram ao interior do Estado de São Paulo.

Figura 4: Zona de maior concentração de tirol - trentinos no Estado de São Paulo



Fonte: Grosselli (1991, p. 183).

Vale destacar que a demanda de imigrantes se deu para o interior de São Paulo, e no caso Piracicaba, que a partir da segunda metade do século XIX acolheu muitos imigrantes, dentre eles espanhóis, italianos, libaneses, sírios, tirolezes e outras etnias, sendo que a maioria desses imigrantes contribuiu para o aspecto econômico da cidade.

Neste sentido, a própria trajetória da formação de Piracicaba está intrinsecamente ligada à produção canavieira, desde a sua introdução por volta de 1792 em sesmarias ao longo do rio, até sua evolução como cidade.

Leme (2001), destaca que Piracicaba despontava no início do século XX como grande força agrícola, não só em cana-de-açúcar, mas também, segundo estatísticas de 1900, com a produção de café. Este crescimento acelerado exigiu a necessidade de mão-de-obra. A solução foi introduzir os imigrantes italianos no trabalho da lavoura cafeeira e os trabalhadores locais e migrantes nas canavieiras.

Por volta de 1934 os principais agricultores residentes em Piracicaba eram todos oriundos do antigo Tirol, residindo nos bairros de Santana e Santa Olímpia, este englobando a Fazenda Negri (LEME, 2001). Os respectivos bairros fazem parte do Distrito de Santa Terezinha, Município de Piracicaba (SP), encontrando-se a aproximadamente 23 Km do centro da cidade, margeando a Rodovia Piracicaba-Charqueada. Bairros que concentram num mesmo núcleo a maior comunidade tirol-trentina do Brasil, segundo informações do representante da Província de Trento no Brasil.

A história tirol-trentina foi citada porque os idosos dessa comunidade é que serão objeto de investigação da nossa pesquisa que tem por objetivo buscar o significado de envelhecer.

## **2.4– PIRACICABA: a formação da Comunidade Tirol-Trentina**

Os imigrantes saíam da Itália e da Áustria com as famílias ou solitários, a pé, de carroça ou de trem, dirigiam-se aos portos de Nápoles e Gênova. Segundo Martins (1973, p. 78), “Quem se encaminhava para Gênova já tinha o destino

traçado previamente: dali se embarcava, como emigrante, para o Brasil, Uruguai ou Argentina. Em Nápoles embarcava-se apenas para os Estados Unidos da América”.

O grande número de passageiros e as precárias condições sanitárias favoreciam a proliferação de doenças contagiosas, pois os porões eram escuros, úmidos e pouco ventilados. Não eram raras as ocorrências de mortes e mesmo de nascimentos durante a viagem. A maioria dos imigrantes desembarcava nos portos do Rio de Janeiro e São Paulo. De lá, os que já tinham sido contratados se dirigiam aos seus destinos que eram principalmente as lavouras cafeeiras do sul do país. Os imigrantes, que ainda não tinham destino definido, eram encaminhados à Hospedaria de Imigrantes, em São Paulo, a fim de localizarem-se na lavoura, nos núcleos coloniais ou nas indústrias (VÊNERE, 2002).

O grupo de imigrantes tirol-trentinos que deu origem ao bairro de Santana da referida comunidade, partiu de Gênova no dia 31 de julho de 1877, região fronteiriça entre Áustria e Itália, imigrando para o Brasil, com “esperança de uma vida nova”, estava Bortolo Vitti, “O Patriarca” acompanhado da esposa e filhos. Além da família Vitti, destacam-se os Forti, os Brunelli, os Correr, os Cristofoletti, os Pompermayer, os Stenico, entre outras (LEME, 2001).

*Figura 5: Bortolo Vitti e Maria Sartori*



Fonte: Maristela Negri O. Marrano

Embarcaram no navio *Nord América*, de bandeira italiana, originários das aldeias de Meano, Vigo Meano, Cortesano, Romagnano, Sardagna, Trento e

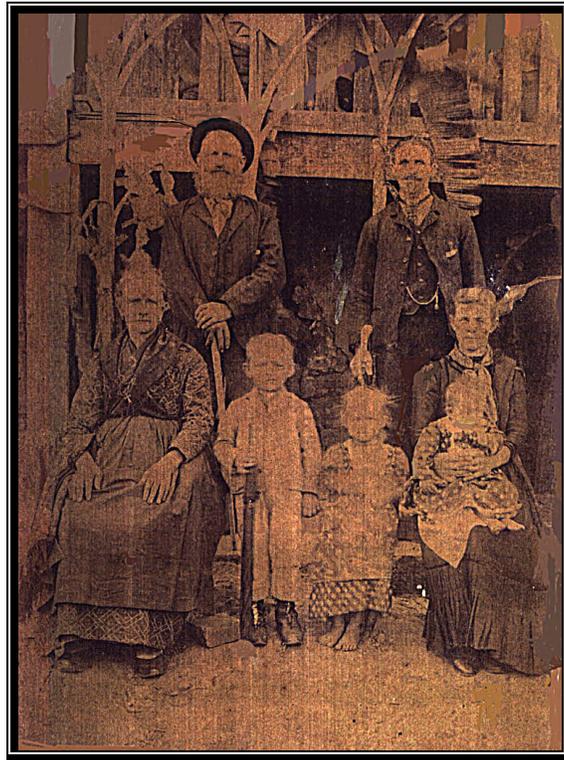
arredores. Vitti (1993, p. 48) nos brinda com relatos da embarcação oriundos do diário de campo deixado pelos pioneiros:

Ao meio-dia o sino do navio começou a tocar. Era a hora de subir no navio. Puseram-se em fila. Caminhavam devagar, com pouca disposição. Pobres cristãos! O coração de Bórtolo batia forte. Tinha a sensação de que ia desmaiar.

Em 23 de Agosto de 1877, o grupo de imigrantes chega no porto da cidade do Rio de Janeiro, com a intenção de se dirigir à cidade de Porto Alegre. Porém, de acordo com pesquisa efetuada por Leme (2001), o Visconde de Indaiatuba, Joaquim Bonifácio do Amaral, foi pessoalmente ao Tirol austríaco, auxiliado pelos agenciadores de imigrantes europeus, a fim de contratar colonos para trabalhar em sua Fazenda Sete Quedas, um ano antes. Para a autora, tudo indica que esses imigrantes tirolezes já estavam com rumo certo ao estado de São Paulo, mais precisamente Campinas, cidade do interior paulista, visando ao trabalho na lavoura de café dessa fazenda.

No dia 5 de dezembro de 1881, parte outro grupo que deu origem ao bairro Santa Olímpia pertencente à comunidade Trentina. Jaco Correr, sua esposa e filhos, mais as famílias dos Forti, Degasperi, Stenico, Brunelli, Pompermayer e Cristofolletti, embarcam para o Brasil no navio Frankfurt, de bandeira alemã. Dom Marcelino Correr, ao prefaciá-lo livro do Padre José Lino Correr (1999, s/n) nos remete a vinda do Patriarca: “Dez famílias, guiadas por um velho Patriarca, deixaram um dia sua terra e a casa de seus pais e vieram substituir o trabalho dos escravos no Brasil”.

*Figura 6: Jacó Correr e Família*



Fonte: Francisco José Vênere

No navio, a comitiva dos emigrantes segue viagem, alimentados pela esperança e num esforço de aplacar a incerteza de um futuro inseguro, assim relatado por Correr (1999, p. 17):

Uma semana, duas semanas, três semanas se escoam morosas e pontilhadas de surtos de nostalgia. Volvendo para o fim, aquela viagem traz para os viajores novos motivos de expectativa. O Brasil! Será uma terra boa? Encontrarão gente acolhedora? Ou serão tratados com dureza, com suspeitas? Como poderão comunicar-se, eles que nada sabem da nova língua?

Na véspera de Natal de 1881, os imigrantes tirolo-trentinos, chegam ao Porto da cidade do Rio de Janeiro, e no dia 28 seguem para o Porto de Santos. Em terra, um senhor, que se apresentara como enviado do patrão que providenciara a vinda destes imigrantes ao Brasil, se aproxima do grupo e os

conduz a cidade de Campinas, interior de São Paulo, para a Fazenda Sete Quedas (CORRER, 1999).

Conforme nos aponta o mesmo autor, uma feliz surpresa os esperava nessa fazenda, pois lá se encontravam várias famílias da mesma região do Tirol, as quais chegaram quatro anos antes. Corroborando com autor, e objetivando ilustrar a chegada à Fazenda, resgatamos Degasperi (1982, p. 13):

Seguindo a viagem, chegaram, finalmente, na sede da fazenda Sete Quedas. O Negro parou o carroção. Tiroleses que tinham vindo quatro anos antes e que trabalhavam naquela fazenda rodearam o carroção [...]. Logo se cumprimentaram e choraram emocionados.

Ao final do contrato da referida fazenda, no ano de 1886, muitas famílias se dirigiram à várias cidades, como Amparo, Capivari e Piracicaba, lugares próximos a Campinas no Estado de São Paulo. Tiveram que partir conforme nos relata Correr (1999, p. 19):

Chegou, porém, o dia em que foi necessário levantar de novo o acampamento, pois a família se multiplicou e o ambiente não oferecia possibilidade de realizar o sonho, que todos afagavam, de conseguir a posse de uma nesga de chão, do qual pudessem dizer: É nosso!

Algumas famílias, dentre elas a de Jacó Correr, partiram para trabalhar na Fazenda Monte Alegre situada em Piracicaba. As famílias que aí se fixaram, permaneceram por cinco anos, trabalhando como colonos, plantando e colhendo cana-de-açúcar, até que em 1892 compraram a Fazenda Santa Olímpia.

As famílias Vitti e Forti renovaram contrato na Fazenda Sete Quedas por mais um ano, até 1887. Findo o período, dirigiram-se à cidade de Rio Claro (SP), onde com muito esforço compraram um sítio. No fim dos cinco anos, depois de paga a compra do sítio, acharam melhor repartir as terras, porém, as famílias cresciam e o tamanho do sítio era sempre o mesmo. Vitti (1993, p. 59), nos apresenta a proposta do Patriarca Bortolo Vitti: “Ouçam, irmãos... A minha

descendência é grande... Compre a minha parte e eu vou procurar outro lugar. Procurarei terras perto dos tirolezes de Piracicaba”. E assim, no ano de 1893, essas duas famílias e seus descendentes se juntam ao grupo novamente, pois acabam comprando a Fazenda Sant ' Anna, vizinha a Fazenda Santa Olímpia, propriedade de seus conterrâneos.

## **2.5 - A AQUISIÇÃO DAS FAZENDAS: Santa Olímpia e Santana**

Em novembro de 1892, os tirolezes que estavam trabalhando na Fazenda Monte Alegre, por decisão unânime de irmãos e cunhados, decidiram comprar a fazenda Santa Olímpia. Nas palavras de Correr (1999, p. 21), assim nascia o primeiro núcleo do Bairro Santa Olímpia:

Poucas casas de pau a pique barreadas rudimentarmente. Humilde começo da nova fase de existência, que coroava com a realização do sonho, acalentado desde o dia em que a emigração fora projetada: ter onde repousar na estabilidade e segurança de proprietários.

De acordo com relato dos trentinos, a compra da referida fazenda tem várias versões. Objetivando esclarecer um pouco mais sobre os fatos que permearam a aquisição da fazenda, buscamos vários estudos, Degasperi (1982), Grosselli (1991) e Giraldelli (1992), os quais relatam a ingenuidade dos imigrantes por não assinarem documentos, por não entenderem a língua portuguesa, a existência de hipoteca no Banco do Brasil e o apontamento de que a fazenda tenha sido paga por três vezes, culminando com o desgosto e sofrimento daqueles imigrantes, e também com diminuição de terras por conta dos empréstimos efetuados. Em virtude da diminuição e do aumento das famílias, os sócios sentiram-se obrigados a dividir a fazenda e a trabalhar cada um por si. Para tanto,

contrataram um engenheiro e a cada um dos sócios coube a quantia de doze alqueires. Embora as terras tenham sido divididas, todos continuavam unidos.

De acordo com o relato de um informante da comunidade, a versão de que os imigrantes foram logrados e muitas vezes roubados, como vários historiadores indicam, não parece provável, pois todos os negócios realizados na época da compra da fazenda, assim como empréstimos, pagamentos, hipotecas, entregas das safras de café aos credores, eram todos redigidos com clareza e feitos em cartório de notas, onde eram descritas todas as clausuras combinadas entre as partes, e sempre na presença de uma ou duas pessoas conhecidas como testemunhas. Tendo em mãos cópias da escrituras, vale destacar uma descrição referente à compra da Fazenda Santa Olímpia, encontrada na escritura lavrada no 1º Cartório de notas de Piracicaba, no livro nº 113, fls. 071, em 30 de Janeiro de 1893:

A fazenda compõe-se de duzentos alqueires mais ou menos, [...] com casa de morada, casa de máquina e maquina para beneficiar café, casa de colonos e quarenta mil pés mais ou menos de café, oito ou dez quartéis de cana e mais uma carroça, com arreios, duas bestas, um carro com dez bois arreados, trinta e cinco porcos, [...] e os móveis existentes na casa de morada.

Não existe registro em todos os documentos analisados (escrituras, 1991, 1993, 1994a, 1994b) que a Fazenda Santa Olímpia tenha sido hipotecada junto ao Banco do Brasil pelos imigrantes tirolezes por ocasião de algum empréstimo. Existiram sim, empréstimos de pessoas particulares, conforme as respectivas escrituras.

Ainda de acordo com as escrituras e com o depoimento de um dos descendentes e interessado na história da comunidade, constatamos não haver indícios de que a Fazenda foi paga pelo menos por três vezes, e de que tenha havido irregularidade ou falha nas quitações. Também não acreditamos que tivessem feito algum tipo de pagamento de dívida a qualquer credor hipotecário, sem que a tivessem feito em cartório, pois como já dissemos, todo pagamento feito era em cartório, para que ficasse registrado e assim obter no final a baixa das

hipotecas. Talvez, os imigrantes tenham se utilizado da força de expressão, já que demoraram 19 anos para saldar a dívida de 57 contos de réis da compra com juros de 9% a 15% ao ano. É provável que tenham pago por três vezes esse valor, em decorrência dos juros e não por pagarem erroneamente.

Atualmente, Santa Olímpia tem vários núcleos integrados pelas famílias Correr, Cristofolletti, Degaspari, Forti, Negri, Pompermayer, Stenico, Venere, Vitti e Zotelli.

Quanto a Fazenda Santana, temos que no ano de 1893, Bortolo Vitti, patriarca da família, soube por intermédio dos capuchinhos do convento de Piracicaba, que seus parentes tirolezes tinham adquirido uma fazenda chamada Santa Olímpia, e que próxima a esta havia outra fazenda à venda, que tinha o nome de Sant'Anna. Tratava-se da antiga sesmaria pertencente ao senador Vergueiro e ao Visconde de Valença, posteriormente adquirida pelo Barão de Serra Negra. Devido à abolição dos escravos (1888), muitos fazendeiros faliram em consequência da falta de mão-de-obra (LEME, 2001).

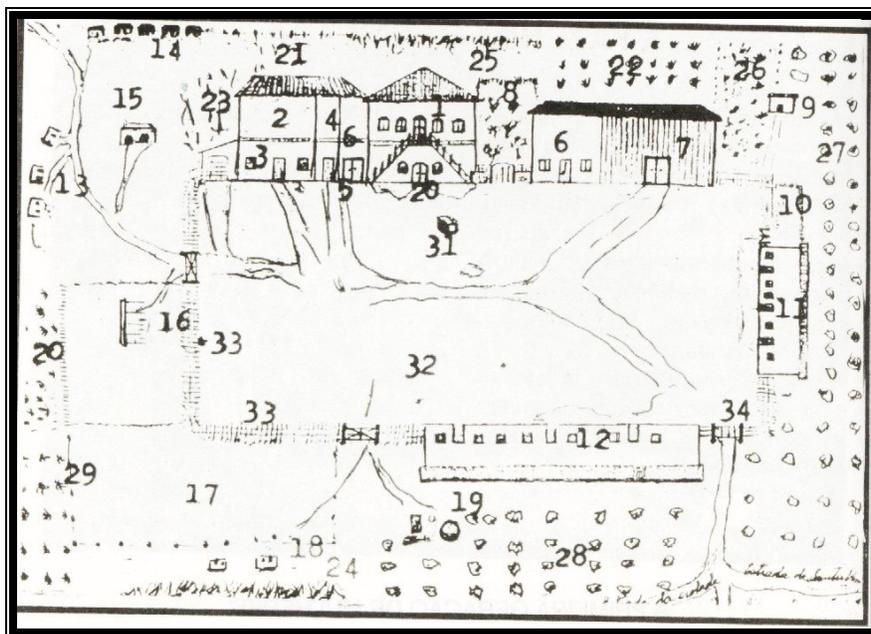
Bortolo pediu para que seu filho Paulo e seu genro Francisco fossem até a fazenda para conhecê-la. Os dois voltaram uma semana depois, cansados, mas entusiasmados com o que viram na Fazenda de Sant'Anna, nos dizeres de Vitti (1993, p. 59):

O negócio correu melhor do que se esperava... As terras são boas e ainda com muitas matas... Lenha em abundância... Água em todos os vales... Vigorosas as plantações de café... Ainda mais: Há uma casa muito grande, sobradada, com muitos cômodos. Perto dela existe uma grande tulha, onde guardam o café, o arroz, o feijão e mais coisas. Há também a casa das máquinas pra beneficiar o café e o arroz e também um moinho de fubá... Para dizer a verdade é construção de gente rica!

Entusiasmados, Bortolo e seus familiares compram a Fazenda Sant'Anna. Ângelo, o filho mais velho do clã e o único que sabia escrever um pouco lançou, em livro apropriado, numa mistura de línguas, dialeto trentino e português a seguinte informação: "I Agosto 1893 compra di Società la Fazenda de S. Anna.

Ângelo Vitti e Fratelli entrati com denari reis: 7:000\$000 e Francisco Forti entro con denari reis: 3:000\$000“ (VITTI, 1993, p. 9).

*Figura 7: desenho esquemático de como era a Fazenda Santana nos tempos do engenho.*



Fonte: Vitti (1993, p. 8), desenho de José Vitti Jorge

Embora o acerto de compra da referida fazenda tenha se dado em primeiro de Agosto, como consta do Livro de Contabilidade, a escritura de compra e venda, hipoteca e penhores, entre o Barão de Serra Negra, Dr. Torquato da Silva Leitão e sua mulher, Angelina Conceição da Silva Leitão a Ângelo Vitti e outros, tem a data de quatro de setembro de 1893 (VITTI, 1993).

A grafia do nome do bairro passou por modificações: Santa Anna, Sant'Anna e, atualmente Santana. De acordo com Vitti (1993) permanece uma indagação, seria em homenagem a familiares do Barão de Serra Negra, proprietário anterior, ou porque a fazenda foi aberta no dia de Santa Ana, 26 de julho?

## **2.6 – CARACTERÍSTICAS CULTURAIS DA COMUNIDADE: religião, tradição, culinária**

Hoje, a comunidade tirolo-trentina é formada pelo bairro de Santana (antiga Fazenda Sant 'Anna), pelo bairro de Santa Olímpia (Antiga Fazenda Santa Olímpia) e pela Fazenda Negri.

Uma das características da comunidade diz respeito à religião. A vida religiosa na comunidade sempre foi muito intensa, desde o início do século XX. Dela saíram mais de setenta religiosos, entre padres e freiras. Os tirolezes sentem-se orgulhosos por este fato. O respeito e a admiração pelos padres e freiras vêm desde a época da imigração do Brasil. É uma tradição vinda do Tirol, que é conservada até hoje. Podemos constatar nas expressões de Jaco Correr ao chegar em terras Brasileiras, conforme nos relata Degasperi (1982, p. 8), “Graças te dou, meu Deus, por eu poder contemplar a terra em que hei de me abrigar doravante, até o fim dos meus dias”. E ainda:

Como é bela a natureza criada por Deus. E fez um juramento: Vamos prometer a Deus, diante desta maravilha que, sempre, para onde quer que vamos neste imenso Brasil, faremos com que nossos exemplos de cristãos sejam conhecidos por todos. Vamos também agradecer a Deus que nos deu tamanha graça de ver tudo o que Ele criou para o bem do homem.

Em meio aos relatos da vinda dos imigrantes para o Brasil e das negociações para a compra da Fazenda Santa Olímpia, Degasperi (1982, p. 17), nos coloca perante a seguinte indagação: “E, aqui, convém que nos detenhamos para pensar: Será que nossos avós teriam suportado tanta provação, se não tivessem aquela profunda fé em Deus e na Virgem Santíssima?”

Segundo pesquisa de Leme (2001), os moradores da comunidade contam que a vida religiosa era muito parecida com aquela vivida dentro de seminários e conventos. Alguns deles, que freqüentaram os seminários, afirmaram que não havia diferença nenhuma entre um lugar e outro, pois dentro da comunidade tudo

era pecado, tudo era proibido, rezava-se muito o terço (de manhã, à tarde e à noite) e acabavam recitando o rosário ( no rosário recitam-se cento e cinquenta ave – marias, e o terço é uma terça parte do rosário) todos os dias, costume que permanece até hoje.

Com a intensa prática religiosa, uma das primeiras iniciativas dos imigrantes foi a construção da primeira capela de Santa Olímpia, derrubada anos depois para a construção da nova igreja. No frontispício da igreja, pode-se ler uma inscrição em latim: “Siste, viator et voca Mariam”, que significa: “Pára, viajante e invoca Maria”. Ao lado da igreja nos deparamos com uma gruta acolhendo a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, para que quando os viajantes passassem em frente à Igreja parassem e rezassem para a Virgem.

*Figura 8:* Gruta com a imagem de Nossa Senhora de Lourdes

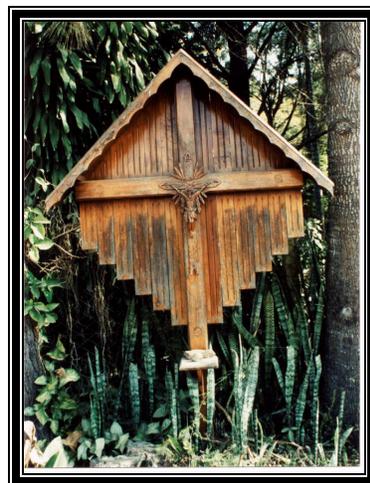
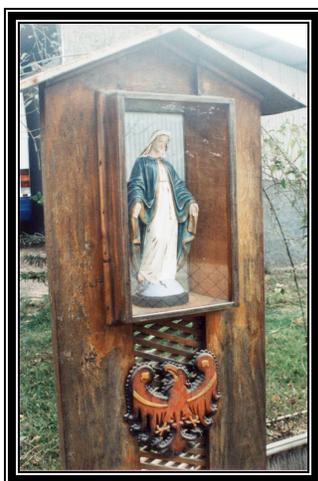


Fonte: Maristela Negri de O. Marrano

Um outro fator de grande importância para a influência religiosa na comunidade se deve a presença dos frades capuchinhos de Trento e também as visitas dos padres estigmatinos de Rio Claro, sempre dedicados à causa de Deus e do povo. A presença dos religiosos fez com que despertasse em alguns descendentes dos imigrantes a vocação ao serviço de Deus e da Igreja, muitos se ordenaram sacerdotes e estão trabalhando em diversas partes do Brasil.

Ao caminharmos pela comunidade, nos defrontamos com diversas capelas, conhecidas como Capitellos, os quais podemos considerar como símbolos dessa devoção. Nas regiões de Trento é comum encontrá-los espalhados pelas estradas e montanhas.

*Figura 9: Capitellos*



Fonte: Maristela Negri de O. Marrano

Os moradores de Santana freqüentavam a capela do bairro vizinho, Santa Olímpia. No entanto, os residentes em Santana sentiram necessidade da própria capela. Estes também construíram uma capela para anos depois construírem uma nova igreja, baseada na cúpula da Catedral de Trento.

De acordo com Leme (2001), o caráter religioso e a distância dos bairros de Santana e Santa Olímpia em relação ao centro da cidade, favorecem a tradição dos imigrantes e seus descendentes, fazendo com que se tornassem fiéis à Igreja Católica e às suas leis. Corroborando com a autora resgato Giraldelli ( 1992, p. 44):

Os tirolezes preocupavam-se em salvaguardar a sua fé e sentiam-se constantemente ameaçados pelas pessoas estranhas chamadas de brasileiros, considerados imorais. Temiam que o contato com essas pessoas sem fé pudesse interferir em seus princípios religiosos, prejudicando os fundamentos morais ensinados aos mais jovens.

As fazendas eram completamente isoladas da cidade. Os meios de transportes eram precários, o trem de ferro passava longe do lugar e as estradas eram mal conservadas, por isso, poucos vinham à região. Essa condição de isolacionismo contribuiu para que as características culturais do grupo fossem mantidas por muito tempo. O dialeto era falado no cotidiano, a religiosidade fervorosa era mantida à risca, ao mesmo tempo em que essas características tinham seu lado bom, elas trouxeram sérias dificuldades para a comunidade.

Num primeiro momento a questão girava em torno de como constituir novas famílias, já que, conforme nos relata Correr (1999, p. 25):

O ambiente fechado em que passaram a viver, e a preocupação de salvaguardar o tesouro da Fé, impediu que rapazes e moças das novas famílias fossem escolher seus pares entre os nativos, dos quais não tinham conhecimentos bastantes.

Inicia-se a tradição dos casamentos consangüíneos que geraram problemas genéticos e características genéticas que eram raras e tornaram-se dominantes, tais como: cabelos loiros, lisos, olhos claros, canhotos, predisposição para doenças renais, problemas pulmonares, problemas de surdes e mutismo.

Na década de 70 do século XX, conforme nos alerta Leme (2001), os descendentes tirolezes passaram a conviver com outras pessoas de outras

origens, seja no trabalho, nos estudos, o que resultou em novas uniões, diminuindo os casamentos internos.

Segundo o relato dos mais velhos, era preciso se casar e ter muitos filhos e caso evitassem, tinham que explicar aos frades capuchinhos (os quais se dirigiam ao bairro uma vez por mês para confessá-los, rezar a missa e dar a eucaristia) o porquê de não terem outros filhos. E com isso, cada casal tinha, dez, doze, quinze filhos. Atualmente o número de filhos diminuiu, sendo que o casal tem em média dois ou três, embora ainda existam famílias com cinco ou mais.

Um segundo problema advindo com o isolacionismo e que afetou em particular os mais jovens do bairro, foi o dialeto trentino, conforme nos aponta Correr (1999). O dialeto, mantido pelas famílias, começou a atrapalhar o aprendizado das crianças na escola. Além de não entenderem a língua portuguesa, sofriam com os colegas que caçoavam do sotaque. Por advertência de Getúlio Vargas, por volta de 1930, é que começou a generalização da língua portuguesa entre os mais novos, atenuando o sofrimento destes jovens. Para o autor, a condição de vida presente e a evolução dos meios de comunicação, que favoreceram uma grande abertura para os moradores da comunidade, contribuíram para atenuar ambos os problemas.

Atualmente as “fazendas” (Santana e Santa Olímpia), que há poucos anos encontravam-se isoladas tornaram-se bairros de Santana e Santa Olímpia (popularmente conhecido como Banco), com suas festas, cantos, comidas, religiosidade, dialeto, agricultura e começaram a ter contato com fatores externos à sua cultura; surgindo novos interesses, o cotidiano mudou, o dialeto perdeu espaço.

No início a fazenda era dividida em partes iguais pelos compradores originais; depois vieram os filhos, os filhos dos filhos, e assim uma nova divisão. As terras eram subdivididas até que se tornaram pequenos lotes, apenas para a construção de suas casas, não sendo mais possível apenas sobreviver da agricultura. Como nos relata Leme (2001, p. 71):

[...] fins da década de 60, houve uma escassez de emprego nos sítios, com muita gente para ser sustentada e poucas terras para a

lavoura. Por outro lado, Piracicaba passava por um grande desenvolvimento na industrialização. Muitas firmas estavam abrindo e dando oportunidade de novos empregos. Diante disso, os tirolezes mais jovens deixaram o trabalho árduo na lavoura e partiram para novos empregos nas cidades.

Hoje a lavoura não é mais a principal atividade econômica da comunidade, embora algumas famílias tirem seu sustento do arrendamento de terras. Os netos e bisnetos dos patriarcas foram para as universidades, e a maioria dos jovens moradores dos bairros, trabalha em Piracicaba, mas não pensa em deixar Santana e Santa Olímpia.

A infra-estrutura do bairro se limita aos artigos de necessidades básicas, porém os bairros e cidades do entorno (Santa Terezinha, Piracicaba, e Charqueada) são centros polarizadores da maioria dos serviços que a população necessita. Há nos bairros, mercado, lanchonete, loja de material de construção, alambique, cabeleireira, posto de saúde, escola, campo de futebol e empresa de ônibus.

Mesmo com todas as transformações ocorridas nos bairros devido às próprias mudanças sociais, políticas, econômicas e religiosas pelas quais passava o Brasil, os tirolezes não deixaram de lutar pela melhoria dos bairros, tanto nos aspectos físicos (saneamento, linha telefônica, asfalto, praça central) como na conservação de suas tradições e raízes culturais.

De acordo com dados obtidos por Leme (2001, p. 74), “os tirolezes de Piracicaba foram os únicos do estado de São Paulo que permaneceram em comunidade, preservando toda cultura e tradição”. A preservação da cultura na comunidade conta com um importante aliado, trata-se do *Circolo Trentini di Piracicaba*, fundado em 21 de Abril de 1987 e reconhecido pela *Associazione Trentini nel Mondo*.

Tem como finalidade resgatar e fortalecer as raízes culturais das comunidades tirole-trentinas ao redor do mundo, promovendo intercâmbios culturais para conhecer a terra de origem, seus costumes, tecnologias, cooperativismo, bolsas de estudos na Universidade de Trento, incentivos econômicos a projetos agropecuários (em Piracicaba são desenvolvidos os

projetos: gados de leite e alambique), ensino dos idiomas italiano e inglês (paga-se somente a manutenção dos mesmos), cursos (restauração, pintura em afresco, formação de corais), além de incentivos a todas as manifestações que visem a promover a cultura tirol-trentina (festas, jantares, teatro, música, coral, pratos típicos). O empenho dos membros do *Circolo*, visando resgatar as histórias e os fatos ocorridos com seus ascendentes, contribuiu para que as manifestações culturais, como a dança folclórica tirolesa, o coral, se tornasse presente na vida da comunidade.

O *Circolo Trentini* funciona numa pequena casa no bairro de Santana, com uma biblioteca de mais de trezentos livros vindos do Tirol. Possui cerca de dois mil integrantes, contando os que vivem na comunidade e os descendentes que moram em Piracicaba, mas que se filiaram.

Figura 10: Sede *Circolo Trentini* di Piracicaba - Brasil



Fonte: Maristela Negri de O. Marrano

Através do *Circolo Trentini di Piracicaba*, a comunidade obtêm informações variadas sobre Trento, pois mensalmente recebe livros, jornais e revistas como: a revista *Trentino Emigrazione* e o jornal *Trentini nel mundo*, sendo que todos os associados podem consultar o acervo existente.

Tradição, música, culinária e religião são particularidades marcantes dos imigrantes tirolezes - trentinos de Santana e Santa Olímpia. Como nos diz Barbosa (1994, p. 89):

Ser membro do grupo étnico de “tirolezes” no Brasil implica exibir sinais diacríticos, ou sinais distintivos, que atestem que se pertence ao grupo e que suas regras são seguidas. É, portanto, ver-se como membro de uma cultura que eles apresentam como sendo a mesma de seus antepassados.

Prosseguindo, a autora nos relata que os tirol-trentinos entendem o coral, as danças, a música, a comida típica, a religião católica, o dialeto e o casamento entre parentes (prática não intensa quanto antigamente), como meios de expressão simbólica, que contribuem para uma melhor compreensão do que é ser tirolês. Assim, fazem questão de valorizar e exibir esses sinais distintivos, passados de geração para geração como parte da tradição e cultura do povo.

As festas são uma das características mais marcantes dos descendentes, são nelas que se reúnem todos os pequenos detalhes da cultura desse povo. Vêneré (2002, p. 48) nos aponta os objetivos da festa:

Dentre as manifestações da vida social nos agrupamentos humanos podemos destacar a festa, cujo aparecimento data das mais remotas épocas. Há na aurora das festas a preocupação mágica de satisfazer e alegrar as pessoas.

Com isso, julgamos relevante ressaltar as festas tradicionais da Comunidade e desvelar as manifestações culturais presentes nas mesmas.

No bairro de Santana, uma vez por ano, é realizado o Jantar Italiano, no qual se pode degustar vários pratos tradicionais das cozinhas italiana e trentina, tais como: *canéderli* (sopa feita como pão amanhecido, caldo de frango, frango desfiado, queijo ralado e lingüiça), polenta, macarronada, frango ao molho e *crauti*

(repolho fermentado e refogado com pimenta, lingüiça calabresa e costelinha de porco). A bebida principal é o vinho tinto, seco ou suave, além do tradicional vinho de laranja, produzido na própria comunidade.

Durante o jantar, são feitas apresentações do grupo de danças “Nostalgia” e do coral “Bambini Felici”. Há também uma banda formada por músicos do próprio bairro, Banda Nostalgia, que toca músicas típicas durante todo o jantar, satisfazendo e alegrando todos os presentes.

No bairro de Santa Olímpia, é realizada a Festa da Polenta, que acontece geralmente no mês de julho, uma vez que a culinária tirolo-trentina é propícia para o inverno.

Figura 11: Convite à festa da Polenta realizada em julho de 2004.



Fonte: Foto de Alessandro Maschio, Jornal de Piracicaba, 23 de julho de 2004

No cardápio, além da polenta com frango ao molho, polenta frita, do *crauti*, *canaderli*, há também a *cucagna* (uma mistura de vários ingredientes: fubá, bacalhau picado, lingüiça, pimenta, tomate, cebola, caldo de galinha para juntar a massa e queijo ralado), e que se originou numa festa do mesmo nome que é realizada durante o carnaval.

A solidariedade entre os membros da comunidade é constante na preparação das festas. Contribuem para o bom andamento das festividades, moradores de todas as idades. Na figura a seguir, podemos constatar a união e o prazer na preparação da *cucagna*.

*Figura 12: Membros da comunidade Trentina preparando a cucagna*



Fonte: José Francisco Venere

Historicamente as imigrações sempre estiveram relacionadas à busca pela sobrevivência, e conforme nos aponta Vênere (2002), num momento onde a miséria assombrava a maioria da população, os mitos tomavam conta do seu imaginário. E o mito da *cucagna* era a idealização de prosperidade, fartura e alegria para os camponeses, em forma de paródia. Santos (1998, p. 142), apresenta-nos a concepção da *cucagna*.

A *cucagna* na sua concepção tem exatamente este lado burlesco, bufão, e profano de espaço sem regras e controle, onde tudo é permitido. Um mundo ao revés do cotidiano, livre das oscilações e alternâncias do mundo real, entre a abundância e a miséria, fartura

e carestia, sofrimentos e alegrias. Viver lá era viver numa eterna festa.

Os integrantes da comunidade se reúnem e percorrem todas as casas do bairro em busca de ingredientes para a comida. Todos alegres e festivos, a música é uma constante.

Figura 13: Tiroleses na festa da *cucagna* pintados com carvão



Fonte: José Francisco Venere

Outra atividade tradicional é a festa da Polenta. A primeira ocorreu no dia 21 de Julho de 1991, com o intuito de manter as tradições e ao mesmo tempo unir a comunidade. O evento foi interrompido por quatro anos, para que se construísse um novo salão de festas porque o antigo se tornara pequeno.

Figura 14: Salão de Festas de Santa Olímpia



Fonte: Maristela Negri de O. Marrano

Para os moradores da comunidade, a festa da Polenta, é uma forma de mostrar a identidade cultural também por meio da culinária, da dança e do canto. Em Santa Olímpia, há cinco grupos de dança divididos por idade e três de canto, o *Vá Piensiero*, composto por cerca de trinta crianças e adolescentes, o Sttela Alpina, coro misto de adultos, e o Coro Càneva (cantina subterrânea de vinho), masculino integrado de adultos.

Essas expressões artístico-culturais tende a favorecer o resgate da cultura e das tradições dos moradores da comunidade tiroló - trentina. A música faz parte da vida dos tirolezes, não há festa sem que algum tirolês comece a cantar as canções trazidas pelos imigrantes. Um dos mais conhecidos cantos populares italianos, o mais cantado na comunidade é o canto *Quel mazzolin di fiori*, que significa aquele macinho de flores, trazendo uma história de amor, galanteios e desilusões.

Dentro desse processo de festividades quando o bairro de Santa Olímpia comemorou cem anos da compra da Fazenda, em 20 de novembro de 1992, houve um mês de comemorações, celebrando a vinda dos pioneiros. Como homenagem aos primeiros imigrantes que deram origem ao bairro, os descendentes inauguraram um monumento em frente à Igreja Imaculada Conceição (Santa Olímpia).

Figura 15: Monumento em homenagem aos cem anos de imigração, 1892 – 1992



Fonte: Maristela Negri de O. Marrano

No monumento podemos encontrar o nome das famílias, a figura de uma borboleta contornada de azul e asas listradas com as cores vermelho e branco representando as cores do Império Austro – Húngaro (origem dos tirolezes) e verde, amarelo, azul e branco, composição da bandeira brasileira. No segundo bloco encontramos o símbolo da intensa religiosidade dos descendentes: a imagem da cruz, do terço e da palavra fé. No bloco seguinte temos a imagem de um cacho de uvas, do café e da cana-de-açúcar, símbolos que representam o trabalho, pois no início da formação do bairro havia o cultivo da uva, substituída pela plantação do café e finalmente pela cana-de-açúcar.

Em 20 de Agosto de 1993, foram os moradores de Santana que comemoraram o centenário da compra da fazenda que deu origem ao bairro. Um dos descendentes tirolezes, professor e historiador, Guilherme Vitti, brindou o bairro com o livro: Esperança de uma vida nova, onde em forma de conto, relata a biografia do patriarca Bortolo Vitti, já mencionada no início deste capítulo.

Figura 16: Maço de flores



Fonte: Vitti (1993, s/n)

Nosso objetivo ao destacar a figura 17 do maço de flores, presente na capa do livro do professor e historiador Guilherme Vitti, é conhecermos alguns dos símbolos presentes na comunidade. A frase: “Esperança de uma vida nova”, representa a vinda dos antepassados, que deixaram sua Terra Natal (Trento-Itália) e vieram para o Brasil em busca de uma vida melhor; o Ramalhete de Flor representa toda a tradição de danças, canções e pratos típicos e o Laço: diz respeito à fé, amor e união. A flor chama-se Stella Alpina, uma flor típica da região de Trento. As cores: Azul e amarela presentes na bandeira de Trento; verde, vermelha e branca, na bandeira da Itália e por fim as cores verde, amarela, azul e branca, constituem a bandeira do Brasil.

No encerramento das festividades da comemoração do 1º centenário da compra da fazenda, que deu origem a comunidade aqui tratada, inaugurou-se o monumento comemorativo, o qual foi colocado na bifurcação da estrada que liga os bairros de Santana e Santa Olímpia à Rodovia Piracicaba-Charqueada, onde podemos identificar os seguintes dizeres: Benvenuti alle Comunità Trentini – Trento-Itália (Bem vindos à Comunidade Trentina).

Figura 17: Monumento centenário fixado na entrada principal que dá acesso aos dois bairros: Santana e Santa Olímpia



Fonte: Maristela Negri de O. Marrano

O monumento tem o seguinte significado: sua ponta lembra as mãos unidas, sinal da fé da comunidade tirolesa. A águia representa um dos símbolos oficiais de Trento. As pontas das indicações de Santa Olímpia e Santana simbolizam os imigrantes chegando ao Brasil, tomando rumos diferentes na vida e formando os bairros de Santana e Santa Olímpia.

Na arcada, a citada inscrição significa que os dois bairros permaneceram sempre unidos nas dificuldades, nas tradições e nos costumes e que assim permanecem até hoje. A base representa os joelhos dos patriarcas (Bortolo Vitti e Jacob Correr), que sustentaram as raízes, os costumes e a fé religiosa.

A borboleta é outro símbolo oficial de Trento, o contorno do mapa de Trento parece uma borboleta. Um buquê de flores do campo simboliza a canção mais cantada pelos membros da comunidade, *Massolin di Fiori*. As cores da inscrição são o vermelho, que simboliza a bandeira da Itália e o verde, que representa a do Brasil.

Atrás do monumento lê-se, em português: "Obrigado pela Visita – Boa Viagem". Encontramos também duas alianças que simbolizam a união dos bairros (Santana e Santa Olímpia) e dos países (Itália e Brasil).

Com a pesquisa bibliográfica e documental houve a oportunidade de conhecer um pouco da cultura da comunidade constituída pelos dois bairros: Santana e Santa Olímpia, este incluindo a Fazenda Negri. O resgate da cultura e a presença destes sentimentos e atitudes contribuem para o crescimento e manutenção da união e costumes dos tirolo-trentinos.

No capítulo seguinte serão descritos os caminhos que foram percorridos objetivando investigar o significado de envelhecer para os idosos pertencentes a esta comunidade.

## CAPÍTULO III

### O TRILHAR METODOLÓGICO



**“Não tenho caminho novo.  
O que tenho de novo é o jeito de caminhar.”  
(Thiago de Mello *apud* Teixeira, 2002).**

## **CAPÍTULO III**

### **O TRILHAR METODOLÓGICO**

O propósito deste capítulo é apresentar os caminhos que foram percorridos para atingir os objetivos deste estudo, ou seja, os procedimentos metodológicos que norteiam este trabalho.

#### **3.1 – CAMINHOS PERCORRIDOS**

Optamos por uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Marcus e Liehr (2001), esta, abarca a totalidade de seres humanos, levando em conta a experiência humana em cenários naturais. Para as autoras, “o pesquisador que usa essa abordagem acredita que seres humanos únicos atribuem significado a suas experiências e que elas derivam-se do contexto da vida” (2001, p. 123).

Para ratificar a nossa opção, buscamos em Debert, (1994, p. 8), embasamento de pesquisa qualitativa com idosos:

Especialmente as pesquisas de cunho qualitativo realizadas com grupos de idosos indicavam que os velhos projetavam uma imagem muito mais positiva da sua situação do que aquela que servia de pressuposto à teoria gerontológica. Revelavam não apenas que o conhecimento dos pesquisadores sobre a realidade dos velhos era muito vago e carregado de pessimismo, mas também que a gerontologia alimentava uma série de mitos relacionados com essas imagens negativas.

Como proposta metodológica nos apropriamos de quatro tipos de investigação: a bibliográfica, a documental, a etnográfica e a de análise de conteúdo (MARCONI & LAKATOS, 1999; MARCUS & LIEHR, 2001; BARDIN, 1977; SIMÕES, 1994).

A pesquisa bibliográfica nos remeteu a consulta a livros, periódicos, dissertações e teses, durante todas as fases do desenvolvimento da mesma, sobre os temas que alicerçam o estudo como: processo do envelhecimento

humano, definições e classificações, corporeidade idosa e a história e cultura da comunidade tirol-trentina. A pesquisa documental nos levou à análise de escrituras, fitas de vídeo e monumentos para complementar os dados históricos da respectiva comunidade (MARCONI & LAKATOS, 1999).

A etnográfica foi utilizada na coleta de dados, pois segundo Marcus e Liehr (2001), tem como essência a descrição de grupo ou subgrupos culturais. A abordagem etnográfica requer que o pesquisador entre no mundo dos participantes em estudo para observar o que acontece, escutar o que é dito, fazer perguntas e coletar quaisquer dados que estejam disponíveis.

De acordo com Marcus e Liehr (2001), a posição do pesquisador é a de um intérprete que entra num mundo estranho e tenta compreendê-lo a partir do ponto de vista de alguém que faz parte dele. Os etnógrafos, assim como os fenomenologistas e os teóricos fundamentados em dados, “tornam explícitas suas próprias crenças e as colocam entre parênteses, ou põem à parte, suas tendências pessoais ao buscarem entender a visão de mundo de outros” (MARCUS & LIEHR, 2001, p. 130).

Para as autoras, o etnógrafo escolhe um grupo cultural que está vivendo o fenômeno sob investigação, neste estudo especificamente, o descendente de imigrante tirol-trentino, morador da comunidade rural de Santa Olímpia e Santana, em seu processo de envelhecimento.

Resgatando Geertz (1989, p. 7), fazer etnografia, implica na realização de uma descrição densa. Isto, nos dizeres do próprio autor, revela o seguinte:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está segundo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas

suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Finalmente, a análise dos dados teve como base a proposta de Bardin (1977), com a utilização da Técnica de Análise de Asserção Avaliativa elaborada por Osgood, Saporta e Nunnaly, que foi adaptada segundo Simões (1994), que nos permitiu, a partir da investigação com os idosos, associar a produção científica sobre esse fenômeno com a idéia do significado de envelhecer, confrontando teorias acadêmicas com os discursos dos idosos tirol-trentinos, procurando pontos de convergência e divergência.

Esta técnica prevê o surgimento de indicadores constantes nas falas dos sujeitos, retirados da interpretação dos verbos conectores e de valores que estão presentes quando se pronuncia um discurso. Neste momento vale resgatar Simões (1994, p. 87), “[...] em nossa maneira de falar, opinarmos sobre as coisas, sobre os seres, sobre os fenômenos que se dão a conhecer através da manifestação de juízo de valor”.

Portanto, a partir dos discursos identificamos indicadores, elaboramos categorias, as quais foram analisadas buscando entender o fenômeno estudado.

Assim, esta metodologia se dá em três momentos:

- a) Registro dos discursos expressos pelos participantes da pesquisa mediante a entrevista;
- b) Levantamento de indicadores (quais os significados que poderão ser identificados nos discursos) para que possamos transitar entre os discursos e a criação de categorias;
- c) Elaboração de categorias, a partir da identificação das diferentes características.

### 3.2 - Universo da pesquisa

Após a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) conforme anexo III, demos início a nossa pesquisa.

A pesquisa de campo foi desenvolvida em dois bairros rurais: Santana e Santa Olímpia (que inclui a Fazenda Negri) na cidade de Piracicaba-SP, designada neste estudo como comunidade tirolo-trentina. De acordo com informações obtidas através de representantes dos bairros, há em Santana 111 idosos, Santa Olímpia 93 e na Fazenda Negri 10 idosos. Portanto, contamos com um universo de 214 idosos.

O critério inicial da inclusão para participar da pesquisa foi definido da seguinte forma:

- Ter acima de 60 anos;
- Ser descendente de imigrante tirolo-trentino;
- Morar na Comunidade de Santana ou Santa Olímpia;
- Concordar em participar da pesquisa, assinando o termo de consentimento livre e esclarecido.

Deste universo apenas uma idosa não satisfaz um dos critérios, qual seja o de ser descendente de imigrante tirolo-trentino. Considerando o número expressivo de idosos, optamos por realizar a investigação e ter também como outro critério a saturação dos dados baseadas em Marcus e Lierh (2001), ou seja, fomos coletando os dados até o momento que percebemos que as informações que estavam sendo compartilhadas com a pesquisadora se tornavam repetitivas, desta forma a inclusão de outros participantes não resultaria em idéias novas.

A amostra foi se consolidando à medida que íamos entrevistando os idosos, que tiveram diferentes momentos de entrada na pesquisa. De acordo com Marcus e Lierh (2001), em geral, numa abordagem qualitativa, o número de participantes é menor do que o número de sujeitos de pesquisa necessários, quando se usa a abordagem quantitativa, ou seja, menos sujeitos de pesquisas são estudados

intensivamente na pesquisa qualitativa, comparados com um número maior estudado extensivamente na quantitativa.

Assim, nossa amostra se consolidou com a participação de 46 idosos estudados intensivamente, procurando compreender os significados, sistemas simbólicos, valores, atitudes, idéias e sentimentos, acreditando que a experiência do envelhecer é uma experiência pessoal única que é impregnada pelo contexto.

Na seqüência serão descritas as etapas dos procedimentos de entrada no campo, contato com os sujeitos e a coleta de dados.

### **3.3 – Entrada no campo de estudo**

Definido que seria realizada a pesquisa com idosos descendentes de imigrantes tirol-trentinos, foi necessário decidir por onde começar. Iniciamos pela Fazenda Negri, que pertence ao Bairro Santa Olímpia por conveniência de acesso, com a finalidade de aplicarmos o teste piloto dos instrumentos para a coleta de dados.

Decidiu-se pelo horário da tarde, porque de acordo com informantes os idosos estariam mais disponíveis, sem a preocupação com os afazeres de casa e do campo. Sem marcar um encontro anterior fomos de casa em casa e os que estavam presentes aceitaram participar da pesquisa. Geralmente estava presente na casa o casal, às vezes apareciam os irmãos, os vizinhos, movidos pela curiosidade e na oportunidade eram convidados a participar da pesquisa, o que caracteriza uma amostra não probabilística por conveniência, a qual segundo Haber (2001), se dá quando os sujeitos da pesquisa são mais prontamente acessíveis ao pesquisador. Os próprios entrevistados nos acompanhavam a outras residências habitadas por idosos, a fim de conseguirmos novos participantes.

Nas residências, após as apresentações eram reveladas as intenções da pesquisa, seus objetivos, contando com a participação das pessoas acima de 60 anos. Eram esclarecidos que teriam direito de desistir da pesquisa, a qualquer

momento, sem qualquer tipo de ônus. Se houvesse permissão faríamos uso de um gravador digital em nossos encontros. Além disso, era assegurado o direito de lerem tudo o que seria transcrito do gravador, caso desejassem. Eram esclarecidos que seriam preservados o sigilo e o anonimato de todas as informações prestadas.

Logo após a explanação inicial era apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido, conforme anexo II. O documento era lido na íntegra em voz alta e pausadamente para os idosos. As dúvidas eram esclarecidas durante a leitura. Os entrevistados não demonstraram qualquer tipo de resistência quanto à assinatura do termo de consentimento.

Essas explicações eram feitas para os idosos e para os demais membros da família, quando presentes. Vale destacar, que embora a explanação tenha sido feita de forma coletiva, a coleta dos dados transcorreu individualmente.

Todos optaram por participar da pesquisa e permitiram a gravação. Devido à riqueza dos dados coletados na primeira fase, ou seja, no teste piloto, decidimos mantê-los entre os sujeitos de nossa pesquisa.

Após o teste piloto prosseguimos com a pesquisa mantendo o mesmo procedimento, primeiro na Fazenda Negri, depois em Santa Olímpia e finalmente em Santana. Íamos à tarde, de casa em casa e alguns dos entrevistados nos acompanhavam até outras residências. Todos foram atenciosos e receptivos, alguns agradeceram pela possibilidade de conversarem sobre o envelhecimento, assunto sobre o qual não costumam refletir.

Após as explicações e a assinatura do termo de consentimento, iniciamos a coleta de dados, a qual será descrita a seguir.

### **3.4 - Coleta de dados**

A coleta de dados realizou-se nos domicílios e ocorreu em dois momentos. Primeiro, a aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas, baseado na ficha de informações elaborada pela Organização Mundial de Saúde,

transcrita e adaptada para o português, pela equipe multidisciplinar do Dr. Marcelo Pio de Almeida Fleck (1999), da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, sendo que à ficha original incluímos algumas questões pertinentes ao nosso projeto, conforme anexo I.

Com as informações desse questionário tivemos possibilidades de delinear o perfil dos entrevistados e enriquecer as análises posteriores, sobre outros possíveis fatores influenciadores no significado do envelhecer, como por exemplo: a escolaridade, o estado civil, a saúde, condições de trabalho e as relações familiares.

Num segundo momento, para que pudéssemos responder às questões norteadoras, já relatadas, realizamos uma entrevista padronizada baseadas em Marcone e Lakatos (1999), com as seguintes questões:

- O que significa envelhecer para você?
- O que significa envelhecer numa comunidade tirolo-trentina?

As entrevistas tinham como guia as questões acima, que em média duravam duas horas e foram gravadas com a permissão dos entrevistados. Entre os meses de dezembro de 2005 a janeiro de 2006, realizamos a coleta de dados junto a 46 idosos da comunidade. A coleta foi realizada nos domicílios e de acordo com Duarte (2002), em geral a entrevista flui muito mais tranquilamente quando realizada na residência da pessoa entrevistada, pois em ambiente doméstico, parece haver mais liberdade de expressão das idéias e menos preocupação com o tempo. Realizadas dessa forma, essas costumam ser entrevistas mais longas e, de modo geral, mais densas e produtivas.

No entanto, compreendemos especialmente com as famílias tirolo-trentinas, que era depois das entrevistas, na “informalidade das cozinhas”, lanchando, e sem o gravador, que os idosos se mostravam mais abertos e que se expunham com maior facilidade. Muitas vezes, nesses momentos, tivemos a oportunidade de entendermos melhor o significado das respostas fornecidas ao longo da entrevista.

As entrevistas e as visitas se encerravam geralmente ao anoitecer. A transcrição do conteúdo da fita era feita na manhã posterior à entrevista, garantindo a fidelidade dos detalhes do encontro, preservados na memória. Enquanto transcrevíamos a entrevista, fazíamos as anotações referentes aos significados das pausas, choros, risos, silêncios e outras manifestações não verbais, que foram observadas e que acompanhavam as “falas” que estavam sendo transcritas.

Vale lembrar que essa fase do trabalho de campo não implicou apenas a coleta dos dados, mas o estabelecimento de relações humanas que deverão perdurar para muito além desta pesquisa, e também possibilitou-nos mergulharmos em nossas próprias inquietações, buscando a compreensão do significado do viver e do envelhecer. Do contato com os idosos resultou a compreensão de que o envelhecer tem diferentes significados, que podem diferir de idoso para idoso e que estão fortemente relacionados à esfera existencial.

**CAPÍTULO IV**  
**O IDOSO TIROLO-TRENTINO: a leitura dessa realidade**



**“Ainda há o hoje e o amanhã com novos sonhos: a vida nunca envelhece”**  
**Rita Duskin *apud* Papalia et al (2006).**

## CAPÍTULO IV

### O IDOSO TIROLO-TRENTINO: a leitura dessa realidade

Inicialmente será apresentado o perfil dos entrevistados, identificado através do questionário aplicado. Em seguida serão transcritos os discursos na íntegra (mantendo o nível informal da linguagem) dos participantes da pesquisa e serão apontados os indicadores e as categorias de análise de cada pergunta. Para melhor visualização apresentaremos o Quadro 11 com a exposição das respectivas categorias, sendo que estas serão dispostas na ordem decrescente. A mesma seqüência será utilizada posteriormente para análise das categorias. Feito isso, passaremos para a pergunta nº 2, mantendo o mesmo procedimento.

#### 4.1 – Perfil dos entrevistados

Participaram da pesquisa, 46 idosos tirolo-trentinos moradores dos bairros rurais de Santana e Santa Olímpia em Piracicaba-SP. A partir dos dados contidos no questionário (anexo I) foi obtido o seguinte perfil dos entrevistados.

Em relação à **idade** dos sujeitos participantes do estudo, constatou-se que varia de 60 a 92 anos, uma média de idade de 74,6 anos. A Política Nacional do Idoso considera idosa a pessoa acima de 60 anos de idade, referência utilizada por nós no presente estudo. Com o intuito de organizar os dados referentes as idades dos idosos da pesquisa, utilizamos a classificação etária da Organização Mundial de Saúde (OMS) apresentada por Simões (1994): **meia-idade**: 45 a 59 anos; **idoso**: 60 a 74 anos; **ancião**: 75 a 89 anos e **velhice extrema**: 90 anos em diante, conforme podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1: Classificação etária dos entrevistados

Classificação da OMS	Total dos entrevistados	Porcentagem
Meia idade: 45 a 59 anos	0	0
Idoso: 60 a 74 anos	21	45,66%
Ancião: 75 a 89 anos	24	52,17%
Velhice extrema: 90 anos em diante	01	2,17%
<b>TOTAL</b>	<b>46</b>	<b>100%</b>

Levando em conta esta referência, a maioria dos participantes dessa pesquisa está na faixa de ancião com 52,17% dos entrevistados, idosos com idade entre 75 a 89 anos.

Comparando a média de idade dos participantes deste estudo, ou seja, 74,6 anos com a média de expectativa de vida no Brasil estipulada em 67,7 anos, no Rio Grande do Sul em 71,68 anos e em Veranópolis de 77,7 anos, dados obtidos entre 1996 e 2000 por Cruz e Moriguchi (2002), podemos considerar que os idosos tiroló-trentinos deste estudo estão acima da média em relação ao Brasil e próximos ao de Veranópolis, considerada a Terra da Longevidade.

Quanto ao **gênero** e **estado civil**, dos 46 participantes, 28 eram do sexo feminino e 18 do sexo masculino. Destes, 33 eram casados, cinco solteiros e oito viúvos. Sendo que dos viúvos apenas um era homem, o restante eram mulheres, conforme exposto no Quadro 2.

Quadro 2: Estado civil separado por gênero

Estado civil	Solteiro		Casado		Viúvo		TOTAL
Gênero	M	F	M	F	M	F	
Total Sujeito	01	04	16	17	01	07	46
Porcentagem	2,17%	8,69%	34,8%	36,96%	2,17%	15,21%	100%

O fato de 15, 21% das mulheres serem viúvas comparadas a 2,17% dos homens, confirma dados demográficos acerca da longevidade maior entre as mulheres (NERI, 2001a).

Em relação à **escolaridade** constatamos que todos os idosos tirol-trentinos entrevistados são alfabetizados, freqüentaram a escola, variando desde a 4ª série ou 1º Grau incompleto até o curso superior, conforme podemos observar no Quadro 3.

Quadro 3: Escolaridade

<b>Escolaridade</b>	<b>1º Grau incompleto (1ª - 4ª Série)</b>	<b>1º Grau completo (1ª - 8ª Série)</b>	<b>2º Grau incompleto</b>	<b>2º Grau completo</b>	<b>Curso Superior</b>	<b>TOTAL</b>	<b>%</b>
Homens	17	-	-	-	01	18	39,13%
Mulheres	24	01	-	01	02	28	60,87%
Total	41	01	-	01	03	46	100%

Destaque a fazer em relação à classificação do nível de escolaridade no tocante à referência 1º Grau completo (1ª à 8ª série) e ou incompleto (1ª à 4ª série): os 46 idosos que responderam ao questionário, são remanescentes do antigo regime escolar em que o curso primário correspondia há quatro anos, ou seja, primeira até a quarta série do 1º Grau. Após o término de cada etapa, os concluintes recebiam um diploma, numa solenidade especial. No questionário levamos em consideração a terminologia antiga e de maior conhecimento dos pesquisados. Hoje essa nomenclatura já foi mudada para Ensino Fundamental, abrangendo os oito primeiros anos do curso após a Educação Infantil e Ensino Médio, correspondente ao colegial e também chamado 2º Grau.

Ressaltamos que os dados de escolaridade, demonstrado no Quadro 3, associado às mulheres, com 60,87% de freqüência as aulas, mostram a mudança da mentalidade dos pais, na fase de sua infância e juventude, quanto à imagem culturalmente introjetada sobre a presença da mulher nas escolas. Às mulheres cabia apenas o papel de dona de casa com dedicação exclusiva ao lar. De acordo

com informantes do bairro, a escola na comunidade tirolo-trentina começou em 18 de março de 1924 e a partir desse momento ficou natural à frequência à escola, não havia discriminação entre homens e mulheres. Os pais incentivavam o estudo até a 4ª série. Depois disso uns iam para roça e outros para o colégio de Padres ou Freiras, pois a vida religiosa era incentivada, ter filhos Padres ou Freiras era motivo de orgulho para toda a comunidade.

Em relação à **ocupação atual das mulheres**, das 28 entrevistadas, 27 responderam que trabalham no lar e apenas uma respondeu que não continua com os afazeres domésticos, dados expostos no Quadro 4.

Quadro 4: Ocupação atual mulheres

Ocupação atual	Trabalha no lar	Não trabalha no lar	Total
Mulheres	27	01	28
Porcentagem	96,42%	3,58%	100%

A participante que respondeu que não trabalha no lar nos disse que não faz mais os serviços domésticos pesados, mas ajuda nos mais leves como, por exemplo, arrumar a cama. Ela nos relatou que não gosta de ficar parada, mas as filhas não querem que ela se esforce demais por conta de uma doença que teve. Constatamos que a grande maioria das idosas deste estudo continuam ativas em seus afazeres domésticos, o que contribui para um envelhecimento bem-sucedido.

Quanto à **ocupação atual dos homens**, 15 exercem o trabalho rural e apenas dois respondentes não conseguem realizar mais estas atividades, como podemos verificar no Quadro 5.

Quadro 5: Ocupação atual dos homens

Ocupação atual	Exercem o trabalho rural	Não exercem o trabalho rural	Total
Homens	16	2	18
Porcentagem	88,89%	11,11%	100%

Os idosos que não exercem mais o trabalho rural ajudam as esposas nos afazeres de casa conforme relataram. Mas, a maioria dos homens entrevistados continuam em atividade, capinando o quintal, a roça, cuidando da horta, das plantações de uva, das criações (galinha, gado, cavalo, porco), conforme ilustração abaixo.

*Figura 18: Idosos tirolo-trentinos em atividade*



Fonte: José Francisco Vêner

Embora na resposta do questionário as ocupações tenham se dividido entre atividade rurais para homens e afazeres domésticos para as mulheres, na vida cotidiana dos idosos podemos constatar que alguns homens ajudam nos afazeres de casa assim como algumas mulheres colaboram com os homens na atividade rural, conforme podemos observar na figura 19.

*Figura 19: Mulher no trator*



Fonte: José Francisco Vêner

O que nos chamou atenção foi o fato de 88, 89% dos homens e 96, 42% das mulheres continuarem ativos, o que de acordo com a literatura contribui para um envelhecimento saudável.

No caso da **aposentadoria**, verificamos que no grupo há 41 aposentados, sendo 24 mulheres e 17 homens, e cinco que não têm aposentadoria, dos quais quatro são mulheres e um homem, o qual, segundo o próprio relato se aposentará em breve. Dados apresentados no Quadro 6 e Quadro 7.

Quadro 6: Aposentadoria

Aposentadoria	Aposentado	Não aposentado	Total
Sujeitos	41	5	46
Porcentagem	89,14%	10,86	100%

Quadro 7: Aposentadoria por gênero

Sujeitos	Aposentado		Não aposentado	
Homens	17	41,46%	01	20%
Mulheres	24	58,54%	04	80%
Total	41	100%	5	100%

Podemos observar que 89,14% dos idosos tirol-trentinos entrevistados são aposentados, destes 58,54% se referem à aposentadoria da mulher, fato que contribui para o orçamento familiar o que repercute na qualidade de vida dos idosos tirol-trentinos.

Em relação à **profissão que exercia antes**, portanto, na qual se aposentou, há uma maioria significativa na atividade rural conforme demonstrado no Quadro 8.

Quadro 8: Profissão na qual se aposentou

Ocupação anterior	Total	Porcentagem
Do lar	04	9,76%
Rural	26	63,41%
Costureira	02	4,88%
Professora	03	7,31%
Pedreiro	02	4,88%
Metalúrgico	01	2,44%
Funcionário Público Municipal	01	2,44%
Caldeireiro	01	2,44%
Auditor Fiscal Previdência Social	01	2,44%
Total dos sujeitos aposentados	41	100%

O maior número em relação à aposentadoria na atividade rural, com 63,41% dos aposentados, se deve ao fato de ter sido esta a principal atividade econômica da comunidade naquele tempo. Na década de 60 foi criado o Funrural o que permitiu a quem comprovasse o serviço rural, a contagem de tempo para a aposentadoria. Na época a maioria dos idosos tirol-trentinos, homens e mulheres entraram com o pedido de aposentadoria e se aposentaram como trabalhadores rurais.

Em relação aos **dados familiares** constatamos que 24 entrevistados moram com o cônjuge e os filhos, nove moram com o cônjuge, cinco respondentes moram com os irmãos, três sujeitos moram com os filhos e cinco moram sozinhos, como demonstra o Quadro 9.

Quadro 9: Dados familiares

Dados Familiares	Moram com o cônjuge e os filhos		Moram com o cônjuge		Moram com os irmãos		Moram com os filhos		Moram sozinhos		Total	
	T	%	T	%	T	%	T	%	T	%	T	%
Sujeitos	24	52,17%	9	19,57%	5	10,87%	3	6,52%	5	10,87%	46	100%

Esses dados revelam arranjos que envolvem moradia com familiares, evidenciando que a família continua sendo considerada o refúgio para o envolvimento e partilhas dos fatos da vida cotidiana. Quanto aos idosos que moram sozinhos, vale ressaltar, que os familiares como filhos e irmãos moram próximos auxiliando-os no que for necessário.

Em relação à questão da **saúde**, 12 sujeitos responderam que a saúde pode ser considerada nem ruim nem boa, 25 disseram que está boa e nove relataram que a saúde esta muito boa, conforme Quadro 10.

Quadro 10: Saúde

Saúde	Nem ruim e nem boa		Boa		Muito boa		Total	
Total/ %	T	%	T	%	T	%	T	%
Sujeitos	12	26,08%	25	54,35%	9	19,57	46	100

Constatamos que os idosos tirol-trentinos participantes deste estudo, em sua maioria, 54,35%, considera sua saúde boa e 19,57%, como muito boa. São, portanto, idosos saudáveis que levam o dia-a-dia com autonomia conhecendo seus limites, aproveitando e vivendo bem tudo que puderem.

Depois de identificarmos o perfil dos idosos participantes deste estudo, através da aplicação do questionário sociodemográfico, demos início à entrevista com o objetivo de investigar o significado de envelhecer para os mesmos. Os discursos provenientes das entrevistas para a pergunta 1, estão transcritos no item a seguir.

## 4.2 - Discurso dos participantes para a pergunta 1:

### 1) O que significa envelhecer para você?

#### SUJEITO 1

*“Ah, o que significa isso... eu não sei responder... pra mim eu acho que eu preferia morrer mais nova né! (risos). Envelhecer pra mim... nem que seja idade acima, conseguir trabalhar, não dar trabalho para os outros, eu gostaria de morrer antes da dar trabalho para os outros, só isso!”*

#### SUJEITO 2

*“A gente vai perdendo a força, o ânimo, né? Quando a gente vai envelhecendo (risos)... ah... começa aparecer todas as doenças né! (risos)... doenças de velho, começa aparecer todas as doenças de velho (risos).”*

#### SUJEITO 3

*“Envelhecer... é... eu vejo ser... aprofundar o conhecimento da vida e o relacionamento humano, num sentido, mas noutro sentido, é... tomar conhecimento de sua capacidade, perceber melhor onde chega o seu limite ou não, de possibilidades de atividades”.*

*“Envelhecer também tem o sentido de um relacionamento mais profundo com Deus e com as pessoas, as conversas, o modo de encarar, até o julgamento, no rever do próprio julgamento durante a vida no seu relacionamento, como por exemplo: quando jovem o que eu sentia, eu gostava muito de conversar com as pessoas idosas, e o que eu sinto agora, dá para eu fazer um balanço das minhas atitudes negativas de quando era jovem. E hoje eu vejo como positivo a possibilidade de fazer esse balanço da vida, essa reflexão”.*

#### SUJEITO 4

*“Significa experiência da vida né! Experiência da vida, o que passemo. Que nem eu tava falando, que envelhecer de hoje em dia, que passemo a nossa vida aqui no lar, aqui, junto com a família, tudo, foi mais fácil o nosso envelhecer dos*

*que os que vem agora, porque os que vem agora são muito complicado né? Porque tem que estudar até quase a meia idade, até mais. Tem muitos que desanimam durante esses tempo, e tem muitos que pela ciência vão viver muito mais do que nós né? Se ta certo eu não sei, mas eu acho que é isso, porque o nosso envelhecimento até hoje é complicado devido aos problemas que surgiu, tudo, tive 21 filhos, morreram 10, mas a gente foi levando, que Graças a Deus com saúde a gente leva avante, acho que é isso né?”*

## SUJEITO 5

*“Envelhecer... pra mim envelhecer eu acho uma grande coisa, com a Graça de Deus, mesmo envelhecendo ainda tenho muita coisa que aprender, mesmo numa idade avançada ainda tenho muita coisa aprender. Quando era jovem, a própria natureza da pessoa, a ilusão, e tantas coisas né! A gente pega experiência na vida e a gente lembra da juventude e fala pra juventude de hoje: - você vai chegar numa idade em que vai perceber que fez muita coisa errada. É coisa natural do jovem, mas enfim errado. Eu digo que eles vão ter remorso do que fez de errado quando envelhece, das coisas que não prestou, que não era certo, e vão lembrar um pouco de bom que fez. Então nessa idade, pra mim, você pode regenerar o que fez quando jovem”.*

*“Eu acho uma idade, no modo de falar, velhice, uma idade acima de quando a gente era jovem, na vivência. É claro que quando moço você tem mais disposição. Temos a religião, aí você vive a vida real da pessoa humana, vive a presença de Deus, você vive... vamos supor... o homem foi criado a imagem e semelhança de Deus, você vive isso daí”.*

*“Tudo essa coisa que eu tô falando pra você, nessa idade, entra em choque entre a gente e os filhos, vamos supor, certas coisas que conduz a gente pra vida espiritual, pra Deus, entra em choque com os jovens, por causa da mocidade, eles dizem: - ah... eu não vou à missa, não precisa... Eu... não concordo com isso, então a gente começa a discutir, , porque sai discussão entre ela (esposa) também, mas discussão construtiva, porque acaba a discussão e a gente abraça depois”.*

*“A vida avançada da gente neste ponto, entra em choque como acabei de falar. Antigamente também entrava em choque, mas antes reprimia dentro da gente, porque não é como hoje que o filho responde para o pai e deixa por isso mesmo, deixa pra lá. Antes você levava chicote, então se reprimia. Então pra mim a velhice eu acho que é o ponto principal da vida da gente, pra mim, pra mim”.*

*“Pra mim, envelhecer... o ponto edificante de uma pessoa é essa idade, daqui pra frente, a gente sente prazer nas coisas, divertimento. Apesar dos pesares, das tentações, a gente domina, porque senão só fica tristeza, remorso. A gente se concentra mais na parte essencial, no significado da vida, imagem e semelhança de Deus, é isso que eu acho pra mim. Eu acho isso daí pra mim, agora para os outros...”*

#### SUJEITO 6

*“Envelhecer pra mim... é uma coisa que parece que a gente vai chegando num ponto final, a gente vai sendo consumido, penso! O que eu mais penso é isso aí, você vai devagarinho... vai chegando, o que eu penso do envelhecer é... eu sempre faço uma comparação, pode fazer? A gente vê aquele boi bravo que não quer ir para o matadouro, mas vai chegando devagarinho, então envelhecer pra mim é... você vai chegando no seu dia derradeiro. Envelhecer é isso aí, ao menos que aconteça uma interrupção de repente, um acidente, alguma coisa, mas o meu pensar é isso aí, todo dia. Envelhecer... você vai se desprendendo das coisas da terra, você vai pensando numa outra maneira de viver, um mundo mais vivido, o livro da vida já te ensinou muita coisa né? Então cada pessoa há tem sua história, eu acho que a minha é uma história que vai se completando devagarinho né? As pessoas perguntam pra mim: - Por que você não lê? Então eu falo que não leio mais porque já li bastante na minha vida, mas eu gosto de ver o livro da vida que vai passando, o dia a dia que você vai passando, envelhecer é a história, o livro da vida de cada um”.*

*“É isso que eu penso do envelhecer, da velhice, um caminhar para o final né? Um final, aí depende da interpretação de cada um, da parte espiritual, se é o*

*fim da vida, o que é, conforme a crença da pessoa, o ateu pensa da forma como ele pensa, o cristão pensa da forma como ele pensa, então é isso aí que eu acho”.*

#### SUJEITO 7

*“A gente se torna uma pessoa mais experiente. Mais experiente em tudo, na vida, na educação”.*

#### SUJEITO 8

*“Envelhecer... uma coisa normal, porque se você vive até certa idade e você se sente bem vai em frente né? Eu acho uma coisa ótima, boa, ando pra cá, pra lá, visitar os netos, uma coisa e outra, ir na Igreja, descer lá na praça, acho bonito, distrai. Envelhecer é uma coisa normal da vida. Se não morre novo morre velho, então é preferível envelhecer”.*

#### SUJEITO 9

*“Envelhecer pra mim... significa quando a gente não pode se virar, a gente tem que depender de tudo mundo, envelhecer... só isso aí. Na base que eu tô, tô numa fase meio complicada, mas não velho, velho pra depender de todo mundo, porque até que dá pra me virar e eu quero me virar”.*

#### SUJEITO 10

*“Pra mim, é uma honra envelhecer. Eu acho uma honra, porque é sempre uma Graça de Deus, com saúde, a gente sente vontade de viver bastante. Só isso aí.*

#### SUJEITO 11

*“Eu acho feio, a gente fica que nem trapo, não tem vontade de nada, não tem força pra nada. Quando novo, é mais bonito, tem mais vontade né! E velho é feio”.*

## SUJEITO 12

*“Envelhecer... ué... a gente tem que ir nê? Tem medo de ir, mas tem que ir (risos). Não, nem sei responder, ah... enquanto a gente tem os filhos ao redor a gente fica meio animada, mas a gente sempre pensando que tá indo pra frente, não adianta, quando a gente fica velho é esperar nê? Esperar o outro nê? Tem gente que morre novo também, não adianta, mas tá bom assim, nê? É a gente se conformando, tá bom”.*

*“ã gente fica pensando nê? Que nem eu estava na casa do meu irmão Nato, já faz desde meio dia que eu tava lá, ele não anda mais, a gente tem que pegar ele para andar, por aqui (embaixo dos braços), não dá mais, porque sai toda pele, ele escorregou e não foi capaz de levantar, aí tivemos que chamar um homem para ajudar. Se envelhecer é ficar assim é duro nê? Mas o que a gente vai fazer, se tem quem socorre tá bom nê? A gente tem que ir lá ajudar. A menina que tá lá, não pode ficar sozinha, sempre tem alguém que ajuda. Um pouco de cada um. Mas até da dó de ver ele ( o irmão doente). Então a gente fica pensando, ah... se a gente ficar assim, doente desse jeito. Mas o que vai fazer, se ficar assim que nem meu irmão tem que levar, tem que agüentar, continuar a viver. Mais ainda se tiver sempre gente ajudando, ta bom nê? Eu tenho fé que se eu ficar assim os meus filhos vão me ajudar, cuidaram bem do pai antes de morrer, muito bem, não deixaram sofrer, não deixaram internar para cuidar dele aqui. Que a gente tem que ir, tem que ir, não adianta, mas tá bom (risos), tá mais ou menos”.*

## SUJEITO 13

*“Pra mim envelhecer... ah... eu acho que envelhecer depende de cada pessoa nê? Eu acho que envelhecer é quando a gente fica com solidão, abandonada, eu acho que assim a gente sente mais a velhice não? Mas eu acho que por enquanto a gente não tá sentindo isso. Enquanto a gente trabalha, participa das atividades assim, a gente não sente a velhice, eu acho”.*

#### SUJEITO 14

*“Envelhecer... a gente viver o dia a dia. Continuar fazendo o trabalho da gente, Que mais que eu posso falar? Eu trabalho... eu faço tudo o que tem dentro da casa, o trabalho, a comida, o almoço, limpeza, lavar roupa, passar, tudo isso. Envelhecer pra mim é viver o dia a dia, normalmente, trabalhando, fazendo orações. Assisto as orações, à missa, o terço, tudo isso. Vivo o dia a dia, o que vai acontecendo, receber visitar, servir quando aparece gente, dar, nós damos muito. Sempre tem alguma coisa pra dar, principalmente para os pobres. O que bate lá embaixo, no portão, sempre tem um ou outro, o meu marido ajuda muito, bastante entidade. Ele ajuda muito, é eu que atendo o telefone, eu trabalho junto com ele nessa parte, não é mesmo? Assim é o nosso dia a dia. Então tudo isso é o dia a dia, faz parte do envelhecer. Ta bom?” (risos).*

#### SUJEITO 15

*“Envelhecer... não tem significado nenhum envelhecer, porque a gente sabe que a vida é assim. Agora o que a gente sente na velhice é o apoio do todos os filhos, tendo o apoio dos filhos a gente não fica velho. Sempre os filhos ajuda, pergunta, conversa. E essa conversa ajuda, porque assim a gente não se sente muito velho nê? A gente sabe que está envelhecendo porque é a vida, ninguém segura nê? É isso aí”.*

#### SUJEITO 16

*“Significa... eu não sei falar... mas pra mim envelhecer... pra mim, é uma alegria, viver junto com ele (esposo), sempre junto, desde criança se pode falar, sempre vivemos juntos.*

*O que eu sinto é que eu não posso fazer o que desejo, não posso ajudar minhas filhas. Sinto muito a velhice eu, porque eu queria ajudar minhas filhas, mas eu não sou capaz de fazer nada. Elas me ajudam muito, se não fosse elas, eu estaria no hospital outra vez. Elas me ajuda muito. A velhice que eu sinto é a tristeza de não poder ajudar minhas filhas”.*

#### SUJEITO 17

*“Envelhecer pra mim, tem diversos significados né? Saber envelhecer em primeiro lugar, saber reconhecer que a gente não é mais moço, gostar da vida que a gente passou. Até agora eu sempre fui feliz. Só isso. É preciso gostar do presente também. Gosto de viver, no coração eu sou jovem, no corpo não né senhorita? Tá bom?”*

#### SUJEITO 18

*“Penso que é normal né? Mas eu não sei responder. Bom, a velhice vem mesmo, não tem o que fazer, então envelhecer eu acho que é normal, eu acho que é bom, tudo viu! É bom, vivi bem a minha vida, não vivi mal. Sempre tem uma coisinha e outra né? Mas faz parte da vida”.*

#### SUJEITO 19

*“ Envelhecer é normal... não me sinto velha (risos), mas a gente não tem àquela felicidade que nem nova, mas eu não acho uma coisa muito diferente não envelhecer. Não sei se é porque a gente vai acostumando dia por dia, mas não sei (risos) eu falo que nem meu marido fala: - parece que a gente tá velho! (risos) Ele fala porque um dia olhando no espelho ele disse assim: - Meu Deus que “ ócio di vécio” ( olho de velho), isso porque ele tem 84 anos, na cabeça dele ele não tá velho. A gente passou... a gente passava aperto e nem percebia (risos), porque a gente foi levando a vida é...envelhecer é normal, vai levando a vida, vivia bem com a família né? Acho que é por isso que a gente não percebia que ficava velho. Com o dia a dia vai envelhecendo né? Antes as crianças eram pequenas, não adiantava, não podia fazer, a família pesada (muitos filhos), não podia fazer o que a gente queria, agora a gente faz o que quer (risos)”.*

#### SUJEITO 20

*“É obrigação de ficar velho tudo mundo né? Tudo mundo vai. Eu não me sinto nem que fico velho, só sei que tenho que ir! Que nem o Chico lá, com 90 anos, que começa chorar que não quer morrer. Ora, tem que morrer ué! O Chico*

*não quer que vai visitar ele, porque ele tem medo, quando vê a gente fica nervoso porque acha que vai morrer, você acha que pode? (risos). Um dia a gente vai mesmo. Acho que vivi demais por tudo que passemos na vida, às vezes eu penso: nem sei como a gente tá vivo!”*

*“Eu não queria ficar moço de novo, ah... não queria! O jeito que tão os moços agora, mas fácil perder a alma, não tem mais mandamento nenhum. É por isso que eu não queria ficar moço, eu... ah... dá medo de ver a rapaziada aí. A gente controlava os filhos, agora a gente não controla os netos. Não vão nem na Igreja, só de domingo, aí vai o bloco inteiro. Vem o Padre pra confessar e ninguém confessa, como é que eles conseguem ficar desse jeito. Não sabem nem o que vão receber! Comungam, mas não confessam, é um crime isso aí. Vão confessar nada, se for comunitária aí vai alguns. Ah... é um problema! Mas tá bom, quando ficar mais velho... aí sim... vão pensar mais”.*

*“Então, envelhecer é natural, pronto... tem que ficar velho mesmo (risos)”.*

#### SUJEITO 21

*“Pra mim envelhecer... não sei... eu não me considero velho, pronto! Porque em vista do molequinhos que vem por aí, eu sou novo ainda, em vista deles, porque eles agüenta menos que eu”.*

*“Envelhecer é uma coisa normal, todo mundo tem que passar, não tem? É normal. Eu... tem muita gente que nem o Lino, que detesta envelhecer, morrer, ele não quer. Eu não ligo pra esse negócio, a hora que chegar eu vou, acabou, entende? É uma rotina, pelo menos pra mim, envelhecer... todo mundo tem que passar. Ou você morre novo ou velho nê? Pra mim o que Deus mandar tá bom, se ele quiser me levar, certo? Envelhecer é uma coisa comum, natural da vida, natural da vida”.*

#### SUJEITO 22

*“Bom... é continuação da vida pronto! É continuação da vida, uma passagem de uma etapa da vida, porque a vida tem bastante etapa, tem o nascimento, a infância, a adolescência, a juventude, o estado adulto e agora a*

*última, talvez, talvez seja a última etapa, talvez, porque pode ser que haja outra etapa, quem que sabe, porque propriamente a vida das pessoas hoje em dia tende a aumentar. No planeta existe 30 mil pessoas acima de 100 anos. Você sabia disso? Quem que sabe que não haja uma etapa acima de 100 anos, ninguém sabe! É isso.*

#### SUJEITO 23

*“Eu acho que é uma coisa boa né? Chegar nessa etapa do jeito que a gente chega, é muito bom. Envelhecer eu acho que é uma Graça de Deus né? Tá bom, tá bom demais (risos)”.*

#### SUJEITO 24

*“Significa uma etapa da vida... porque não dá pra parar sempre na adolescência, você tem que ir acompanhando, é legal, você vai tendo experiências... um monte de coisaradas... envelhecer... cada vez mais você vai vivendo e aprendendo... coisas novas... eu não imaginava que fosse assim, muito legal envelhecer. A Vivi, minha amiga diz: -ah! Quanta ruga! Eu falo pra ela: - não faz mal nem que a gente tem ruga, é normal, a gente tá vivendo, o rosto já foi papel de seda e hoje é papel crepom, e daí! Quanta risada nos demo juntas”.*

*“Quando a gente vai à praia a gente senta e fica conversando, dando risada, tirando sarro um do outro. A Vivi diz: - ah! Essa barriga grossa. Eu digo:- “bela roba”, a gente tinha cinturinha e agora tem cinturona, vamos se conformar, é a vida, não tem jeito a gente envelhece, faz parte da vida, é natural. Aí eu falei: - e esses que não pode andar, tem problema. Eu... eu fiquei torta (teve paralisia facial), fora de esquadro, mas é assim, vou levando, tá tudo bom, é a vida”.*

#### SUJEITO 25

*“Envelhecer pra mim... eu tô envelhecendo e achando bonito, barbaridade, porque agora eu tô descobrindo cada vez mais as coisas que eu deveria ter feito antes e agora tô fazendo. Adora minha vidinha, principalmente quando dizem: domingo vai ter um baile... ah... não vejo a hora que chegue, é uma delícia.*

*Envelhecer... cada vez mais bonito to achando, pronto! E não fico falando: ah... se tivesse 18 anos! Deus me livre se eu tivesse 18 anos, quero ter 60, 70 anos. Sabe por quê? Porque quando eu tinha 18 anos eu tinha uma família muito doente. Meu pai doente barbaridade, meu irmão estourou a bacia no caminhão, fez o diabo nê! Minha mãe sofria do coração e eu tinha um irmão que tinha ataque direto, convulsão nê! E eu com 18 anos meu pai falou: - Você tem que se virar. Então eu tinha que trabalhar na roça, eu com minha irmãzinha pequenininha, de 12 anos, ela levava o almoço até na roça e quando chegava a tarde a gente ia embora. Meu pai assinou uma procuração e eu tinha que buscar o dinheiro na cooperativa, na cidade, eu tinha até medo. Então Deus me livre voltar essa época”.*

*“Estou bem do jeito que eu tô, com saúde, tenho minha filharada, adoro isso aí, adoro viver, isto é envelhecer pra mim”.*

#### SUJEITO 26

*“Pra mim envelhecer é coisa boa. Eu acho bom envelhecer. Eu acho bom envelhecer pra não morrer cedo nê? Ué, tá na cara, enquanto a gente tá vivo, tá curtindo a vida nê? Envelhecendo, mas com saúde porém heim, aí sim. Envelhecer pra mim não assusta. Envelhecer... enquanto a gente envelhece tá vivo nê! Envelhecer é viver, uma coisa normal”.*

*“Envelhecer pra mim é gostoso num ponto de vista, não adianta, quanto mais velho melhor é, porque você acaba vivendo mais. Não é que é gostoso envelhecer, precisa entender isso daí, mas a vida é assim, quanto mais velho, melhor fica, a gente conhece mais a vida, pronto! Porque sempre jovem a gente não fica mesmo”!*

#### SUJEITO 27

*“O que que eu vou responder... envelhecer é bom... eu gosto da vida que eu tô, a gente tem que envelhecer nê? Mas eu gosto porque a gente nem se percebe a velhice sabe! Então, eu tô com 78 anos nê! Mas eu me sentia sempre jovem, não sentia velha, mas infelizmente a doença também envelhece a gente nê”!*

*“Eu trabalho muito aqui em casa, nem vejo o tempo passar, taí a prova. Graças a Deus eu sempre gostei de trabalhar, sempre, sempre. Eu não posso nem parar de trabalhar, porque se eu parar de trabalhar eu fico doente. Graças a Deus eu tenho 78 anos, mas faço todo o serviço de casa, lavo roupa, passo roupa, faço comida, a casa eu não limpo por causa da vista, mas se não eu limpo também; faço limpeza, eu não canso, eu gosto, eu gosto. Eu levanto disposta pra trabalhar, me sinto bem, pronto, isso pra mim é envelhecer”.*

*“Onde ele (marido) vai eu vou junto, nós vai na missa junto, vai passear junto, a gente dança junto, tudo lugar a gente vai junto, isso pra mim é envelhecer junto com ele. Se um dia ele (marido) faltar eu acho muita falta... porque com essas operações (que o marido fez) eu pensei: vou ficar sem ele. Mas Graças a Deus, ele deixou ele pra mim. Olha! Do jeito que ele ficou você não vai nem acreditar, ninguém acreditou que ele tá vivo, com 80 anos nê! Ele é forte. Ele é um homem muito alegre, ele se diverte com as crianças, com todo mundo, com os homens, com as mulheres, ele mexe com todo mundo, assim é bom envelhecer, com ele”.*

#### SUJEITO 28

*“É... pra mim envelhecer é assim... ficando mais sossegada, tranqüila... não tendo mais aquela vontade de querer sair, gostando mais de ficar em casa tranqüila. Pra mim envelhecer é isso, tranqüilidade. Tranqüilidade envelhecer, ficar sossegada, não ter preocupação, de por exemplo, você ter que fazer alguma coisa naquele horário, vamos supor... eu não gosto de fazer... ou melhor... eu não gosto de preocupação... gosto de ficar tranqüila, é isso aí”.*

#### SUJEITO 29

*“Olha... no meu dicionário eu acho que não existe envelhecer. Eu não me sinto assim... envelhecendo, porque eu faço todas as atividades que eu posso fazer. Assim, tudo que aparece eu faço, tudo. Eu não, não... ainda não senti o que é envelhecer (risos). Então pra mim envelhecer é deixar de fazer as atividades que a pessoa poderia fazer, envelhecer é parar de fazer as coisas do dia a dia, pra*

*mim, pra mim, eu penso assim. A pessoa deixar de viver em sociedade, deixar de participar da comunidade, deixar de participar das atividades isso seria o envelhecer. Seria perder o gosto de viver, não sei, pra mim seria isso envelhecer. No momento que você perde o estímulo vai envelhecendo nê? Não sei se é isso. Pra mim é isso. Eu não me sinto assim ainda, não fiquei neste momento de envelhecer, não sei ainda quando vai chegar. Envelhecer é a pessoa que perde o ânimo, não participa, perde tudo na vida, não tem mais aquela vivacidade de se empolgar com as coisas, seria envelhecer, no momento que chega isso a pessoa está envelhecendo”.*

### SUJEITO 30

*“Pra mim significa normal. Eu não me sinto nem pra lá, nem pra cá, sempre naquela idade, não sinto nada, nem velho, nem novo, me sinto uma pessoa justa. Eu não sinto ainda de ficar velho, me sinto ainda meio normal, não sinto ficar velho, me sinto ainda meio normal, não sinto ficar velho, só um pouco cansado, mas senão “Dio” eu não tinha medo de ninguém! Eu não me sinto nada de velhice, pra mim não me atrapalha nada, nem de velhice nem de envelhecer, pra mim é tudo normal. Eu não me sinto ainda não, no momento ainda não me sinto envelhecer, porque ainda dá pra trabalhar, fazer tudo”.*

### SUJEITO 31

*“Envelhecer... a gente ta vendo que tem que envelhecer, mas eu não to fazendo conta de envelhecer, eu não ligo pra isso, porque a gente tem que assumir que é assim mesmo, não adianta você ficar apavorada, você ficar assim desesperada, vai com calma... não vamos indo igual que o outros foram? Envelhecer é assim... a gente não queria, mas é a vida, é o normal da vida, o que vai fazer. Ainda a gente tá sabendo até envelhecer, porque a gente não tá resmungando, não tá falando: ah... se eu tivesse 20 anos! Eu não queria, eu não quereria não. Deus me livre, sabe por quê? Porque a gente tá falando pros jovens e não tá adiantando nada sabe? Então eu tô achando uma coisa muito difícil pra nós que tem essa idade. Se tivesse hoje a idade deles, nós seria igual, então eu*

*não quero, eu acho difícil essa parte dos jovens, como estão levando a vida hoje, eu não queria isso, nem pensar! Pra eles, eles estão gostando, da juventude eles estão gostando, mas nós, como que nós tem essa idade, nós não tá aceitando essa juventude deles, sabe por quê? Mudou muito... mudou demais, pela veste deles, que eles não quer saber de qualquer coisa, comportamento deles, você fala alguma coisa eles grita, quer dizer... não... eu nem teria o gosto de ser uma jovem de hoje, eu não, eu não, eu não queria isso”.*

*“O envelhecer pra mim então é bom, bom, porque assim logo nos já vamo embora e deixe os jovens que se vire do jeito deles, eu acho que eles não vão sair muito bem não. Que Deus ajude eles, que essa transformação que eles fizeram, que vá bem pra eles, mas pra nós, que tamo assim, já não ta dando mais, porque você não pode falar nada. Se você falar já é taxada na hora, eles grita pra você parar, pra mim não dá, ele (marido) não faz conta, mas eu não gosto. Eles viram e falam pra nós: ih... a gente é jovem. Eu falo: jovem sim, é muito bonito jovem distinto assim nê? Mas hoje tem mais coisa errada, que eles podia se arrumar, seria muito bonito ser jovem, mas assim não, prefiro estar na minha idade”.*

### SUJEITO 32

*“Envelhecer pra mim é ótimo, tá bom, porque com essa idade a gente tem coragem de ir pra cá, pra lá, eu acho ótimo, bom. Se fosse outra pessoa falava: não, não vou fazer hoje, dá tempo pra fazer amanhã. Mas eu não, tenho ânimo, não tenho medo de nada, de nada. Tem gente que fala: ah... quase 80 anos, aí eu falo: e daí e falo pros mais novos: vamo vê se você chega lá! Tudo brincadeira, mas ele ataca, e eu também falo, tudo na brincadeira. Aqui Graças a Deus eu so bem visto, onde eu vou tudo me conhece. A gente tem educação, uma educação que Graças a Deus não ofendo um, mas nem um cachorro. Se passar um cachorro aí na rua, ele sacode o rabo pra mim, porque a gente tem educação com todo mundo. Não sou desse que se passa uma pessoa não cumprimenta, pode ser quem for”.*

*“Envelhecer é bom, me sinto bem, envelhecer é ótimo, puxa vida, chegar até aqui e trabalhar é bom. Envelhecer pra mim é chegar com essa idade e ter*

*coragem de trabalhar e enfrentar a vida nê! Não precisaria trabalhar, mas a gente tem que se mexer, você acha que a gente vai ficar aqui à toa, não vejo a hora de levantar de manhã e trabalhar, por Deus do céu! Quando é dia de trabalhar e eu tô na cama, eu falo pra minha mulher: - Por que não tá claro já?(risos)... por Deus do céu. Uns fala, acabou, não faço mais nada. Não, não pode nê? Se não tiver saúde é outra coisa nê? Agora enquanto tem saúde, ta bom, então vamo aproveita dela que faz bem, envelhecer é isso pra mim”.*

### SUJEITO 33

*“Envelhecer a gente acha “bruti” nê? Porque não tem mais aquele ânimo de primeiro nê? Envelhecer é “bruti”, é ruim, porque quando a gente envelhece não é mais como primeiro, quando eu era mais nova, tem bem diferença agora nê! Agora não é como que nem primeiro, hoje não faço mais como antes. Antes eu fazia de tudo, agora não, antes eu costurava, ia catar capim, ia catar lenha, ia catar capim pro porco, eu ia levar almoço na roça, o café, eu vinha embora fazia merenda pra levar de novo na roça, nossa... eu trabalhei bastante, agora eu faço só esse servicinho de casa. É só eu com ela (filha), agora é só esperar... esperar a morte (risos)é... é isso daí. Envelhecer é “bruti”, é ruim”.*

### SUJEITO 34

*“Envelhecer... pra mim não é fácil, porque a gente um dia ta bom, outro dia não ta, amanhã vamo no médico... eu acho que não é muito bom, é duro ficar velho, é duro ficar velho... mas o que vai fazer... mas ta bom... eu acho que ta bom. Nós aqui sabe qual é o problema, nos ganha muito pouco, pra viver uma vida mais tranqüila. Eu vou na cidade buscar aposentadoria, se eu não voltar rápido eu acabo pra estrada, gasto tudo, a gente ganha muito pouco. O problema dos velhos é isso aí também, a gente ganha muito pouco, não adianta o governo aumentar, porque depois você vai no super mercado e fica no mesmo, o supermercado tira tudo, mas ta bom, mesmo assim eu não me arrependo de ta velho, porque a gente tem que envelhecer, de um dia pro outro tem de envelhecer cara! Com 76 anos pra onde quer que eu vou? Trabalhar eu não agüento mais,*

*não posso nem pensar, me dá dor de costa, trabalhar não vai, não vai. É isso aí “cara da Dio”.*

#### SUJEITO 35

*“Envelhecer... pra mim... é duro ficar velha (risos) porque a gente não tá sentido como a gente era primeiro. Nossa Senhora, antes eu era boa pra trabalhar, parecia até homem. Até que com quase 80 anos faço bastante ainda, eu não paro, mas não é como antes. Quando a gente envelhece a gente senti, porque tanto trabalhar e a gente não teve nada até hoje, a gente sente isso, tanto trabalhar pra não ter nada, eu sinto por isso, que eu gastei minha vida em nada. Agora não tenho mais vontade de nada (risos). O que que eu vou fazer... pra mim envelhecer é isso, a gente sente envelhecer, mas tem que ir”.*

#### SUJEITO 36

*“O que eu vou falar... é ruim envelhecer, é ruim, a idade que vem vindo, não tem jeito. Chegar nessa idade eu achei bom, ainda mais com essas doenças que tem por aí, eu tenho medo viu, dessas doenças. Deus me perdoe, nem falo de algumas doenças que anda por aí. Agora a idade que a gente tem tendo saúde, tá bom pra mim. Eu tô tomando remédio de monte, mas tá bom, ainda eu ando pra cá, pra lá. Como te digo, envelhecer não é bom, mas tem que ir. A gente precisaria nascer velho pra depois ficar novo (risos). Nascer velho pra ficar novo! Acho que seria tudo uma beleza”.*

#### SUJEITO 37

*“Pra mim envelhecer é uma aventura, uma que a família da gente já tá tudo quase em ordem, os filhos já estão casados, quer dizer, tem 2 solteiros. Agora, os casados já tem os filhos que são os nossos netos. Então a gente se sente bem, eu não queria morrer já, eu gosto da velhice, eu só não gosto porque a gente tem o espírito de jovem, mas a fisionomia não ajuda, então a única dificuldade no envelhecer é essa”.*

### SUJEITO 38

*“Envelhecer... oh... a gente não percebe, pra mim é tudo o mesmo ritmo. O que que vou falar? Pra mim tá tudo na mesma desde menino até agora, tá nó mesmo, o que que eu vou explicar, o que que eu vou falar se eu me sinto assim. Mesmo de jovem onde que nós ia, ficava aqui; mas moço, ficava aqui; velho, onde que vai, fica aqui. Então pra mim envelhecer é a mesma coisa, que que eu vou falar? Não tem saída. Único que saí, saí pouquinho quando ia em festa, voltava tarde, tava bom, ficava lá um pouquinho e vinha embora, que que eu vou falar? Eu nunca saí, quer dizer, passear fomo, fomo no Belém do Pará, no São Paulo, no Rio, Curitiba, ia vê, conhecer um pouquinho só isso. Então envelhecer (risos) é a mesma coisa, jovem, metade, antes do 60 anos e agora, tudo no mesmo”.*

### SUJEITO 39

*“Ah meu Deus do céu, a gente envelhecendo que nem eu com saúde, Graças a Deus tá bom. Eu não achei muito com problema, teve sim os meus filhos, mas Graças a Deus eles obedeciam, porque as crianças de agora tá mais difícil. Eu não sofri muito não. Envelhecer pra mim não tem importância, eu acho que tanto faz, que não acho que envelhecer é muito grande coisa não, é a vida. A gente fica sozinha, porque não tem marido, a gente tem os filhos, mas não estão mais em casa. Tá bom, porque eles moram ao redor, mas já pensou se tivesse tudo aqui numa família só, mas, todos têm que seguir sua vida, cada um tem sua casa, sua família”.*

*“Envelhecer pra mim... não é ruim envelhecer, porque tem muitos que não consegue andar, hoje Graças a Deus eu tô boa, então pra mim envelhecer é normal... mas com saúde, o principal pra mim é saúde filha de Deus! Porque não adianta você ter uma casa bonita, ter dinheiro, mas sem saúde você não tem nada, não é verdade? É isso aí”.*

#### SUJEITO 40

*“Envelhecer (risos) eu penso de quando eu era solteira, de quando eu era moça. Envelhecer é... lembrar do passado”.*

#### SUJEITO 41

*“Envelhecer eu acho que... que a gente gostaria de ficar numa certa idade e não envelhecer. Ta passando muito rápido, parece que eu era criança ontem e hoje já tô com essa idade. Então eu não acho que estou envelhecida... mas... eu estou nê? Já tenho 71 anos. Envelhecer... significa tristeza, eu acho triste, porque às vezes a gente lembra dos tempos passados, a gente não se conforma, mas Graças a Deus que cheguei até aqui nê? Passa tão rápido, eu já tô com 4 netos. Envelhecer significa tristeza porque eu lembro o passado e tenho saudades, dos meus pais, porque nasci e fui criada aí na venda, a gente sente saudades nê! Então a gente sente a vida passar!”*

*“Eu tô com essa idade, levanto todo dia às 5:30h, vou na reza às 6:00h, depois chego em casa, faço o que tem que fazer, por exemplo, arrumar a cama e depois vou caminhar 1 hora, a gente sai às 7:00h e volta às 8:00h. Faço também academia no Banco (como é conhecido o bairro de Santa Olímpia). Isso já faz anos que eu faço. Há alguns anos houve uma missão aqui no Bairro, às 5:30h todos os dias bate o sino da Igreja para às 6:00h quem quiser ir rezar o terço e quando o Padre foi embora ele falou:- espero que continue. Até hoje continua o terço, mas não vai muita gente mais, antes a Igreja ficava cheia, mas hoje tem umas seis, sete pessoas, mas o terço continua. Então eu acho que pela minha idade eu tô fazendo até demais, porque tem pessoas mais jovens que não querem saber de nada nê!*

#### SUJEITO 42

*“Envelhecer... na minha opinião eu acho que agora que eu comecei a viver, depois que eu tenho certa idade, que eu entrei na terceira idade. Hoje a gente vai pra praia, a gente vai em reuniões, em almoço, das vezes almoço fora. A gente vai na Barra Bonita, vai passear, nós vai num baile; tem um salão aí em Piracicaba*

*que é só pra terceira idade. A gente vai e lá tem uns 300 pares que dança, não vou sempre, mas de vez em quando eu vou. Tô melhor agora de quando eu era mais nova, vou fazer 50 anos de casamento o ano que vem”.*

*“Então envelhecer pra mim é aproveitar a vida agora nesses últimos tempo que a gente tem. Porque quando a gente era nova, a gente não fazia isso já que eu casei nê! Então eu acho que a minha vida ta mais melhor do que quando a gente era mais nova, não tenho tanta preocupação com os filhos pequenos”.*

#### SUJEITO 43

*“Envelhecer... pra mim, pra mim, não me sinto nada, me sinto que nem a mesma coisa, novo, velho, não mudou nada pra mim, esse negócio de velhice é tudo igual. Pra mim é como primeiro, mesma coisa, desde quando era moço até agora não mudou nada pra mim. Pra mim não mudou nada, porque trabalho mesma coisa, não divertia mesma coisa desde quando era solteiro, nunca divertia, e agora também não, então pra mim é tudo mesma coisa, tudo normal, então o que vou fazer! Significa envelhecer... que nem eu falo, de quando eu era moço, envelhecer pra mim não mudou nada, é a mesma coisa desde quando eu era moço, trabalhei, nunca diverti e nada, pra mim não mudou nada ainda, só se mudar daqui pra frente, no resto tá como tava”.*

#### SUJEITO 44

*“Uma coisa bem feia é envelhecer. A gente quieto por aí, murcho, isso mesmo!. Nós nunca vivemos como é pra viver, porque... não sei porque... pelas doenças que tivemos aí, 22 anos que tivemos os filhos aí, só gastar dinheiro até hoje, desde que quando casemos nós tamo levando essa vida que não vai pra frente. Antes de ir pra frente ia tudo pra trás. Antes tinha os filhos, sobrou só 3 pra mim (o casal teve 7 filhos e quatro morreram doentes entre 10 e 12 anos), não foi fácil até hoje nós tá só gastando, com remédio, com tudo e a gente não anda bom. Eu tenho que tomar duas pílulas, fora aquela mais duas no almoço e antes de dormir mais duas, seis pílulas por dia, fora as outras que vem depois. Semana passada eu fui no médico e ele deu mais 40 pílulas, mais duas por dia de um tipo*

*e o outro tipo mais uma por dia até acabar. Sempre tem uma coisa ou outra que não para, não vai pra frente na minha vida. É bom que isso vá na mão do governo, porque assim eles vê quem sofre, e que eles quer ganhar 20 mil contos por mês e nós nada, tudo fica na mão deles. Eu queria que fosse nas mãos dele esse negócio aí, essas pesquisas, pra eles verem quem é que está sofrendo, pra eles entender o que é envelhecer, como é feito”!*

#### SUJEITO 45

*“Ah... envelhecer é duro nê! Porque depois dos 50 anos é menopausa, dor de cabeça, enxaqueca, e... tem de tudo, nem bom, nem ruim, porque você vai falar o que nê! Eu tomo comprimido, melhora, eu passo pano na casa que nem o gato e pronto nê! Eu tomo comprimido, eu levanto 2 horas da madrugada, 3 horas e tomo pra dor de cabeça... Então pra mim... envelhecer... não é bom, nem ruim, uma hora tá boa, outra hora não tá, você não pode viajar, não pode passear, das vezes não pode ir na missa, a Igreja taí, mas de repente você tá com dor de barriga, é ruim nê, ir na Igreja e depois ter que sair correndo. Assim vai levando a vida, tomando remédio e boa”.*

#### SUJEITO 46

*“Envelhecer... é outra vida viu! Depois dos 60, porque você começa ficar um pouco mais fraca nos ossos... não sei se é osteoporose, pra mim foi isso, porque do resto estou que nem eu fosse jovem. Do jeito que eu cheguei até aqui foi muito bom, criei os filhos, por tudo que passamos chegar até os 60 eu me acho vitoriosa”.*

*“Pra mim envelhecer, chegar nos 60 é outra vida, porque você já começa a sentir o peso no corpo, eu acho... às vezes eu penso: eu tenho 60 anos, porque que eu já tenho 60 anos já. E ao mesmo tempo eu falo: é... tô sentindo... assim, por isso que eu digo que já tô com 60 anos, porque eu tô sentindo um pouco cansada nê! Mas tá bom ainda nê! Eu acho... agora eu não sei se é o certo. Mas tem gente que sabe falar melhor nê”?*

*“Mas também quando chegas os 60 anos, não sei se eu posso falar, mas nessa idade o sexo é bem pouco viu! Às vezes eu não lembro que eu sou casada viu! Pra mim eu operei, tirei o útero, mas não é por causa disso viu! Eu acho que é cansa, a gente cansa, deita na cama e quer descansar. Agora... também os homens viu! Pra mim também é assim, porque sempre falam os homens sempre estão prontos, mentira! Agora que eu vejo que é mentira, não sei se é porque a gente não dá carinho e eles tão cansados também, sei lá o que que é, mas o amor é o mesmo sabe, mas só que o sexo acalmou, a gente não se comenta com as amigas, mas acho que também e assim, não é”?*

Após a transcrição dos discursos, passaremos então ao levantamento dos indicadores retirados dos mesmos, os quais servirão como uma fase do transitar entre as falas dos sujeitos e a elaboração das categorias.

#### **4.3 - Indicadores dos discursos para a pergunta 1**

##### **O que significa envelhecer para você?**

###### **SUJEITO 1**

- 1 – Conseguir trabalhar;
- 2 – Não dar trabalho para os outros.

###### **SUJEITO 2**

- 1 – Perder a força e o ânimo;
- 2 - Aparecer às doenças.

###### **SUJEITO 3**

- 1 – Aprofundar o conhecimento da vida e o relacionamento humano;
- 2 – Tomar conhecimento de sua capacidade;
- 3 – Relacionamento mais profundo com Deus e com as pessoas.

#### SUJEITO 4

1 – Experiência de vida.

#### SUJEITO 5

1 – Uma grande coisa, pois mesmo envelhecendo temos muita coisa a aprender;

2 - Momento de regenerar o que fez quando jovem;

3 – O ponto edificante de uma pessoa;

4 – concentrar mais na parte essencial, no significado de vida, imagem e semelhança de Deus.

#### SUJEITO 6

1- Uma coisa que parece que a gente vai chegando num ponto final, no dia derradeiro;

2 – Desprender-se das coisas da terra;

3 – Pensar numa outra maneira de viver;

4 – É a história, o livro da vida de cada um;

5 - Caminhar para o final ou não, dependendo da crença de cada um.

#### SUJEITO 7

1 – Tornar-se uma pessoa mais experiente.

#### SUJEITO 8

1 – Uma coisa normal da vida;

2 – Uma coisa boa, ótima.

#### SUJEITO 9

1 – Quando a gente depende de todo mundo.

#### SUJEITO 10

1 –Uma honra;

2 - Graça de Deus.

#### SUJEITO 11

- 1 – É feio;
- 2 – Ficar como um trapo;
- 3 – Não ter vontade e força para nada.

#### SUJEITO 12

- 1 – Ter que ir, com medo, mas tem que ir;
- 1 – Esperar o outro, ou seja, a morte;
- 2 – Conformer-se com a vida.

#### SUJEITO 13

- 1 – Solidão;
- 2 – Abandono.

#### SUJEITO 14

- 1 – Viver o dia a dia;
- 2 - Continuar trabalhando, orando, recebendo visitas, e fazendo doações.

#### SUJEITO 15

- 1 – Não tem significado nenhum, porque a gente sabe que a vida é assim.

#### SUJEITO 16

- 1 – Uma alegria por envelhecer junto com o esposo;
- 2 – Tristeza por não poder ajudar as filhas.

#### SUJEITO 17

- 1 – Ter diversos significados;
- 2 - Saber reconhecer que já não é mais moço;
- 3 - Gostar da vida que passou e do presente.

#### SUJEITO 18

- 1 – Normal, faz parte da vida;
- 2 – É bom.

#### SUJEITO 19

- 1 – Normal;
- 2 – Não sentir o tempo passar;
- 3 – Levar a vida, o dia a dia;
- 4 – Fazer o que quiser.

#### SUJEITO 20

- 1 – É uma obrigação natural;
- 2 – Ter que ir, morrer.

#### SUJEITO 21

- 1 – É normal, comum;
- 2 – É uma rotina;
- 3 – Natural da vida.

#### SUJEITO 22

- 1 – É bom;
- 2 – Continuação da vida;
- 3 – Passagem de uma etapa da vida.

#### SUJEITO 23

- 1 – Uma coisa boa;
- 2 – Uma Graça de Deus.

#### SUJEITO 24

- 1 – Uma etapa normal da vida;
- 2 – Viver e aprender coisas novas;

3 – É legal.

#### SUJEITO 25

1 – É bonito;

2 - Descobrir as coisas que deveria ter feito antes e agora têm a possibilidade de fazer.

#### SUJEITO 26

1 – Uma coisa boa;

2 – Garantir a vida;

3 – Coisa normal;

4 – Conhecer mais a vida

#### SUJEITO 27

1 – É bom;

2 – Poder trabalhar nos afazeres de casa;

3 – Conviver bem com o marido.

#### SUJEITO 28

1 – Ficar mais sossegada e tranqüila;

2 – Não ter vontade de sair;

3 – Não ter preocupação.

#### SUJEITO 29

1 – Deixar de fazer as atividades do dia a dia;

2 – Deixar de viver em Sociedade;

3 – Deixar de participar da comunidade;

4 – Perder o gosto de viver;

5 – Perder o ânimo;

6 – Não ter a vivacidade de se empolgar com as coisas.

SUJEITO 30

- 1 – Normal;
- 2 – Poder fazer tudo.

SUJEITO 31

- 1 – É o normal da vida;
- 2 – É bom porque logo já vamos embora e deixamos os jovens se virarem do jeito deles.

SUJEITO 32

- 1 – É ótimo;
- 2 – Ter coragem de trabalhar e enfrentar a vida.

SUJEITO 33

- 1 – É ruim, porque não dá para fazer tudo que fazia antes;
- 2 – Não ter mais ânimo;
- 3 – Esperar a morte.

SUJEITO 34

- 1 – Não é fácil, porque um dia está bom e o outro não;
- 2 – É duro, porque se ganha muito pouco na velhice.

SUJEITO 35

- 1 – É duro, porque não se sente como antes e não trabalha como antes;
- 2 – Sentir que trabalhou tanto para não ter nada;
- 3 - Que tem que ir.

SUJEITO 36

- 1 – É ruim envelhecer;
- 2 – Ter que ir.

SUJEITO 37

- 1 – Uma aventura;
- 2 – Lidar com a dificuldade em ter o espírito de jovem com a fisionomia de velho.

SUJEITO 38

- 1 – É o mesmo ritmo, é a mesma coisa, jovem, adulto, velhice, tudo no mesmo.

SUJEITO 39

- 1 – Não tem importância, não é grande coisa, porque é a vida;
- 2 – É normal, mas com saúde, o principal é a saúde.

SUJEITO 40

- 1 – Lembrar do passado.

SUJEITO 41

- 1 – Tristeza por lembrar do passado e ter saudades;
- 2 – Sentir a vida passar.

SUJEITO 42

- 1 – Começar a viver, depois de ter entrado na terceira idade;
- 2 – aproveitar a vida que lhe resta;
- 3 – Não ter preocupação com os filhos pequenos.

SUJEITO 43

- 1 – Mesma coisa de antes em todos os sentidos.

SUJEITO 44

- 1 – Uma coisa bem feia;
- 2 – Quietos;

3 – Murcho.

#### SUJEITO 45

1 – É duro, porque as doenças aparecem;

2 – Não poder aproveitar a vida.

#### SUJEITO 46

1 – Outra vida, porque aparecem as doenças e começa aparecer o cansaço;

2 – Diminuição da relação sexual.

De posse desses indicadores, criamos então as categorias relatadas a seguir, as quais sintetizam o que é mais significativo nos dados coletados, para posteriormente analisá-las, pois assim poderemos confrontar as teorias acadêmicas com a idéia que os idosos tirolo-trentinos têm sobre o significado do envelhecer, estabelecendo pontos convergentes e divergentes.

### **4.4 - Categorias de análise para a pergunta 1**

#### **O que significa envelhecer para você?**

1 – Ter Autonomia (sujeitos: 1,14, 19, 27, 30, 32, 42).

2 – Perder a força e o ânimo (sujeitos: 2, 11, 16, 29, 33, 35)

3 – Aprofundar o conhecimento da vida (sujeitos: 3, 5, 6, 10, 17, 23, 25, 26).

4 – Experiência de vida (sujeitos: 4, 5, 7, 24).

5 – Consciência da finitude (sujeitos: 6, 12, 20, 21, 31, 33, 35, 36).

6 – Processo natural da vida (sujeitos: 8, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 30, 31, 38, 39, 41, 43).

7 – Ótimo, bonito e alegre (sujeitos: 8, 16, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 37, 42)

8 – Doente, sozinho e dependente (sujeitos: 9,11, 13, 33, 34, 35, 36, 44, 45, 46).

9 – Lembrar o passado (sujeitos: 40, 41).

**Quadro 11 – Categorias para a pergunta 1 e Respectiveos Sujeitos**

<b>SUJEITOS:</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>17</b>	<b>18</b>	<b>19</b>	<b>20</b>	<b>21</b>	<b>22</b>	<b>23</b>	<b>24</b>	<b>25</b>	<b>26</b>	<b>Sub- total</b>	
<b>CATEGORIAS:</b>																												
1. Processo natural da vida								X							X			X	X	X	X	X			X		X	9
2. Ótimo, bonito e alegre								X								X								X	X	X	X	7
3. Doente, sozinho e dependente		X							X		X		X			X												5
4. Aprofundar conhecimento da vida			X		X	X				X							X							X		X	X	8
5. Consciência da finitude						X						X									X	X						4
6. Ter Autonomia	X													X					X									3
7. Experiência de Vida				X	X		X																		X			4
8. Lembrar o passado																												-

Continuação do Quadro 11 – Categorias e Respetivos Sujeitos

SUJEITOS:	Sub-	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	Total	Porcentagem
<b>CATEGORIAS:</b>																							
1. Processo natural da vida	9				X	X							X			X						15	32,6
2. Ótimo, bonito e alegre	7	X	X			X						X										13	28,26
3. Doente, sozinho e dependente	5			X				X	X	X	X							X	X			13	28,26
4. Aprofundar o conhecimento da vida	8																					8	17,39
5. Consciência da finitude	4					X		X		X	X											8	17,39
6. Ter Autonomia	3	X			X		X										X					7	15,21
7. Experiência de Vida	4																					4	8,69
8. Lembrar o passado	-														X	X						2	4,34

#### 4.5 - Discurso dos participantes para a pergunta 2: O que significa envelhecer numa comunidade tirol-trentina?

##### SUJEITO 1

*“É bem melhor envelhecer aqui em Santa Olímpia do que em outros lugares nê, porque aqui se a gente precisa de alguma coisa eles vêm e ajuda, tem ajuda de todo mundo, tem sim”.*

##### SUJEITO 2

*“É bom porque a gente fica tudo unida. É uma comunidade... ah... o que que eu falo pra você, eu nem sei. Ah... a gente se sente bem, mas a gente sente falta dos filhos. Sente falta dos filhos, porque a gente está com parentes, mas não os filhos. Eles estão todos esparramados, cada um em um Estado (risos)”.*

##### SUJEITO 3 (mulher, 78 anos)

*“Muito indiferentismo. Não estão nem aí com os velhos. Eu pelo menos sinto muita frieza, o povo aqui é frio com os de dentro, não tem muito relacionamento assim. Antes eu fazia coisas na Igreja, agora me chamam só pra tampar buracos. Como no dia de Natal, na missa das 8:00h, como não tinha ninguém, porque as mulheres ficam ocupadas, só os velhos que vão a missa nesse horário, então me convidaram para fazer o comentário da missa. A minha irmã falou: boba, você não vê que eles te chamam só para tampar buracos, eu sinto isso. Eu não sinto um carinho com a gente. Trentino nunca me convidaram pra nada. Eu também, também da minha parte, sou indiferente. Quando falam que vão viajar, cantar, isso eu me alegro, mas que eu tenha parte não, nem eu, nem eles me convidaram, nunca fizeram um convite pra mim”.*

##### SUJEITO 4

*“Envelhecer numa comunidade trentina eu acho que é gostoso, porque a gente é muito amiga, a gente é muito unida. A gente pode ter bastante papo, diálogo nê. É gostoso envelhecer numa comunidade assim, é gostoso”.*

## SUJEITO 5

*“Em geral tá ótimo, mas sempre tem o ponto negativo. Envelhecer aqui é... aqui somos bem acolhido na velhice, tá muito bom”.*

## SUJEITO 6

*“A gente tem uma vontade de não envelhecer, mas sim participar da comunidade, viver na comunidade. A gente participa das coisas que tem na comunidade. Então, envelhecer na comunidade... o que que a gente pode dizer, eu sinto uma vontade de trabalhar pela comunidade. Esse é o meu envelhecer, a minha velhice, ser dedicada à comunidade. A gente sente essa necessidade, mas a gente sente que não existe esse espaço para participar, a comunidade se fecha muito. Mas existe diferença em envelhecer nesta comunidade e envelhecer fora, a gente percebe isso visitando as outras comunidades. A gente faz um trabalhinho no quintal e vai para a cidade, chegando lá vê as pessoas sem ter o que fazer. Aqui todos os idosos têm alguma coisa para fazer, cuidando da casa, do quintal, da criação, da horta, enfim, sempre tendo o que fazer. Aqui, a pessoa continua trabalhando, embora tenha uma idade avançada continua trabalhando. Então, trabalhando dentro da comunidade a pessoa vive a velhice, trabalhando, indo no bar, jogando baralho, indo à missa, participando da comunidade. No meu caso, já participei mais da comunidade, como Presidente da Associação do Bairro, vereador, agora sou menos atuante, gostaria de participar mais”.*

*“Aqui na comunidade há um espírito diferente, todos participam das coisas da Igreja, ajudando fazer uma casa, fazendo um trabalho para outras pessoas, há uma colaboração em conjunto. Então os velhos na comunidade trentina não ficam isolados, estão sempre inseridos na comunidade. Se alguém precisa de alguma ajuda está todo mundo presente. Todo mundo corre e socorre. Então os idosos se sentem no meio da comunidade, inseridos dentro da comunidade, uma ajudando o outro sempre. Quando um está em dificuldade, o outro vai lá e ajuda. Fora dessa comunidade as pessoas se sentem isoladas, aqui não, tem a presença física na mente das pessoas. Ele tá lá, com a estatura dele, com a imagem dele, que se faz dentro da comunidade. Quando se fala de fulano, as pessoas já têm a imagem da*

*peessoa, de cada um e é bonito isso dentro da comunidade. E é uma coisa que eu acho bonito dentro da comunidade”.*

*“O Padre Jacó, por exemplo, que foi um exemplo, ele deixou a imagem dele. Eu tenho a imagem de um velhinho da comunidade, que era um velhinho, Seu Vitória, com 96 anos de idade cortando lenha, cortando lenha para a cozinha, então era uma saúde de ferro. Então, ele deixou aquela imagem para minha vida, não era a velhice que ia interromper a vida dele, e eu acho bonito isso, a imagem da pessoa dentro do próprio caixão depois que ele morreu. Ainda assim mesmo ele deixa essa mensagem”.*

#### SUJEITO 7

*“Envelhecer numa comunidade trentina significa colher experiências uns dos outros. Você vê nas pessoas mais idosas experiências, como levam a vida, valorizar tudo que tem, eu acho que facilita bastante. Aqui sempre um ajuda o outro, há uma colaboração, uns ajudando os outros dentro do limite da própria idade”.*

#### SUJEITO 8

*“Envelhecer em Santa Olímpia... normal também, normal, bonito assim mesmo. Eu convivo com as mais idosas e a gente se sente bem no meio da comunidade trentina, porque um fala uma coisa, outro, outra coisa, a gente acata tudo, são todos amigos, parentes. Os filhos não jogam os pais nos asilos. Eu brinquei com meus filhos: quando eu ficar velha vocês vão me colocar num asilo! Elas disseram: não mãe, a gente não vai colocar num asilo não, nós vamos cuidar de você. Na minha opinião aqui nesse lugar ainda tem isso de bom”.*

#### SUJEITO 9

*“Aqui na comunidade trentina! Eu acho que envelhecer aqui em Santa Olímpia é uma grande oportunidade, porque a gente tem bastante amigos e um depende do outro, não é que a gente fica isolado, todos se ajudam, é isso aí. Quem não pode se cuidar, não está aí jogado num asilo pelos filhos, porque já*

*penso, mesmo que tivesse fazenda, se quando eu precisar dos filhos e eles me encostassem por aí, sozinho, já pensô ! Aqui em nossa comunidade ainda a gente não encontra isso, todos os filhos cuidam dos pais”.*

*“ A gente pode contar um caso? Aconteceu um caso e eu fiquei tão chocado! Me internaram para operar da apendicite, e lá tinha uma velha que disse que tinha três filhos médicos, inclusive ela faleceu na Santa Casa, Santa Isabel, não sei...nenhum dos filhos veio visitar ela. Eu não, sempre eu tinha visita, é por isso que eu digo da nossa comunidade, isso não acontece aqui, a gente se sente bem aqui, por esse motivo, a gente nota pela nossa vivência, a gente nota que a gente não é abandonado. Eu tô notando isso pela família Negri; lá tem três irmãos que estão bem doentes, se não tivesse a colaboração dos parentes, dos amigos, estariam numa situação péssima, estão passando por um ponto aí, difícil, a gente nota isso daí, estão bem amparados, sempre têm visitas. Sei que tem um monte de erro de português, mas o importante é falar, falar o que a gente sente nê!*

#### SUJEITO 10

*“Significa que a gente está mais junto com os outros, junto com todos os parentes da gente. Melhor do que envelhecer longe. Eu acho bem melhor envelhecer aqui onde nasci, na minha terra, bem melhor. Aqui estamos mais protegidos”.*

#### SUJEITO 11

*“É melhor envelhecer em Santa Olímpia, porque tem igreja, podemos passear, tem mais união, parentes, amigos, todos se ajudam. Uma comunidade onde todo mundo se conhece é mais gostoso, ajuda mais”.*

#### SUJEITO 12

*“Envelhecer aqui na comunidade é bom nê! A gente mora aqui no meio, que nem eu, eu gosto de barulho, aqui sempre tem movimento. Nem que me dessem um palacete eu não troco o meu cantinho, eu gosto daqui. Os filhos chegam do trabalho, pegam uma cervejinha no bar e vêm toma aí no meu terracinho, e eu*

*quando tô com sono vou dormir, com barulho durmo tranqüila, mas toda noite vem um filho dormir comigo, porque já estão todos casados. Cada dia tem um, um filho ou uma filha, uma neta. De domingo vem um filho com a neta, de segunda vem o filho Estevão, de terça vem a neta, hoje vem o Genésio, aquele que mora aqui perto, depois a Beatriz, depois vem a Assunta, depois a Terezinha. Não me deixam sozinha”.*

#### SUJEITO 13

*“Envelhecer aqui... aqui ainda os velhos ficam com a família. Por enquanto, os doentes que são acamados, as famílias seguram em casa, não colocam no asilo. A família que cuida da recuperação. Aqui pelo menos seguram os velhos na família por enquanto. A não ser que estejam num estado muito grave, que precisa de muita atenção eles internam, mas se não, não. Primeiro os filhos ajudam, depois a comunidade visita, porque todos têm os filhos pra ajudar, mas a visita também é importante”.*

#### SUJEITO 14

*“Envelhecer nessa comunidade... tá bom, a gente leva o dia a dia sempre conversando um com o outro, porque a gente... não dá muito tempo pra eu ir lá (casa dos parentes) ir bater papo, mas elas vêm aqui. Mas quando a Isabel não vêm, eu vou lá bater papo, abraço, porque ela gosta muito de carinho. Ela me dá um maço de rosas toda contente, eu também”.*

#### SUJEITO 15

*“A velhice ninguém segura, então envelhecer aqui em Santa Olímpia é muito bom, aqui a gente é muito conhecido, muito querido. Tá doente, as pessoas vêm visitar a gente, conversar nô! Tá doente por exemplo, vem um amigo, conversa com a gente, pergunta tudo certinho, então a gente não cansa muito, não sente muito a velhice. Quando fiquei no hospital foi só ligar para a Ivanete e num instantinho todo mundo sabia, o bairro inteiro sabia, todos foram me visitar”.*

## SUJEITO 16

*“Acho que é melhor envelhecer aqui nesse bairro, porque a gente sempre viveu aqui; acho que é melhor viver aqui no Banco (nome popular de Santa Olímpia). Por causa... um vem visitar, um passa aqui sempre contente, não fica sem vir gente aqui em casa. Eu sinto muito bem. Vieram muito visitar a gente. Eu me sinto contente por isso nê?”*

## SUJEITO 17

*“Envelhecer aqui, pra mim... que nem eu falei, experiência bastante, agora esperar que a gente possa ajudar quem precisa. Aqui... acolhe mais fácil, é muito melhor envelhecer nesta comunidade. Aqui é muito melhor do que na cidade, porque eu já fui lá, eu tinha meu cunhado lá, vi o abandono dos colegas. Meu cunhado que morava lá na cidade, pouca gente ia lá. Em vez aqui, todo mundo tá sempre no meio. Quando eu precisei de 8 pessoas para doar sangue, foi dezenove. A gente fica feliz. Uma velhice feliz! Aqui tem conhecimento, tem amizade, tem ajuda enquanto puder. Ajuda mutuamente, como falam. Aqui nos temos o terço na Igreja, a missa, todos rezam por todos. Que nem o Nato, que está muito doente, sempre tem alguém lá, vai a filha, vai outro, nunca está sozinho. Nem que for pra ficar junto com aquela que fica lá cuidando dele, pelo menos pra ficar junto, fazer companhia, conversar, aí tá tudo bom, passa as horas”.*

*“Outro dia um moço falou: - Você é velho e não entende nada. Eu falei: - O que vocês fizeram até agora para o Brasil? Dão dor de cabeça para os pais e gastam. Eu trabalhei até agora, estou deixando pra vocês, nem que o Brasil esteja mal governado, não tem problema, estou deixando um Brasil pra vocês, deu para ensinar alguma coisa. E você, o que tem a mais do que eu? O que eu trabalhei vocês não trabalharam. Eu tenho a experiência da vida, sei o que é trabalhar, sei viver, sei viver com a família pesada, sem dinheiro, e você não sabe, não sabe nem o que é trabalhar, se terão vontade! Eu não, sempre tive vontade, trabalhei 50, 60 anos. Trabalhar... isso eu tenho vontade. Trabalharia mais, mas agora não*

*pode por causa do coração. Graças à Deus, tudo eu fiz, meus filhos todos tem um diploma, não fizeram faculdade porque não quiseram. Só duas”.*

#### SUJEITO 18

*“Aqui tem bastante parente que ajuda, na cidade não tem não. Eu acho que é melhor envelhecer aqui em Santa Olímpia do que na cidade, porque tem apoio dos familiares, dos amigos, de tudo isso. Aqui todo mundo ajuda. Eu participo da cozinha nas festas, só quando eu estou doente que eu não vou, mas se dá eu vou. Quando tem festa, tem nova, tem velha, tem criança, tudo mundo ajuda, eu gosto de ficar lá (na cozinha do salão)”.*

#### SUJEITO 19

*“Oh ‘Dio’ (risos)... tamo acostumado com velho, os jovem mesmo não faz diferença com os velho daqui, todos eles encontra a gente, não faz diferença, acho que por isso que a gente vai envelhecendo e nem percebe, porque a gente fica no meio dos jovens, de tudo. A comunidade aqui... eu sempre falo: - se quer que a gente morra é levar morar na cidade. Aqui na comunidade, eles respeitam os velhos, tudo. Aqui tudo mundo tem atividade. Meu marido por exemplo tem horta com um pouquinho de tudo. Você não viu que eu dei batata doce pra ela. Tem batata doce, tem bananeira, tem horta. Eu tava falando lá em cima (praça em frente a Igreja) outro dia: 61 anos que eu tô casada, nunca fiquei sem, nunca comprei verdura. Lá tem um pouco de tudo, pra isso ele tem uma disposição! Por isso que eu falo, se levassem ele (marido) pra cidade, antes de um mês ele morre. Ele tem galinha; primeiro ele tinha coelho e depois de tanto custo fizemo ele vender, acabar com o coelho porque é muito cansativo. Dia que chovia ele (marido) se desesperava porque não tinha capim. Eu disse: - mas você tá criando e não tem lucro. Aí ele falava:- Tá bom então. Depois de tanto custo ele largou. Ele tem galinha agora. Um dia ele foi pra cidade e falou: - Não esqueça de dar água pras galinhas, milho e capim. Então, aqui todos tem sempre o que fazer”.*

*“Aqui tem muitos que seguram os pais até morrer, não põe no asilo. Aqui não, todos Graças à Deus seguram os pais até morrer. Fica os filhos, se não fica*

*os filhos paga uma pessoa para ficar, não deixa eles ponha no asilo. Pra isso é respeitado, tanto os filhos, como o pessoal mesmo. Todos ajudam se precisar. Um ajuda o outro. Essa comunidade é bom por causa disso. Se precisa todo mundo ajuda. Eu falei que a gente que vem de fora estranha, porque aqui eles gritam, discutem, quando dali pouquinho se precisar vai ajudar aquele que gritou, eles não guarda rancor. Que nem minha nora, era uma festa do Banco (nome popular de Santa Olímpia) e teve uma briga lá em cima (no Salão) e minha nora falou pra mim: - Quanto mataram? Eu falei: - nenhum por quê? Era um daqui e um de Santa Terezinha. O de Santa Terezinha caiu e machucou, o que fizeram os daqui? Pegaram, levaram pra farmácia pra fazer curativo e falaram: - agora vamo embora se não é capaz de começar a briga outra vez. A minha nora falou: - Lá na Paraíba se sai uma briga é morte na certa. Eu falei: - você pode acostumar que aqui é assim, grita, grita, depois vira... você pode acostumar, briga, briga, mas depois se conversam de novo. Tem muitos que estranham a vida daqui, mas Graças à Deus eu gosto daqui, todos se dão bem”.*

#### SUJEITO 20

*“É a melhor coisa que poderia me acontecer, aqui todos se conhecem, se ajuda, se gostam. Nos somo tudo amigo, bate papo na praça, brinca, participa das festas, por isso é gostoso envelhecer aqui”.*

#### SUJEITO 21

*“A coisa mais alegre que tem é envelhecer aqui, envelhecer no sítio. A coisa mais boa da minha vida foi isso aí. Envelhecer na cidade... eu morria antes da hora viu, sério mesmo, palavra! Hoje em dia o cara sai do serviço às 4:00, 5:00h (16:00 e 17:00h) você vê a hora que é... você vê onde o sol tá, onde você vai? Você chega na sua casa e onde vai? Vai na rua? Vai aonde? Lá na cidade você sai na rua pra gastar, não sai? Aqui não, faz um negócio aí, roça, cuida dos frangos, da horta, limpa o quintal até chegar de tarde, depois assiste televisão, descansa um pouco, volta e roço mais um pouquinho. Deus o livre envelhecer na cidade, sério mesmo, fora de brincadeira. A melhor coisa da minha vida foi*

*envelhecer aqui no sítio, uma coisa boa, boa mesmo. Envelhecer no que é seu, no lugar certo. Os filhos sempre vêm aqui, só que eu falo pra eles: - vocês... passou aqui no portão é que nem fosse criancinha... ouço conselho... nas não vou escutar... esse vício eu tenho... não aceito... quer dizer... tem hora que aceito, não digo que não, quando a idéia é boa... até que aceito (risos)."*

#### SUJEITO 22

*"Envelhecer aqui... bom aqui é mais fácil. Eu acho que envelhecer aqui é mais fácil do que fora, porque aqui todos os idosos estão unidos, às vezes a gente brinca, às vezes eu falo: - Oh... cada vez que passa eu fico mais combalido, veja bem, então todos começam a dar risada. A gente brinca, os idosos... quando a gente se encontra a gente brinca. A gente fala: - É gostoso ser velho? Algum fala: - ah... tá bom. Às vezes tem algum que fala: - não, hoje não tá bom. Aqui se tem algum necessitado todo mundo ajuda, é isso aí. Viver aqui foi um paraíso, e foi mesmo, porque a gente vê na televisão tanta desgraça, aqui ainda não tem isso".*

#### SUJEITO 23

*"Eu acho bom envelhecer aqui. Aqui sempre a gente... aqui a gente sempre se reúne, joga bingo, todo domingo (risos). Eu, a Fânia, a Zita e outras, todo domingo a gente vai, quando dá certo. A gente vai na missa, quando não tem missa tem o terço ou a gente assiste na televisão a missa, na Rede Vida. A gente se encontra, fica batendo papo. Aqui é como uma grande família. Aqui a gente vive abençoado por Deus, não tem enchente, essas desgraças que existe por aí, que a gente vê na televisão, não sei se é tudo verdade ou se aumentam (risos). Aqui é tudo família, é tudo primo, tem um pouquinho de parentesco, fora os de fora que casou com os daqui. Mas eles entram no nosso clima aqui, acabam fazendo parte da comunidade."*

*"Sabe o que eu acho de diferente aqui? A gente foi educado de um jeito e os que vem vindo agora é diferente (se referiu aos netos). Esse jeito do jovem de agora, a gente sofre vendo esse exagero de agora, mas vai fazer o que, a vida muda nê! O que a gente reza é pra eles ser muito feliz. Houve exagero no*

*passado e há exagero no presente. No nosso tempo era muito fechado e agora muito aberto, e isso aí. Às vezes a gente sofre um pouco com as crianças, às vezes fica fora até tarde, é o progresso né! Mas antigamente era muito fechado. Tinha um frade que falava assim: - uma pessoa só vai na cidade pra fazer a compra. Porque ele achava que se fosse na cidade a gente se perdia né, em qualquer sentido (risos). Mas ninguém conseguiu, cada um ia fazer a compra dele (risos). Ninguém executava, e não era pra executar mesmo, porque às vezes ele pode errar.”*

#### SUJEITO 24

*“Eu não sei, eu... aqui é gostoso por causa das nossas colegas, parentes, aqui a gente brinca com um e com outro. É gostoso. Tem lugares assim, como me falaram, moram em apartamento e um não conhece o outro, como pode? Acho que fica que nem uma cadeia. Aqui não, aqui todos se conhecem, é gostoso, aqui com as pessoas, a gente se conhece, conhece todo mundo. Todos ajudam todos.”*

#### SUJEITO 25

*“Aqui é gostoso. Uma delícia. Sabe por quê? Porque eu conheço um parente meu que mora na cidade né, ele falou: - Olha, eu fico o dia inteiro só, o máximo que vem ver eu é minha mulher porque ela tá aqui, meu filho não vem, meus parentes em roda não vem. Tô morrendo como que fala... de... de solidão... tô morrendo de solidão. Aqui pelo contrário, se tem uma pessoa doente... eu nunca fui na casa de um doente que já não têm duas ou três pessoas visitando ele, lá junto. Aqui a gente passeia junto. Por exemplo o Nato, ele segura o lugar no banco da Igreja pra gente sentar junto. Lá pelas 6:30h (18:30h) ele falava:- ah, seu lugar tá aqui. Sabe por quê? Porque ele era de idade e eu converso com ele, a gente fica conversando até bater o sino da Igreja, a gente saía e ele segurava para eu ficar conversando mais com ele. Converso com ele, converso com o Thesco, converso com o Miro, com o Clóvis, porque eu sei que eu também vou precisar. Por enquanto tenho minha mulher, meus filhos e converso demais, mas vai chegar um tempo que eu vou precisar dessa conversa.”*

*“Então pra mim, envelhecer aqui eu acho muito bom, porque eu vou conversar com os outros e tá passando o tempo e assim vai indo. Depois tem outra coisa, eu tô envelhecendo nos meus bailes, na minha praia, na minha casa, tenho meus passarinhos, meus amigos, tô achando legal pra caramba. Não tenho solidão, que nada, aqui todo mundo conversa, ninguém tá sozinho. Não adianta, não vou falar: - ah... quando tinha 40 anos, 30... uh... acho gostoso agora, estando aqui na nossa comunidade, tô achando bonito envelhecer desse jeito. Agora você vai falar lá: - tem um tirolês ‘bicho burro’ que tá envelhecendo e tá gostando. Você vai falar isso, porque é isso mesmo, tô gostando. E falo: - não tenho medo de morrer, um dia todo mundo vai, aqui vou morrer tranqüilo, é isso daí. Não quero sair daqui jamais, depois que eu vi aquele amigo meu, aposentado da cidade na solidão, não, aqui não tem isso”.*

#### SUJEITO 26

*“Olha, acho que envelhecer aqui é bem melhor do que envelhecer na cidade. Nem que eu morasse com a família, mas eu acho bem melhor aqui. Aqui a gente tem bastante colega, quantos velhos têm aqui, 50, 60? A gente se consola, começa a tirar sarro um do outro. Eu acho uma vida normal. Pra mim eu acho melhor aqui do que num sítio, numa fazenda, na cidade, lá sozinho, acho que isso aborreceria um pouco. Aqui eu não fico isolado, é isso a.”*

#### SUJEITO 27

*“Envelhecer aqui... bom, eu pouco saio de casa, dia de semana eu fico aqui na minha casa, eu vou só na missa de sábado, depois eu vou embora e não mais em nenhum lugar. Quando eu era mais nova eu ia passear, gostava muito de passear, mas não muito mais nova, de 50 anos pra baixo. Eu gostava de sair com os filhos, ia na missa na Santana. Pegava as crianças pequenas e ia pra lá, minha mãe morava lá.”*

*“Mas envelhecer aqui tem muita diferença, porque eu não queria na cidade, porque de um lado você vê gente estranha, vai do outro, gente estranha, tem que viver aí sozinha. Em vez aqui não, tem colegas, aqui é que nem uma irmandade,*

*aqui em Santa Olímpia, a gente se conhece, não tem nenhuma pessoa estranha que mora em volta de nós, tudo a gente se conhece. Também quando sai pra ir na missa eu encontro com todo mundo, é gostoso, eu tô acostumado assim, não gosto de sair muito, porque aqui em casa de domingo reúne toda a família, os filhos vem tudo aqui em casa. A gente faz almoço pra todo mundo, gostoso, e nós fica conversando todos os filhos juntos, isso daí é bom também. Aqui o melhor ponto de encontro é a Igreja, se não tem missa, tem o terço, e depois todos ficam conversando na praça com as noites quentes, na lanchonete... é isso aí.”*

#### SUJEITO 28

*“Envelhecer aqui eu acho muito bonito, não tem bandido, não tem nada. Pra mim é a coisa mais gostosa que tem, estar no meio das árvores, dos passarinhos, pra mim é a coisa mais gostosa que tem. Levantar cedo, caminhar, respirar o ar da manhã, depois à tarde, assistir televisão, a missa, pra mim é gostoso, porque estamos em meio à natureza, é ótimo. Mesmo pras pessoas o ambiente é bom, todo mundo se gosta, todo mundo se ajuda, é uma beleza. A gente participa na Igreja, é bom, é gostoso. A gente nem percebe, faz que nem minha mãe falou: - vivi, passei, não vi os dias passar, é... só (risos). Pra mim aqui tá ótimo, por enquanto tá tudo bom. Ajudo também a olhar as filhas de meu sobrinho, mas elas correm muito, eu não agüento, mas tá tudo bom.”*

#### SUJEITO 29

*“Oh... (risos) não tem envelhecer pra mim, não sei. Eu acho que a pessoa não se sente idosa aqui, porque as pessoas mais jovens, com mais idade, tudo se diverti junto, eu não sinto o envelhecer aqui, sei lá. Não sei, eu não sinto o envelhecer porque quando tem festa tá todo mundo participando, mesmo as idosas também, tá todo mundo fazendo alguma coisa, então não dá pra você sentir esse envelhecer aqui. Eu disse que envelhecer é deixar de fazer as atividades, como agora eu tô mostrando que aqui todos fazem, aqui não tem envelhecer, só!”*

### SUJEITO 30

*“Normal, não sinto diferença, não me atrapalha nada, pra mim... agora... pra os outros não sei, pra mim não atrapalha nada, ao contrário, pra mim eu acho que envelhecer aqui é bom ainda, porque a gente vive mais tranqüilo, batendo papo com os outros, brincando, porque tem bastante atividade para o povo daqui.”*

### SUJEITO 31

*“Vamos acabar morrendo mesmo, porque onde que nos vamo. Eu falo pra ele (marido): - vamo embora, vamo embora, tá só nós dois mesmo, vamo viver lá na cidade, em outro lugar. Nossa! Ele fica louco da vida. Mas sabe aonde eu queria ir, na Lar dos Velhinhos, eu gostaria muito de ficar lá trabalhando pra eles, tudo de graça, não quero nada, assim seria o meu gosto, mas ele (marido) não vai. Porque eu acho, lá eu tenho muita segurança, porque as pessoas de hoje, os mocinhos, as mocinhas, as filhas, não sei se vão agüentar a gente nê! Entende? Assim, estando no Lar dos Velhinhos, a gente já saberia que tem alguém que vai te olhar, porque eles, os jovens não têm mais paciência como nós tivemos, como a gente tem ainda, porque se for pra cuidar mais de alguém eu cuido, mas elas não querem saber disso, as pessoas de hoje, pelo que a gente vê, elas não quer saber de olhar velho”.*

*“Envelhecer aqui em Santana, a gente viu os que envelhecem aqui. Eu acho que tá sendo muito cada um por si, tá sendo, não é verdade homem (marido)? Eles dão um empurrão, mas depois a gente fica sozinha. Agora, quando a gente fica doente alguns ajuda bastante, eles fica no hospital com ele, um vem embora e já vai outro, isso é muito bom aqui por isso, mas... fica muito enjoativo pras pessoas também, mas tá bom. Cada um tá se virando, a família cada um tá se virando muito bem no envelhecimento, é... e se precisar de ajuda, todo mundo ajuda. Ajuda em trabalho, assim... dar um banho, mas se for de precisão, agora eu vou rasgar o mapa, se for de precisão de dinheiro, desculpe, não tem ninguém viu, você não vai encontrar ninguém, isso é muito difícil. Apesar que aqui tá tudo normalizado nessa parte, bem arrumadinho nessa parte, casa um tem sua casinha, seu carro male má, pronto.”*

*“Bom, você vai... cada um faz o que pode fazer, mas você não vai ficar desamparada assim, mas tem hora que você fica nê! Quer dizer, não vai ficar 24 horas com você, ninguém vai fazer isso, só mesmo da família com a família, aí sim. Mas agora tem algum que não tem família que fica no hospital, sempre tem um ou outro que vai, que vem, assim, nessa parte isso é muito bom. Aqui tem bastante gente que faz isso. Envelhecer aqui é assim mesmo, aqui mesmo nós vai ficar, não adianta, passeá nós não vai, só aqui, mas tá bom, eu gosto de ficar aqui, pelo menos dentro da minha casa eu gosto de ficá.”*

*“Na festa eu vou na cozinha ajudar, na missa eu vou de domingo, porque tem a bendita Rede Vida, então a gente assiste aqui durante a semana, porque tem o Padre hora e minuto que a gente quer, mas a gente fica um pouco acomodada e não vai. Eu vou só de domingo, domingo pra mim é sagrado. Só que acaba missa é um corre corre mais do que o outro, porque a missa é 9:30h, depois a gente tem que começar fazer o almoço entende? Então fica muito tarde, porque aqui 11:00h até meio dia a gente tá almoçando, isso de domingo. Não dá pra ficar na praça batendo papo com alguém, conversar, porque a gente tem que fazer almoço. A gente se conversa um pouquinho dentro da Igreja antes de começar a missa, sempre um pouco, mas quando acaba a missa tem que correr. Os homem se ele quiser pode ficar até mais nê? Porque ele não tem o que fazer, mas a gente não. A gente vai envelhecendo como Deus quiser, porque ela vem mesmo, não adiante querer escapar nê! Mas agora vou criar coragem, vou no médico pra me sentir bem, porque quero me sentir bem só, o resto a gente leva se Deus quiser.”*

### SUJEITO 32

*“Oh... ótimo viu, nascemo aqui. O lugar aqui é um lugar que eu adoro, um lugarzinho ótimo pra mim. Ela (esposa) que fala que quer sair, eu, fico por aqui. Minha esposa fala que eu sou o menino que não envelhece. Veja bem, ela (esposa) não gosta, mas eu, tudo o que vejo tá bom, natureza, passarinhada, amigos, tudo que eu vejo na frente eu lembro do que eu fez. Pelo menos eu moro num lugar bom, não é uma montueira. Tem passarinhada lá no fundo e eu falo: -*

*Deixa que eu trato. Tem passarinho de todo tipo lá no fundo. Ela (esposa) não liga pra isso daí, mas eu já me apeguei nisso, eu vou indo junto com a natureza, puxa vida adoro! Já levanto cedo, vou tratar os passarinhos, ela (esposa) fica brava e diz: - pronto, já vai tratar os passarinhos (risos). Ela fica brava que eu acordo dando risada, ela não, ela é pouco de dar risada, eu brinco sempre, dou risada sempre, mas cada um tem um jeito nê! Eu tenho um jeito calmo, ela já é mais agitada. Eu nunca grito, converso dando risada.”*

*“É ótimo envelhecer aqui, tem tudo que eu quero, mas é coisa simples, não vai pensar que é coisa bonita, mas é que eu gosto disso daqui, coisas da natureza que eu já falei pra você já hoje, gosto de ver uma plantação bonita, passarinho, tem tudo passarinho de várias cor. Então, é uma coisinha simples que pra mim atrai, não tô com pensamento longe, pensamento mau, então estou com o pensamento nessas coisas simples que faz bem, puxa vida nem fale, isso pra mim é tudo, pra outros eles nem sabe o que eu tô falando. Alguns falam:- você vai fazer essa bobagem! Aí eu falo: - você vai atrás de buscar a sua que eu vou atrás da minha ponto! (risos)”*

### SUJEITO 33

*“Oh é bom envelhecer onde que nos nascemo nós tá aqui ainda, isso é bom. Temo que morrer aqui mesmo. Oh... não adianta mesmo, envelhecer aqui mesmo ou em outro lugar é a mesma coisa eu acho nê! Porque todo mundo tem que envelhecer em qualquer lugar, a única diferença é que aqui a gente conhece todo mundo e fora daqui a gente não conhece nada.”*

### SUJEITO 34

*“Tá bom, tá bom, sabe por que eu te digo que tá bom envelhecer aqui em Santana? Porque você não vê um tirolês no asilo. Todo mundo cuida dos velhos dele aqui. Neste ponto aí nós precisa ter orgulho, não tem nenhum no asilo, tá entendendo como é? Então, neste ponto aí tá bom pra mim, pra nós aqui, porque ‘cara da Dio’ envelhecer aqui ou em outro lugar todo mundo envelhece, mas aqui tá bom porque não tem nenhum tirolês lá no asilo, quem já morreu, morreu aqui*

*mesmo até todo mundo cuidar dele. Neste ponto que eu digo que envelhece aqui é bom.”*

#### SUJEITO 35

*“A gente sempre, sempre morou aqui, em outro lugar não acostuma mais. Pra sair daqui é duro, não acostuma depois. Eu gosto de envelhecer aqui, mas às vezes tem alguma coisa errada nê! Mas tá bom, porque aqui a gente tá no meio das pessoas que a gente conhece, sabe que é, porque aqui todo mundo se conhece. Pra mim eu gostaria de estar solta, segura pra trabalhar, mas não ter doença, porque eu quero trabalhar, mas eu me canso muito. Porque eu tô acostumada trabalhar o dia inteiro, eu não paro, às vezes eu tiro um cochilo pra descansar. Então, eu canso mais agora do que antes, não é fácil. Agora a turma tem de tudo, antes a gente não tinha nada, ia lavar roupa longe, não tinha água encanada, ia no banheiro no meio do mato, levar comida longe na roça, tudo era mais difícil, daria um livro assim (demonstrou o tamanho com a mão). A minha juventude não sei nem como foi, o que nós tinha, a gente ia aonde? A gente ia no baile e o pai vinha atrás e mandava a gente ir embora quando era 9:00h, o que que nós gozava? Nada, só trabalhar, só de domingo, depois a gente ia cortar cana, moer... o que nós sofremo! Ia lavar roupa lá embaixo, ia lá embaixo no poço, buscar água, duas lata de 20 litros, colocava no ombro e subia, cortava capim, cortava lenha, tudo isso nós fazia, agora não, está tudo mais fácil.”*

#### SUJEITO 36

*“Eu de verdade... eu gosto daqui, é um pedacinho do céu que nós temo aqui. Eu nasci aqui dentro daquele quarto e estou até hoje, meus pais também, ele (o irmão) também (risos). Oitenta anos dentro do mesmo quarto. Aqui todo mundo ajuda, a gente sempre faz alguma coisinha pra quem precisa. Tem aqui do lado duas mudas, uma é muda e surda, a outra é surda, muda e cega. Primeiro elas viviam mal, aí todo mundo ajudava um pouquinho, agora elas têm aposentadoria e dá pra se virar melhor. Quando elas precisavam mais a gente ajudava, toda a comunidade ajudava. O povo, a comunidade fizeram uma casinha pra elas, e elas*

têm... uma tem 83 anos e a outra 81. Elas levantam às 4:00h e come, às 9:00h come novamente, às 12:00h come, às 3:00h (15:00h) come e às 5:00 (17:00h) vão dormir.”

#### SUJEITO 37

“Nossa... uma maravilha, é que nem fosse uma família, ainda mais comigo. Quando eu vou à missa eu levo uma hora pra sair da Igreja (risos). Pra mim é uma maravilha, uma família. Se nós vamo no Banco (nome popular de Santa Olímpia) todo mundo fica rodeando, tudo pra conversa com nós, nossa... tudo uma maravilha, é uma família. A gente quer bem o povo como se fosse uma família da gente. Qualquer pessoa que a gente encontra, não tanto como filho, mas representa como se fosse da nossa família, é uma beleza Graças a Deus. A nossa família não tem encrenca com ninguém, é livre, pode andar de cabeça erguida, como eu falo sempre pro meus filhos: - sorriso no rosto, cabeça erguida e vamo pra frente. Sempre vivemo uma vida tranqüila.”

#### SUJEITO 38

“Como eu tenho que falar será nê? Bom... vivendo como nós tamo vindo hoje tá bom, imagine se fosse na cidade, eu não agüentaria! Nós somo que nem tatu, acaba serviço todos vai embora, o tatu é assim, solto ele corre no buraco, igual a nós, a gente corre na nossa casa. Eu adoro, depois a gente vai na casa dos colegas, falando, conversando, marretando o governo e acabou. Vamo na praça em frente a Igreja, batendo papo, todo mundo se conhece, conversa, se ajuda, é muito bom, muito bom.”

#### SUJEITO 39

“Eu acho que aqui é melhor, sei lá se é, porque eu nasci aqui e vivi sempre aqui, não tem outro lugar pra gente. Eu tenho 6 meninas que mora na cidade, elas me convida pra eu passar alguns dia lá, mas eu não vou, eu não gosto, lá eu me acho fechada dentro de casa, aqui eu saio, vejo longe a natureza, pra mim

*envelhecer aqui é melhor. Se eu vou na cidade eu já quero vir embora, aqui é mais livre, uma coisa melhor, pra mim, mas tem gente que gosta da cidade.”*

#### SUJEITO 40

*“Acho que aqui em Santana eu achei sempre igual, desde que eu casei, porque meus filhos moram bem aí (do lado). Aqui eu acho tudo bom pra mim, porque aqui tem tudo gente boa, não é gente ruim, todos ajudam, se conhecem.”*

#### SUJEITO 41

*“Então, eu nasci e fui criada aqui, quer dizer que pra mim eu não vi passar o tempo, passou tão rápido, eu acho nê! Porque mesmo que sofri muito, com os filhos pequenos, sempre passei bem, eu nunca achei que eu era infeliz, só quando o meu marido morreu, tive depressão e aquela época nem tinha remédio, eu ficava assim... não dormia à noite inteira. Você acha que não tinha nenhum calmante pra mim tomar, e agora qualquer coisinha tem calmante nê! Eu chorava, não me conformava, que desespero!”*

*“Aqui então eu acho melhor envelhecer aqui do que na cidade, porque sempre tive apoio dos outros, se fosse na cidade, assim, por exemplo, eu falei uma época pra minha filha: - vamo na cidade morar num apartamento. E ela falou assim:- Ah mãe, lá a senhora vai ficar mais sozinha, eu vou ficar mais preocupada e aqui a senhora está mais segura. E é mesmo, porque aqui a gente conhece todo mundo e qualquer coisa que aconteça todo mundo socorre nê! Por isso eu acho bom envelhecer aqui.”*

#### SUJEITO 42

*“Eu acho que tanto faz envelhecer aqui como em outro lugar né, porque em qualquer lugar a gente envelhece. Mas eu adoro morar aqui, eu gosto porque a gente tem uma vidinha calma aqui, tudo mundo se conhece, me sinto muito feliz viver, envelhecer e morar aqui. Sempre morei nesta casa, casei e já vim pra cá, é simples, nós não tem condição de arrumar a casa só eu com ele (marido), mas aqui é tudo meu, meus filhos têm uma casa cada um Graças a Deus. É bom*

*envelhecer aqui, todo mundo se ajuda, todo mundo bate papo, e também a vidinha que a gente leva, não que a gente é rico milionário, mas Graças a Deus nunca faltou nada.”*

#### SUJEITO 43

*“Gostoso, porque fora daqui não me daria, eu acho que a gente nasceu aqui e fazer o que mudar pra cá e pra lá. Pra mim tá bom, eu gosto de morar aqui, porque eu não gosto de barulho, eu queria mais quieto ainda do que eu tô aqui, não gosto de barulho, gosto de viver tranqüilo, sem barulho, sem nada. Agora, aqui eu gosto porque eu ouço passarinho cantar, adoro ficar ouvindo ele cantar, eu não gosto de barulho de condução, de pessoal gritando, não gosto. Gosto daqui porque é mais tranqüilo, se fosse na cidade pelo amor de Deus, seria duro, por isso que gosto de envelhecer aqui.”*

#### SUJEITO 44

*“Se fosse em outro lugar não sei como podia ser, eu gosto mais de ter envelhecido aqui. Envelhecer aqui foi bom, porque a gente se sente amigo, conversa na praça, se reúne. Eu sentiria de sair daqui.”*

#### SUJEITO 45

*“Oi, essa pergunta meu véio (marido) não gosta, porque aqui em Santana eu não gosto. Cinqüenta e sete anos que moro aqui (antes de casar morava na Fazenda Negri) e eu não acostumei ainda. Sabe porque eu fico aqui? Porque é minha casa, mas eu não gosto de envelhecer aqui, porque eu não me dô... não é que fizeram nada pra mim, porque eu fico na minha casa e elas fica na delas. Elas não pode ver eu conversando assim com homem porque elas pensam outra coisa. Eu preferiria em Santa Olímpia , no Negri, na cidade, menos aqui. Mas vamo levando, eu vou na Igreja, confesso, mas pecado nós não têm, não briga com ninguém, nós vive muito bem, não reclama, quer dizer, reclama às vezes, porque tem que levar, passar, é um problema nô! Ele (marido) fica bravo.”*

#### SUJEITO 46

*“ Envelhecer aqui... ah... eu prefiro mais aqui em Santana do que tá morando na cidade nesta idade. Eu acho melhor aqui, por causa da comunidade, sabe! Sempre quando tem alguém doente os outros vêm visitar a gente, nunca fica sozinho bem dizer nê! Se acontece alguma coisinha todos vêm ver, lá na cidade eu acho que não é assim, não sei, talvez seja melhor ainda, não sei, mas eu acho aqui bem melhor, todos se conhecem, se ajudam, por isso.”*

#### **4.6 - Indicadores dos discursos para a pergunta 2:**

##### **O que significa envelhecer numa comunidade tirolo-trentina?**

#### SUJEITO 1

- 1 – Melhor do que envelhecer em outro lugar;
- 2 – Ter ajuda de todos.

#### SUJEITO 2

- 1 – É bom porque todos ficam unidos.

#### SUJEITO 3

- 1 – Indiferente;
- 2 – Não estão nem aí com os velhos;
- 3 – Ser tratado com frieza.

#### SUJEITO 4

- 1 – É gostoso porque todos são amigos e unidos;
- 2 – Espaço de diálogo entre amigos.

#### SUJEITO 5

- 1 – Ser bem acolhido na velhice.

#### SUJEITO 6

- 1 – Vontade de colaborar e trabalhar pela comunidade;
- 2 – Ter sempre o que fazer;
- 3 – Contar com a ajuda de todos;
- 4 – Não ficar isolado.

#### SUJEITO 7

- 1 – Colher experiências uns dos outros;
- 2 – Contar com a ajuda de todos.

#### SUJEITO 8

- 1 – É normal;
- 2 – É bonito porque há troca de experiências;
- 3 - Ter amigos e parentes;
- 4 - Não jogar os pais no asilo.

#### SUJEITO 9

- 1 – Uma grande oportunidade;
- 2 – Ter amigos;
- 3 – Não ficar isolado;
- 4 – Ter ajuda de todos;
- 5 – Ter o cuidado dos filhos;
- 6 – Não ser jogado nos asilos;

#### SUJEITO 10

- 1 – Estar junto aos outros, junto aos parentes;
- 2 – Envelhecer onde nasceu, na própria terra;
- 3 – Sentir-se protegido.

#### SUJEITO 11

- 1 – É melhor;

- 3 – Ter união;
- 4 – Ter parentes;
- 5 – Ter amigos;
- 6 – Ter ajuda de todos;
- 7 – É gostoso porque todo mundo se conhece.

#### SUJEITO 12

- 1 – É bom;
- 2 – Não se sentir abandonado e sozinho;
- 3 – Contar com a ajuda dos filhos.

#### SUJEITO 13

- 1 – Ficar com a família;
- 2 – Não ser levado para o asilo;
- 3 – Ter o cuidado e ajuda dos filhos;
- 4 – Quando se está doente pode-se contar com a visita de todos da comunidade.

#### SUJEITO 14

- 1 – Levar o dia a dia conversando um com o outro;
- 2 – Trocar carinhos.

#### SUJEITO 15

- 1 – É muito bom;
- 2 – Todos se conhecem;
- 4 – Quando se está doente pode-se contar com a visita de todos da comunidade.

#### SUJEITO 16

- 1 – É bem melhor envelhecer onde nasceu e viveu;
- 2 – Sempre tem visitas de todos da comunidade.

#### SUJEITO 17

- 1 – Ter experiência;
- 2 – Nessa comunidade a acolhida é melhor;
- 3 – Todos se ajudam;
- 4 – Ter amizade;
- 5 - Rezar por todos;
- 6 – Não ficar sozinho;
- 7 – Sempre ter visitas quando se está doente.

#### SUJEITO 18

- 1 – Ter ajuda de parentes;
- 2 – Melhor envelhecer no bairro do que na cidade;
- 3 – Contar com o apoio dos familiares e amigos.

#### SUJEITO 19

- 1 – Estar no meio de todos sem diferença;
- 2 – Ser respeitado;
- 3 – Ter atividades rurais;
- 4 – Ter o cuidado dos filhos;
- 5 – Não colocar os velhos no asilo;
- 6 – Ter ajuda de todos.

#### SUJEITO 20

- 1 – Conhecer a todos
- 2 – Ter amigos

#### SUJEITO 21

- 1 – É uma alegria envelhecer no sítio ao invés da cidade;
- 2 – Estar sempre em atividade.

#### SUJEITO 22

- 1- É mais fácil porque todos os idosos estão unidos;
- 2- Todos brincam uns com os outros;
- 3- Todos se ajudam;
- 4- É um paraíso.

#### SUJEITO 23

- 1 – É bom;
- 2 – Reunir-se para jogar bingo;
- 3 – Participar e encontrar-se com os amigos na missa e no terço;
- 4 – Ser uma grande família;
- 5 – Ser abençoado por Deus.

#### SUJEITO 24

- 1 – É gostoso;
- 2 – Todos se conhecem;
- 3 - Todos se ajudam.

#### SUJEITO 25

- 1 – É gostoso, é bonito;
- 2 – Sempre tem visitas de todos quando se está doente;
- 3 – Conversar com a família e com os amigos;
- 4 – Não ter solidão.

#### SUJEITO 26

- 1 – Melhor do que envelhecer na cidade;
- 2 – Ter colegas;
- 3 – Ter consolo;
- 4 – Não ficar isolado.

#### SUJEITO 27

- 1 - Diferente do que envelhecer na cidade;
- 2 – Todos se conhecem, não há estranhos.

#### SUJEITO 28

- 1 – É muito bonito
- 2 – Estar em meio à natureza;
- 3 - Ter ajuda de todos;
- 4 – Participar na Igreja.

#### SUJEITO 29

- 1 – Não se sentir idosa;
- 2 – Ter participação de todos.

#### SUJEITO 30

- 1 – Normal;
- 2 – É bom;
- 3 – Viver tranqüilo;
- 4 – Bater papo com todos;
- 5 – Brincar um com o outro.

#### SUJEITO 31

- 1 – Viver cada um por si;
- 2 – Ter ajuda (doença e não financeira);
- 3 – Não ficar desamparada.

#### SUJEITO 32

- 1 – É ótimo;
- 2 – Estar em meio à natureza;

SUJEITO 33

- 1 – É bom;
- 2 – Conhecer todo mundo.

SUJEITO 34

- 1 – É bom;
- 2 – Não ir para o asilo;
- 3 – Ter o cuidado dos filhos.

SUJEITO 35

- 1 – É bom;
- 2 – Estar no meio de gente conhecida.

SUJEITO 36

- 1 – Todos se ajudam.

SUJEITO 37

- 1 – Uma maravilha;
- 2 – Como se fosse uma família.

SUJEITO 38

- 1 – É bom;
- 2 – Ir a praça conversar com os amigos;
- 3 – Conhecer todo mundo;
- 4 – Todos se ajudam.

SUJEITO 39

- 1 – É melhor do que na cidade;
- 2 – Sentir-se livre.

SUJEITO 40

- 1 – Sempre igual;
- 2 – É tudo bom;
- 3 – Todos se ajudam;
- 4 – Todos se conhecem.

SUJEITO 41

- 1 – Melhor envelhecer na comunidade do que na cidade;
- 2 – Ter o apoio de todos;
- 3 – Conhecer todo mundo;

SUJEITO 42

- 1 – Ter uma vida calma;
- 2 – Conhecer todo mundo;
- 3 – Todos se ajudam;
- 4 – Todo mundo bate papo.

SUJEITO 43

- 1- É gostoso;
- 2- Ter tranqüilidade.

SUJEITO 44

- 1 – Sentir-se amigo;
- 2 – Conversar na praça.

SUJEITO 45

- 1 – Estar em um lugar que não gosta;

SUJEITO 46

- 1 – Melhor envelhecer no bairro do que na cidade;
- 2 – Não ficar sozinha;

3 – Receber visitas quando se está doente;

4 – Conhecer todo mundo;

5 – Todos se ajudam.

#### **4.7 - Categorias de análise para a pergunta 2**

1- Bom, bonito e gostoso (sujeitos: 1, 10, 11, 12, 15, 16, 18, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46).

2 – Relacionamentos sociais (sujeitos: 1, 2, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 46).

3 – Indiferente (sujeitos: 3, 31).

4 – Receber cuidado (sujeitos: 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 25, 26, 31, 34, 46).

5 – Não gosta do local (sujeito:45).

**Quadro 12 – Categorias da pergunta 2 e Respectivos Sujeitos**

<b>SUJEITOS:</b>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	Sub.T.	
<b>CATEGORIAS:</b>																												
1.Relacionamentos Sociais	X	x		x		x	x	x	x	x	x	x		x	x			x	x	x			x	x	x	x	x	20
2.Bom, bonito e gostoso	X									x	x	x			x	x												6
3.Receber cuidado					x	x		x	x	x		x	x		x	x	x	x	x							x	x	14
4.Indiferente			x																									1
5.Não gosta do local																												-

<b>SUJEITOS:</b>	Sub.T.	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	Total	Porcentagem	
<b>CATEGORIAS:</b>																								
1.Relacionamentos Sociais	20	x	x	x	x	x		x		x	x	x	x		x	x	x		x		x	35	76,08	
2. Bom, bonito e gostoso	6	x	x	x	x		x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x			x	28	60,86	
3.Receber cuidado	14	x				x			x												x	17	36,95	
4.Indiferente	1					x																2	4,34	
5.Não gosta do local	-																				x	1	2,7	

**CAPÍTULO V**  
**O QUE A FALA DOS IDOSOS TIROLO-TRENTINOS NOS REVELOU?**



**“Sejam bons, rezem o terço todos os dias, participem da eucaristia, amem a família e trabalhem na comunidade. Noventa anos se passaram e não os vi chegar, criei meus filhos e uma prima, netos e vejo bisnetos. Vivi sempre contente diante das alegrias e tristezas... A acolhi a todos com carinho e amor.”**

**(mensagem da “Nona” Angelina a seus filhos tirolo-trentinos)**

## CAPÍTULO V

### O QUE A FALA DOS IDOSOS TIROLO-TRENTINOS NOS REVELOU?

A partir dos discursos dos participantes passamos à apresentação e interpretação das categorias identificadas. Ao fazer esta análise, recorreremos aos relatos dos idosos da comunidade tirolo-trentina na sua forma original, a nossa própria percepção como pesquisadora e ao referencial teórico pesquisado, procurando estabelecer pontos convergentes e divergentes visando a buscar respostas para o objetivo traçado neste estudo, ou seja, o significado do envelhecer para o idoso da comunidade tirolo-trentina. Procedimentos utilizados tanto para a pergunta nº 1 quanto para a pergunta nº 2.

A partir dos discursos provenientes da pergunta nº 1, foram selecionadas oito categorias analisadas a seguir. Destaque a fazer quanto à diferença na extensão da análise das categorias. Algumas ficaram mais extensas por conta da quantidade de sujeitos inseridos na mesma e também devido aos valores incluídos em cada categoria.

#### 5.1 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DA PERGUNTA 1

##### O que significa para você envelhecer?

###### 5.1.1 – Processo natural da vida

Interpretando as categorias, percebemos que o maior ponto de convergência está em entender o significado de envelhecer como um **processo natural da vida**, presente no discurso de quinze sujeitos, deixando claro que entendem o envelhecimento como um fenômeno que faz parte do ciclo vital, como pode ser observado na fala do sujeito 8: *“Envelhecer... uma coisa normal [...]”*.

Encontramos essa mesma reflexão no discurso do sujeito 18: *“Bom, a velhice vem mesmo, não tem o que fazer, então envelhecer eu acho que é normal [...]”*.

O significado de envelhecer como um processo natural está presente na literatura, como podemos observar em Beauvoir (1990, p. 124), “[...] morrer prematuramente ou envelhecer, não existe alternativa”. Encontramos essa associação também em Mascaro (1997) para a qual, nascer, crescer, amadurecer, envelhecer e morrer faz parte do ciclo natural da vida. O que podemos comprovar com a fala do sujeito 22: *“[...] é a continuação da vida, uma passagem de uma etapa da vida, porque a vida tem bastante etapa, tem o nascimento, a infância, a adolescência, a juventude, o estado adulto e agora a última [...]”*.

Entendemos que não é possível pensarmos a velhice como um evento isolado, dissociado do contexto de vida anterior a ela. Como nos alerta Ramos (2000), o velho não é uma pessoa estranha, à criança, ao jovem que foi um dia, mas sim, uma pessoa que passa por uma constante transformação, não deixando de ser ele mesmo (criança, adolescente, adulto e velho) em nenhuma fase desse processo. Corroborando com a autora temos em Bobbio (1997, p. IX), a seguinte reflexão: “[...] não há dissociação entre a vida precedente e a velhice, esta é a continuação da adolescência, da juventude, da maturidade, que podem ter sido vividas de diversas maneiras [...]”.

É importante destacar, que precisamos observar a verdadeira realidade multifacetada da velhice, uma etapa de encantos e também desencantos. Convém que na velhice, o ser humano saiba mudar o que lhe agrada ou ajustar-se ao que não pode transformar. Assim, entendemos que o depoimento do sujeito 26 confirma essa nossa reflexão, ele diz: *“[...] não é que é gostoso envelhecer, precisa entender isso daí [...]”*, ou seja, este participante se ajusta ao que não pode transformar, o mesmo prossegue: *“[...] mas a vida é assim, quanto mais velho, melhor fica, a gente conhece mais a vida [...]”*, acreditamos que ele caminha em busca de novos encantos que a vida pode lhe proporcionar.

Percebemos que os idosos da comunidade tirolo-trentina, que estão inseridos nesta categoria, compreendem o significado do envelhecer como um processo normal do ciclo de vida, com seus próprios desafios e oportunidades.

Nos meses de convivência, constatamos que os idosos olham para o mundo com os olhos de quem já caminhou anos a fio, cada qual tem guardado em seu corpo um lastro de experiências boas e más, sabem, portanto, o valor exato de cada instante. Procuram saber seus limites e replanejar suas vidas, aproveitando e vivendo bem tudo que puderem. Em nossas conversas informais pudemos conhecer um pouco mais sobre suas histórias de vida, vidas cheias de sofrimento, pois o trabalho na roça foi sofrido, o grande número de filhos para criar, no entanto, o sofrimento de outrora não os impediu de encontrar possibilidades de se reencantarem na fase do envelhecimento.

### 5.1.2 – Ótimo, bonito e alegre

Treze sujeitos apontaram o envelhecimento como um evento de vida positivo e atribuíram os seguintes valores ao significado de envelhecer: **uma coisa boa, ótima, uma alegria, legal, bonito, uma aventura e um momento para usufruir a tranquilidade**. Destes, dois sujeitos abordam o envelhecer como algo bom, ótimo porque relacionam com a autonomia que possuem para se locomover com seus próprios pés, ou por seus próprios meios por todo o bairro, por terem a possibilidade de escolher livremente, aonde ir, quem visitar, como pode ser constatado na fala do sujeito 8: *“Envelhecer [...] eu acho uma coisa ótima, boa, ando pra cá, pra lá, visitar os netos, uma coisa e outra, ir na Igreja, descer lá na praça [...]”*. Encontramos esses dados também no discurso do respondente 32: *“Envelhecer pra mim é ótimo, tá bom, porque com essa idade a gente tem coragem de ir pra cá, pra lá, eu acho ótimo, bom [...]”*.

Para o sujeito 32, o envelhecer é ótimo porque ele associa também com a possibilidade de trabalhar: *“[...] envelhecer é ótimo, puxa vida, chegar até aqui e poder trabalhar é bom. Envelhecer pra mim é chegar com essa idade e ter coragem de trabalhar e enfrentar a vida nô! [...]”*. A fala desse sujeito deixa entrever o trabalho como um bem, como meio de realização pessoal, como uma possibilidade de continuar a se mexer, o que contribui para um envelhecimento

bem-sucedido. De acordo com a teoria da atividade, quanto maior o envolvimento dos idosos em atividades, maior a satisfação, a saúde, o auto-conceito e a aceitação social (NERI, 2001a).

Esta teoria reforça a idéia de que para uma velhice boa, ótima, ajustada, equilibrada, a atividade é o principal meio a ser utilizado, e aqui a atividade escolhida foi continuar a trabalhar; trabalhar no campo, em meio à natureza. Como ele mesmo diz: “[...] *não precisaria trabalhar, mas a gente tem que se mexer, você acha que a gente vai ficar aqui à toa [...]*”.

Destacamos que a principal crítica à teoria da atividade é o fato de não considerar a heterogeneidade e a diversidade das experiências da velhice, e também o fato de estabelecer que o aumento da atividade causa satisfação, quando na verdade há uma relação recíproca entre essas variáveis, ou seja, o aumento da atividade causa satisfação e vice-versa. Apesar das limitações, esta teoria foi validada por um grande número de pesquisas e até hoje oferece fundamentos a intervenções e pesquisa sobre velhice-bem-sucedida (NERI, 2001a).

Não podemos deixar de mencionar nessa experiência, a nossa percepção em relação a esse mesmo sujeito 32, o qual relata-nos o enorme prazer que sente ao trabalhar. Ele fala com entusiasmo, satisfação, trabalha com prazer em meio à natureza, ouvindo o cantar dos pássaros, conforme disse no “aconchego da cozinha”. Revela sua unidade existencial no trabalho de jardineiro, que executa nas chácaras da comunidade.

Do total dos sujeitos inseridos nesta categoria, dois relacionaram o envelhecer como uma alegria, ou seja, um evento positivo referindo-se também à possibilidade de envelhecer juntamente com o companheiro, como podemos destacar nos seguintes discursos: “[...] *mas pra mim envelhecer... pra mim é uma alegria, viver junto com ele (esposo), sempre junto, desde criança pode falar, sempre vivemos juntos*” (sujeito 16), esta reflexão está presente também na fala do sujeito 27: “*Onde ele (esposo) vai eu vou junto, nós vai na missa junto, vai*

*passar junto, a gente dança junto, tudo lugar a gente vai junto, isso pra mim é envelhecer junto com ele [...] assim é bom envelhecer com ele [...]*”.

Pelos relatos podemos ressaltar que a vida humana é marcada por ações e relações que interagem na vida das pessoas, provocando mudanças, conflitos e ajustes. Dentre as relações que se estabelecem ao longo da vida destacamos o casamento.

De acordo com Papalia et al (2006), o casamento de longa duração é um fenômeno relativamente novo, pois a maioria das pessoas e como consequência o casamento, costumava ter um ciclo de vida mais curto. As autoras relatam que hoje 20% dos casamentos duram 50 anos ou mais.

Embora apenas duas participantes tenham relacionado a possibilidade de envelhecer com o companheiro como um evento positivo, pudemos constatar que o casamento de longa duração é um fenômeno presente na Comunidade tirolo-trentina, pois dos 46 entrevistados, 34 são casados e destes, 19, ou seja, 55% são casados há 50 anos ou mais, uma porcentagem maior do que a relatada por Papalia et al (2006). Quinze respondentes, o que perfaz um total de 44%, são casados há mais de 40 anos, conforme pudemos verificar com os próprios entrevistados.

Ao analisar este aspecto, pudemos observar a convergência entre os discursos e a teoria, pois como nos alerta Papalia et al (2006), muitos casais que continuam juntos na terceira idade, dizem que são mais felizes no casamento agora do que eram em seus anos mais jovens, e casais que ainda estão juntos nesta fase da vida são mais propensos do que casais de meia idade a descrever seu casamento como satisfatório, e muitos dizem que ele melhorou. Constatamos a alegria dos casais que participaram da pesquisa, pois em todas as residências, ambos estavam presentes e animados com a possibilidade de fazerem parte da pesquisa. Após a entrevista individual, pudemos observar o respeito, a admiração, a cumplicidade e o cuidado presente em cada par.

Intimidade, compartilhamento e o senso de pertencimento um ao outro são importantes benefícios do casamento, que de acordo com Papalia et al (2006),

podem ajudar os casais mais velhos a enfrentar os altos e baixos da velhice. Para as autoras, romance, diversão e sensualidade também têm o seu lugar.

Envelhecer como algo bom no sentido de viver bem e gostar da vida que leva, também está presente na categoria ótimo, bonito e alegre, como podemos constatar na fala de cinco sujeitos dos treze inseridos nesta categoria. Envelhecer para o sujeito 18 tem o seguinte significado: “[...] *é bom, vivi bem a minha vida, não vivi mal*”. O que de acordo com Teixeira (2002), pode ser expressa na capacidade do indivíduo rever sua trajetória de vida e apreciá-la com algum grau de satisfação.

O sujeito 27 gosta da vida que leva, o mesmo diz: “[...] *Envelhecer é bom... eu gosto da vida que eu tô [...]*”. Para esse respondente, a vida é boa porque ele não deixou de trabalhar, continua com os afazeres de casa, desta forma ele não percebe o tempo passar, ou seja, não percebe a velhice, como o próprio relata: “[...] *mas eu gosto porque a gente nem se percebe a velhice sabe! [...]*” *Eu levanto disposta pra trabalhar, me sinto bem, pronto, isso pra mim é envelhecer*”. Assim podemos considerar que para ele a velhice não chegou porque continua em atividade e não tem doenças que o impossibilite de trabalhar.

Associar o envelhecimento como algo bonito, legal, como um momento para aproveitar a vida, está presente na fala de quatro participantes. Para o sujeito 24 envelhecer é legal porque: “[...] *você vai tendo experiências [...] cada vez mais você vai vivendo e aprendendo [...]*”. Encontramos no sujeito 25 a seguinte colocação: “*Envelhecer pra mim... eu tô envelhecendo e achando bonito, barbaridade, porque agora eu tô descobrindo cada vez mais as coisas que eu deveria ter feito antes e agora tô fazendo [...]*”.

Entendemos que os participantes 24 e 25 enxergam a velhice como uma fase com potencial para o crescimento, pode também ser um momento de construção de conhecimentos e de experiências novas de vida. Aqui podemos notar a associação com a abordagem de desenvolvimento do curso de vida sugerido por Baltes; Baltes (1991). Esta concepção sugere que tanto o

desenvolvimento quanto o envelhecimento são processos adaptativos, multifuncional e multidirecional. São influenciados pelo contexto histórico, como pudemos observar pelo levantamento histórico-cultural da comunidade tirolo-trentina e envolvem ganhos e perdas, que resultam numa variabilidade intra-individual e em plasticidade individual.

### 5.1.3 – Doente, sozinho e dependente

Um ítem que nos chamou atenção nos discursos de treze sujeitos foi abordar o significado de envelhecer dentro de uma perspectiva negativa, associando-a à **doenças, solidão, dependência, perda da força, do ânimo e diminuição da relação sexual**, o que conota a visão de um processo como algo feio e ruim, conforme podemos observar na fala do sujeito 11: *“Eu acho feio, a gente fica que nem trapo [...]. E velho é feio”*.

Os relatos dos treze participantes demonstraram que o envelhecimento é visto como um evento de vida negativo. Destes, seis respondentes o associam ao advento de doenças, como expresso no relato do sujeito 2: *“[...] ah... começa a aparecer todas as doenças, né! Doenças de velho [...]”*.

Encontramos também essa relação no sujeito 44 quando diz: *“[...] nós nunca vivemos como é pra viver, porque... não sei porque... pelas doenças que tivemos aí [...] não foi fácil, até hoje nós tá só gastando, com remédio [...]”*. Esse relato aguçou nossa reflexão, porque pudemos realmente constatar o reflexo de sua história de vida em seu momento atual. O sujeito 44 nos relatou a perda de quatro filhos, dos sete que teve. Crianças que já nasceram doentes e morreram entre dez e doze anos. O participante conviveu com as doenças dos filhos, posteriormente com as dos pais e agora com a própria doença e de sua companheira. Ele diz: *“[...] sempre tem uma coisa ou outra que não para, não vai para frente na minha vida [...]”*. Após esse desabafo o participante chorou e disse: *“[...] É bom que isso vá na mão do governo, porque assim eles vê quem sofre [...] pra eles entender o que é envelhecer, como é feio”*

Na categoria doente, sozinho e dependente, está presente também a relação do significado do envelhecer com solidão, mencionada apenas pela respondente 13: “[...] *Eu acho que envelhecer é quando a gente fica com solidão, abandonada, eu acho que assim a gente sente mais a velhice não? [...]*”.

De acordo com Capitanini (2003), a relação entre velhice e solidão é bastante comum, como se essa fosse uma experiência obrigatória nessa fase da vida. Por conta das perdas que tendem a ocorrer nas várias dimensões do ser humano, a sociedade acaba enxergando o idoso como incapaz de crescimento e envolvimento, o que nem sempre corresponde à realidade.

Para a autora, ainda que a solidão se torne uma ocorrência mais possível na velhice, pode-se envelhecer sem solidão, nem isolamento. Filhos, amigos, parentes e vizinhos têm importante participação na prevenção da solidão, assim como tomar iniciativas quanto a se prevenir e se cuidar por meio de hábitos alimentares, psicológicos e sociais saudáveis.

É importante destacar que embora a participante 13 associe o envelhecer com a possibilidade de solidão, como ela mesma diz: “[...] *Eu acho que envelhecer é quando a gente fica com solidão [...]*”, ela própria não se sente assim, conforme podemos analisar na seqüência de seu relato: “[...] *Mas eu acho que por enquanto a gente não tá sentindo isso. Enquanto a gente trabalha, participa das atividades assim, a gente não sente a velhice, eu acho!*”

A participante partilha da ideologia que associa a velhice com solidão, no entanto, ela não faz parte desse modelo ideológico, pois por enquanto ela não sente solidão. Pelos dados que recolhemos e observações a respeito da rotina da comunidade, é provável que a convivência que esta idosa tem na comunidade tirolo-trentina, juntamente com os parentes, amigos e vizinhos e também a participação nos eventos do referido local, contribuem para a prevenção da solidão como nos alertou Capitanini (2003).

A categoria doente, sozinho e dependente contrasta também com os valores culturais que priorizam a beleza, o jovem, a produtividade, a independência como pudemos constatar no depoimento do sujeito 33: “[...] *porque*

*quando a gente envelhece não é mais como primeiro, quando eu era mais nova, tem bem diferença agora nê! [...] Antes eu fazia de tudo, agora não [...] eu trabalhei bastante, agora eu faço só esse servicinho de casa [...] agora é só esperar... esperar a morte [...]”.* A relação com a dependência encontra-se bem evidenciada no discurso do sujeito 9: *“[...] significa quando a gente não pode se virar, a gente tem que depender de todo mundo [...]”.*

Os relatos revelam concretamente que os idosos inseridos nessa categoria experimentam as seqüelas de uma realidade que privilegia o jovem, os músculos e a beleza; que vê o velho como alguém dependente, que não possui o vigor físico para produzir, para fazer parte da máquina da economia, tampouco esteticamente para agradar aos olhos viciados da sociedade atual.

Aos idosos cabe conviver com as doenças, com rendimentos insuficientes para manutenção de suas necessidades, confirmando o quadro de desigualdades sociais existentes no país, que se reflete duramente em seu cotidiano. Como nos alerta Simões (1995, p. 121):

O idoso, cujo corpo não se insere mais nesse padrão, tem seus anseios anulados, gerando a sensação de impotência como organismo ativo na sociedade. Esse corpo é encarado como sinônimo de incapacidade, eliminando o caráter mais significativo, que é ter consciência de seu valor nessa fase da vida.

À luz desses discursos e conforme Loureiro (1999), a auto-imagem, auto-estima se altera e o idoso se assume como no fim, confirmado pelo relato do sujeito 33: *“[...] agora é só esperar... esperar a morte [...]”.* O idoso fica sem reação positiva com relação à vida que ainda existe; adota a postura que a sociedade tem com ele, que lhe impõe: passa a ser o velho alquebrado, o inútil, o doente, um ser em desvantagem que vive marginalizado das possibilidades do mundo moderno. Corroborando com Loureiro (1999), resgatamos Messy (1993, p. 9):

A atitude da sociedade com relação ao velho interfere na imagem que eles fazem de si mesmos. Na nossa sociedade, o velho não se sente, não se vê mais objeto de desejo [...], pois, esta sociedade sinaliza o quanto ele é agora improdutivo, inútil.

Perder a força e o ânimo, citados por oito sujeitos inseridos na categoria doente, sozinho e dependente, relaciona-se também ao estereótipo negativo associado à velhice, conforme podemos destacar na fala do sujeito 2: *“A gente vai perdendo a força, o ânimo né! [...]”*.

É interessante observar o discurso do sujeito 29: *“[...] envelhecer é a pessoa que perde o ânimo, não participa, perde tudo na vida, não tem mais aquela vivacidade de se empolgar com as coisas [...]”*. Embora o respondente tenha destacado uma visão negativa sobre o envelhecimento, salientando as perdas dessa fase da vida, ele não se considera velho, porque o mesmo não se enquadra no estereótipo negativo que nossa sociedade insiste em perpetuar. Assim ele se define: *“[...] Olha... no meu dicionário eu acho que não existe envelhecer. Eu não me sinto assim... envelhecendo, porque eu faço todas as atividades que eu posso fazer [...] ainda não senti o que é envelhecer [...]”* (sujeito 29).

Portanto, para ele velho é o outro, o improdutivo, inútil, aquele que perde o gosto pela vida. Conforme nos alerta Mercadante (1997), este participante não se sente incluído no grande modelo ideológico, estigmatizante de nossa sociedade. É possível observar que o respondente destacou suas qualidades pessoais ao dizer: *“[...] eu faço todas as atividades que eu posso fazer [...]”*, objetivando definir uma identidade pessoal que se contrapõe à categoria genérica de velho, presente no discurso respectivo: *“[...] pra mim envelhecer é deixar de fazer as atividades [...] parar de fazer as coisas do dia a dia [...] deixar de viver em sociedade, deixar de participar da comunidade [...]”*, valores inerentes à sociedade capitalista.

Na categoria doente, sozinho e dependente emerge também a questão da sexualidade na velhice, presente apenas na fala da respondente 46: *“[...] Mas também quando chega aos 60 anos, não sei se eu posso falar, mas nessa idade o sexo é bem pouco viu! Às vezes eu nem lembro que eu sou casada viu! [...] Eu*

*acho que é cansa, a gente cansa, deita na cama e quer descansar. Agora... também os homens viu! Pra mim também é assim, porque sempre falam, os homens sempre estão prontos, mentira! Agora que eu vejo que é mentira, não sei se é porque a gente não dá carinho e eles estão cansados também, sei lá o que é, mas o amor é o mesmo sabe, mas só que o sexo acalmou [...]”.*

Como nos alerta Simões (1995), a sexualidade faz parte do conjunto de preconceitos associados ao idoso, assim como a dependência, ociosidade, corpo, perda do status e morte, alguns dos quais constatados por nós neste estudo.

Para a mesma, “há a tentativa de classificar os idosos como alheios às relações sexuais, à afetividade, ao erotismo” (SIMÕES, 1995, p. 123). Qualquer manifestação a esse respeito é vista de maneira jocosa, estimulando assim o preconceito da assexualidade.

Temos assim a visão de um ser humano fragmentado. Como destaca Gonçalves (2001), sua existência desdobra-se em uma variedade de funções. Nessa sociedade capitalista cabe ao indivíduo somente o trabalho, a produção. E a afetividade, o carinho, o sexo, onde ficam?

A pessoa não vive sua corporeidade, o que reflete também na forma de ver a sexualidade, a qual é vista muitas vezes como um compartimento à parte, um mero fenômeno fisiológico, perdendo assim sua significação humana.

Monteiro (2002), ressalta que a sexualidade, os espaços e o ritmo do prazer mudam com o passar dos anos, como pudemos constatar na fala da respondente 46, mas isso não significa que a sexualidade deixe de ser uma necessidade básica também da velhice. Vivenciar a sexualidade na amplitude do prazer é uma questão de permanecer interessado no pulsar da vida. A autora nos alerta para o fato de que o idoso vivenciará a vida sexual que se permitiu na juventude e na maturidade. Se a essa experiência se entregou profundamente, saberá encontrar formas de satisfação na velhice, pois desejos tão vitais como amor e sexo permanecem por toda a vida, o que muda, porém, é a consciência de como vivê-los.

Nesse contexto vale resgatar Okuma (2002), para a qual, olhar para a velhice somente considerando os aspectos negativos, enfatizando somente as perdas, é olhar com parcialidade para esta fase da vida. Como já vimos, é preciso um novo olhar, que enxergue a velhice como uma fase com potencial para o crescimento, para o desenvolvimento (BALTES; BALTES, 1991).

Silva e Günther (2000), colocam que apesar das expectativas sociais tenderem a igualar as condições de vida dos idosos de uma mesma classe social, por meio da manutenção de estereótipos negativos, isto não significa que os idosos entrevistados não possam alcançar um ajustamento satisfatório. Para que possam ter um envelhecimento bem-sucedido, é preciso que ativem as capacidades de reservas presentes em cada um. É possível que os idosos possam responder aos estereótipos da velhice por processo de auto-regulação da personalidade, que propiciem sensação de auto-estima positiva e de satisfação pessoal, para tanto se faz necessário que os mesmos ativem suas capacidades de reservas.

Destacamos Loureiro (1999, p. 84), para ilustrar as possibilidades inerentes à corporeidade idosa:

O acúmulo das experiências, e talvez o menor tempo de vida, é preciso converter e reverter em felicidade, exercitando o diálogo entre o bom e o ruim, a alegria e a tristeza, saindo da lógica binária, percebendo as matizes possíveis entre eles, colhendo os louros daquilo que plantou e plantando ainda solidariedade, afetividade e amor ao próximo e a si mesmo.

#### **5.1.4 – Aprofundar o conhecimento da vida**

Em relação a categoria **aprofundar o conhecimento da vida**, pudemos observar o quanto eles se propõem a um relacionamento mais profundo com as pessoas e com Deus, momento de reavaliarem o que fizeram quando jovens, concentrarem mais na parte essencial, no significado de vida, imagem e

semelhança de Deus e desprenderem-se das coisas terrenas, presente na fala de oito sujeitos.

Para prosseguirmos com a análise dessa categoria, sentimos a necessidade de resgatarmos Moreira (2003), para nos auxiliar a situar a corporeidade idosa que busca uma compreensão maior da vida.

Referimo-nos à corporeidade que abrange o corpo sujeito existencial, complexo, indivisível, um corpo vivo que cria uma linguagem e se expressa pelo movimento. De acordo com Moreira (2003, p. 87), “corpo sujeito é ator e autor de sua história e cultura”. É a corporeidade relacional, daí a necessidade de ir ao encontro de si mesmo, do outro e do mundo. Viver a corporeidade é buscar a transcendência. Envelhecer no sentido de aprofundar o conhecimento da vida, de uma relacionamento mais profundo com as pessoas e com Deus, explicita superação, transcendência, portanto significa viver a corporeidade.

O processo de envelhecimento traz consigo muitas questões existenciais, e viver a corporeidade, compreender o sentido da vida, não nos parece uma tarefa fácil. Apoiando-nos em Gonçalves (2001, p. 73), compartilhamos da crença de que essa compreensão tem como ponto de partida uma experiência singular, originária, trata-se, portanto, de uma experiência de ser, “experiência fundamental que abarca o homem em sua totalidade existencial: como ser-no-mundo”. Estamos no mundo e o mundo está em nós.

Prosseguindo nossa reflexão buscando compreender o significado de envelhecer presente na fala do sujeito 3: *“Envelhecer... é... eu vejo ser... aprofundar o conhecimento da vida [...]. Envelhecer também tem o sentido de um relacionamento mais profundo com Deus e com as pessoas [...].*

Acreditamos que aprofundar o conhecimento da vida, ter um relacionamento mais profundo com as pessoas e com Deus, está relacionado à condição humana, à inquietude com as perguntas fundamentais da vida: quem sou, de onde venho, para onde vou? A partir dessas indagações, resgatamos Frankl (1987), para o qual, a principal motivação do ser humano está em encontrar o propósito e o sentido da existência humana, ou seja, o significado de sua vida.

Reflexão que está presente no relato do sujeito 5: “[...] *a gente se concentra mais na parte essencial, no significado da vida [...]*”.

Encontramos na religiosidade e na espiritualidade, perspectivas possíveis e valiosas para aprofundar o conhecimento da vida. De acordo com Geertz (1989, p. 81), perspectiva “é o modo de ver, no sentido mais amplo, de ver como significando discernir, apreender, compreender, entender”, para o autor, “é uma forma particular de olhar a vida, uma forma particular de construir o mundo [...]”. Essa forma particular de ver as coisas que tem uma dimensão além de nossa realidade da vida cotidiana, vai em direção a outras realidades idealizadas mais amplas.

Ao longo dos séculos, a religião persistiu e resistiu a todas as críticas e perseguições. Sendo a religião baseada na espiritualidade, que é o “encontro vivo com a suprema Realidade”, ela ressignifica a identidade do homem, a sua vida e também a sua morte. A religião é sua “tradução nos códigos pessoais e culturais”, que podem ser: “Deus, Tao, Brahma, Javé, Olodum, Quetzacoath, Pai-Filho-Espírito-Santo” (BOFF, 1998, p. 154).

Devido às inúmeras evidências de que a espiritualidade, assim como as práticas religiosas, contribuem para o bem-estar na velhice, mais pesquisadores passaram a incluir esses tópicos nos estudos sobre o envelhecimento. No entanto, como nos alertam Goldstein e Sommerhalder (2002), trata-se de uma área controversa e difícil de ser submetida à investigação empírica, desta forma torna-se necessário reconhecer a multidimensionalidade e a diversidade de conceitos de religiosidade e espiritualidade.

De acordo com as autoras supracitadas, a palavra religião vem do latim, *religare*, que significa religar, restabelecer a ligação entre Deus e os seres humanos. Religiosidade refere-se a comportamentos e crenças associadas à religião.

Ao mesmo tempo, o objetivo da religião pode variar de pessoa a pessoa, levando em conta a situação e o momento da vida, porém, na essência, a função é manter e desenvolver a relação do indivíduo com o sagrado. Talvez a função mais importante da religião é dar significado ou sentido à vida, que transcende o

sofrimento, a perda e a percepção da mortalidade (GOLDSTEIN ; SOMMERHALDER, 2002).

Espiritualidade vem do latim, *spiritus*, que significa “sopro”, referindo-se ao sopro da vida. Envolve a capacidade de se maravilhar, de reverência e gratidão pela vida (ibidem, 2002).

Para Doll e Py (2005, p. 19), a espiritualidade “é aquele movimento que nos aponta o infinito através da nossa capacidade de transcender, de ir além dos nossos limites”. É daí que se permite ao homem a possibilidade de ter uma visão do mundo, da origem e do rumo da vida humana, e assim “*aprofundar o conhecimento da vida*” (sujeito 3).

Goldstein e Sommerhalder (2002), colocam que a definição de espiritualidade também tem sido feita em termos da capacidade da pessoa de se ligar consigo mesmo, com as outras pessoas e com um ser superior, o que podemos constatar na fala da respondente 3: “*Envelhecer [...] aprofundar o conhecimento da vida [...] um relacionamento mais profundo com Deus e com as pessoas [...]*”.

Hatch et al *apud* Goldstein e Sommerhalder (2002, p. 951), citam algumas características da espiritualidade tais como: “crença em um poder supremo, propósito na vida, fé ou confiança na providência, capacidade de perdoar, capacidade de achar sentido no sofrimento, gratidão pela vida, percepção da vida como uma graça”. Características que podemos observar na fala do sujeito 10: “*Pra mim é uma honra envelhecer. Eu acho uma honra porque é uma Graça de Deus [...]*” ou mesmo no sujeito 23: “*[...] Envelhecer eu acho que é uma Graça de Deus*”. Podemos constatar, portanto, que estes participantes percebem a vida, o envelhecimento como uma graça, uma Graça de Deus.

A partir de uma revisão de pesquisa sobre bem-estar espiritual entre as pessoas idosas, Goldstein e Sommerhalder (2002), identificaram algumas dimensões tais como: independência de pensamento, auto-transcendência, encontrar o significado do envelhecimento, aceitação da vida como um todo e preparação para a morte. Acreditamos que o discurso do sujeito 5 demonstra algumas dessas dimensões, diz ele: “*[...] Então, nessa idade pra mim, você pode*

*regenerar o que fez quando jovem [...]. Temos a religião, aí você vive a vida real da pessoa humana, vive a presença de Deus, você vive... vamos supor... o homem foi criado a imagem e semelhança de Deus, você vive isso daí". [...] a gente se concentra mais na parte essencial, no significado da vida, imagem e semelhança de Deus [...]*".

Muitos idosos experimentam uma forte conexão entre sua fé religiosa e um senso de espiritualidade, que inclui tanto uma dimensão horizontal da espiritualidade, a qual se estende através das experiências comuns do dia-a-dia, que pode ser acionado pelo contato com a natureza, com as artes, com a experiência de doação de si ou com o engajamento em causas que visam ao bem coletivo, quanto à dimensão vertical, que busca alcançar a Deus (GOLDSTEIN; SOMMERHALDER, 2002).

Pudemos observar que os idosos entrevistados da comunidade tirolotrentina procuram experimentar ambas as dimensões, pelo que constatamos na vida quotidiana dos sujeitos, pois procuram trabalhar para o bem da comunidade e como eles próprios dizem: somos católicos praticantes, participamos ativamente das celebrações eucarísticas e dos eventos da comunidade e procuramos sempre que possível ajudar ao próximo.

Pessoas nessa fase da vida, em decorrência de mudanças físicas, psicológicas e sociais, comuns na velhice, tendem a enfrentar perdas significativas, de enfermidades crônicas, afastamento do mercado de trabalho, perda de papéis sociais, de pessoas da família, de amigos. Não encontram muitas vezes sinais concretos que lhes permitam ter esperança ou serem otimistas, pois as estratégias usadas para lidarem com o estresse, os quais estão associados à disponibilidade dos recursos pessoais, sociais e materiais dos indivíduos, também mudam com o advento da idade, pois existe uma tendência à diminuição desses recursos.

Crenças religiosas e espirituais são formas para encontrar pontos de referência, novos horizontes de reorganização da vida, e de acordo com Goldstein e Sommerhalder (2002), um enfrentamento baseado na religiosidade ou na espiritualidade pode ser efetivo. As autoras destacam que o envelhecimento

populacional e o conseqüente aumento das pesquisas com os idosos levaram os estudiosos a perceberem que religiosidade e espiritualidade são fenômenos importantes nessa fase, que não devem ser ignorados. De acordo com Frankl (1987), a essência da espiritualidade é o impulso de buscar propósito e sentido para a vida. Albon (1998, p. 48), nos apresenta a reflexão de seu mestre sobre o sentido da vida:

Tanta gente anda de um lado para o outro levando vidas sem sentido. Parecem semi-adormecidos, mesmo quando ocupadas em coisas que julgam importantes. Isso acontece porque estão correndo atrás do objeto errado. Só podemos dar sentido à vida dedicando-nos a nossos semelhantes e à comunidade e nos empenhando na criação de alguma coisa que tenha alcance e sentido.

Os estudos desses autores vêm ao encontro de nossos objetivos, no sentido de mostrar que a literatura converge com os depoimentos dos idosos inseridos na categoria aprofundar o conhecimento da vida e converge também com a experiência singular de viver numa comunidade tirol-trentina como demonstra o levantamento histórico-cultural da comunidade. Trata-se de uma comunidade onde a religião e a espiritualidade estão muito presentes. A vida religiosa na comunidade sempre foi muito intensa, desde o início do século XX. Lá eles preservam a herança de seus antepassados, rezam o terço todos os dias e a missa é celebrada um dia em Santana e outro em Santa Olímpia. Nos finais de semana é celebrada num mesmo dia e em diferentes horários em ambos os bairros. A maioria dos idosos tirol-trentinos vai à Igreja todos os dias, para rezar o terço ou para participar da missa.

Ao caminharmos pela comunidade, nos defrontamos com alguns símbolos dessa devoção, os Capitellos, o monumento em homenagem aos cem anos de imigração, o qual ostenta a imagem da cruz, do terço e da palavra fé. O monumento centenário fixado na entrada principal que dá acesso à comunidade já delimita o espaço dos descendentes de imigrantes tirol-trentinos. A ponta do

monumento lembra as mãos unidas, sinal da fé da comunidade; a base representa os joelhos dos patriarcas que sustentaram as raízes, os costumes e a fé religiosa.

Durante a nossa pesquisa, um dos entrevistados nos mostrou a mensagem que sua mãe deixou aos filhos: “sejam bons, rezem o terço todos os dias, participem da eucaristia, amem a família e trabalhem na comunidade”. Acreditamos que esta mensagem seja uma síntese do estilo de vida dos tirolo-trentinos, todos participam de alguma forma na comunidade, seja nas festas, na Igreja, ajudando ao próximo, trocando experiências nos encontros vespertinos antes do terço ou da missa, enfim, cada qual tem sua participação e assim um sentido para a vida.

### 5.1.5 – Consciência da finitude

Quanto à categoria **consciência da finitude**, nota-se que oito sujeitos compreendem que a morte é parte integrante da vida. Como nos alerta Py e Trein (2002, p. 1013), a velhice aponta para um momento especial da vida humana, quando se encontra em condições de vulnerabilidade frente a maiores possibilidades de adoecer, “não mais com a finitude apenas, que lhe consagrou a maturidade, mas, agora com a consciência da própria morte”. Conforme podemos observar no seguinte relato:

Sujeito 6: *“Envelhecer pra mim... é uma coisa que parece que a gente vai chegando num ponto final [...] um caminho para o final nê! Um final, aí depende da interpretação de cada um, da parte espiritual, se é o fim da vida, o que é, conforme a crença da pessoa, o ateu pensa da forma como ele pensa, o cristão pensa da forma como ele pensa, então é isso aí que eu acho [...]”*.

O respondente além da consciência da proximidade da morte, leva em consideração e respeita a crença de cada indivíduo. Verificamos esse apontamento em Py e Trein (2002, p. 1014):

Envelhecer e morrer são experiências vitais singulares, próprias de cada ser. Contudo, são reguladas por padrões socioculturais que

definem a significação de cada uma dessas experiências humanas, na especificidade de uma época e um lugar da história da humanidade.

As autoras nos alertam, que a percepção da proximidade da morte, aliada à experiência vivida ao longo dos anos, redimensiona as perspectivas dos tempos passado, presente e futuro, o que podemos constatar no discurso do sujeito 6: “[...] *Envelhecer... você vai se desprendendo das coisas da terra, você vai pensando numa outra maneira de viver, um mundo mais vivido, o livro da vida já te ensinou muita coisa né! [...]*”.

Confrontar o fim da vida para Papalia et al (2006), pode dar um significado mais profundo para a vida como um todo, quanto melhor compreendermos a morte e quanto mais sabiamente a abordarmos, mais plenamente podemos viver até ela chegar.

A consciência da finitude é o momento do confronto daquilo que, no imaginário, permanece idealizado como forte, belo, com a verificação da realidade presente, das capacidades e dos limites da corporeidade idosa. Conforme nos diz Py e Trein (2002, p. 1015) é o “[...] momento de viver o paradoxo entre a evidência imaginária da imortalidade e uma outra evidência, objetiva e concreta, da metamorfose que o conduz ao último de seus dias”.

Contudo, podemos dizer que associado à morte existe o medo, o medo de ir rumo ao desconhecido, de uma vida depois desta, em que vamos pagar por nossos pecados, o medo do advento de uma doença que nos leva com sofrimento à morte, ou talvez do abandono, que ninguém cuide de nós. Para Gomes (2004), os idosos talvez temem menos a morte do que os jovens, pois o que os preocupam são as condições da própria morte e nem tanto a morte propriamente dita. De acordo com a mesma, o que os idosos temem é o sofrimento propiciado por uma doença terminal ou de ficarem sozinhos e desamparados quando doentes. Encontramos essa preocupação no depoimento do sujeito 12: “*Envelhecer... ué... a gente tem que ir né? Tem medo de ir, mas tem que ir [...]. Esperar o outro né! Tem gente que morre cedo também, não adianta[...]*”.

Esta respondente tem consciência de que existe uma finitude biológica, mas tem medo do que possa acontecer, pois perdeu o marido que era muito

doente há quatro anos e agora convive com a doença do irmão. Acreditamos que o medo diz respeito não exatamente à morte e sim a possibilidade da doença que levará com sofrimento à morte. O que a consola, no entanto, é a possibilidade do aconchego e cuidado dos filhos, diz ela: “[...] *Que nem eu estava na casa do meu irmão [...], ele não anda mais, a gente tem que pegar ele para andar [...] não dá mais, porque sai toda pele [...] se envelhecer é ficar assim é duro nê! Mas o que a gente vai fazer, se tem quem socorre tá bom nê! [...] Então a gente fica pensando, ah... se a gente ficar doente desse jeito [...]. Eu tenho fé que se eu ficar assim os meus filhos vão me ajudar, cuidaram bem do pai antes de morrer, muito bem, não deixaram sofrer [...]*” (sujeito 12). O carinho e o cuidado dos filhos para com seus pais é algo muito presente na comunidade, o que pudemos constatar em alguns depoimentos no momento da entrevista e também após, como costumamos dizer, no “aconchego da cozinha”.

Podemos encontrar uma importante reflexão sobre o medo do envelhecer, o medo da morte, nos estudos de Albom (1998, p. 117), que ao reencontrar vinte anos depois seu professor Morrie Schwartz nos últimos meses de vida de seu velho mestre, acometido de uma doença terminal, realizam encontros para tratarem de temas fundamentais da existência humana, dentre eles o envelhecimento. Segue um fragmento do diálogo estabelecido entre ambos sobre essas questões:

- Você nunca teve medo de envelhecer? – Mitch, eu acolho o envelhecimento. – Acolhe? – É muito simples, À medida que se cresce, aprende-se mais. Se ficássemos parados nos vinte e dois anos, ficaríamos sempre ignorantes como quando tínhamos vinte e dois. Envelhecer não é só decair fisicamente. É crescer. É mais do que o fato negativo de que se vai morrer, é também o fato positivo de que se compreende que se vai morrer e que se pode viver melhor por causa disso. – É – eu disse - mas se envelhecer fosse tão valioso, por que as pessoas vivem dizendo, “ah, se eu ainda fosse jovem...?” Nunca ouvimos ninguém dizer, “quem me dera já ter sessenta e cinco!”. Ele sorriu e acrescentou: - Sabe o que significa isso? Vidas insatisfeitas. Vidas sem realizações. Vidas que não encontraram um sentido. Quem encontra um sentido para a vida não deseja voltar atrás. Deseja ir em frente. Quer ver mais, fazer mais. Não se pode ficar esperando chegar aos sessenta e cinco. – Ouça. Você precisa saber uma coisa. Todas as pessoas

mais jovens precisam saber disso. Quem passa o tempo batalhando contra o envelhecimento sempre será infeliz, porque o envelhecimento é inexorável.[...] – Mitch, é impossível a um velho não invejar um jovem. Mas a questão é aceitar o que somos e gostar. Você está no tempo dos seus trinta. Eu já tive o meu tempo de ter trinta anos, e agora estou no tempo de ter setenta e oito. – Precisamos descobrir o que existe de bom e verdadeiro e belo em cada fase de nossa vida. Olhar para trás estimula a competição. E idade não é assunto de competição.

Py (1996), nos alerta que as pessoas que percebem o envelhecimento como algo negativo, como a antecâmara da morte, e não conseguem conviver com a idéia da finitude, entram com mais facilidade na espiral da falência social, levando-as mais facilmente aos estados de depressão e desesperança.

Podemos constatar quão importante é a continuidade das realizações pessoais do idoso, de acordo com suas possibilidades, desenvolvendo seu projeto de vida, com condições de tomar suas próprias decisões, pois como nos diz Papalia et al (2006, p. 745), “as pessoas que pensam que sua vida foi significativa e que se adaptam às perdas podem ser mais capazes de enfrentar a morte”, o que pudemos constatar no diálogo acima entre Albom (1998) e seu professor na iminência da morte.

Para Papalia et al (2006), as pessoas que se adaptam melhor são as que se mantêm ocupadas, assumem novos papéis ou tornam-se envolvidas em atividades correntes. Pessoas que estão freqüentemente com amigos e pode contar com um grupo de apoio.

Os idosos tirolo-trentinos que participaram desta pesquisa, têm consciência da morte e a encaram como certa, não tentam lutar contra essa realidade, talvez, diante das colocações da autora acima, porque convivem em uma comunidade onde todos continuam em atividade com os afazeres de casa, do campo, ajudam nas festas tradicionais da comunidade. A maioria dos idosos participa da missa, do terço diário, dos encontros na praça, enfim, são pessoas que convivem com seus familiares e amigos.

E também como nos alertou uma respondente no “aconchego da cozinha”, os idosos daqui não têm medo de morrer, porque têm muita fé e acreditam

piamente que depois da morte terão uma vida melhor, ou seja, os idosos entrevistados da comunidade tirol-trentina, compartilham da percepção de que a vida significa alguma coisa, “de que é algo mais do que simplesmente estar um instante fulgaz no universo, modificando a percepção de situações estressantes ou eventos traumáticos” e ainda, “a religião encoraja os indivíduos e promove a esperança de que, no fim, tudo estará bem” (GOLDSTEIN; SOMMERHALDER, 2002, p. 954).

Esses idosos encaram a morte sem medo, o que podemos constatar na fala do sujeito 20: “[...] *Ora, tem que morrer ué! [...] Um dia a gente vai mesmo [...]*” e no discurso do sujeito 21: “[...] *Eu não ligo pra esse negócio (morte), a hora que chegar eu vou, acabou, entende?[...] Ou você morre novo ou velho né! Pra mim o que Deus mandar tá bom [...]*”.

De acordo com as reflexões de Papalia et al (2006), é a negação da morte que é parcialmente responsável pelas vidas vazias e sem sentido das pessoas, pois, segundo as autoras, aquele que vive como se fosse viver para sempre, acaba adiando as coisas que sabe que precisa fazer. Do outro lado, quando se compreende que cada dia que se vive pode ser o último, a pessoa utiliza o tempo daquele dia para crescer, para se tornar mais quem realmente é, para se aproximar dos outros seres humanos.

Portanto, é necessário que se viva com intensidade, para que não haja arrependimento no momento da morte, como nos mostra o poema *Instantes* citado por Alves (2004, s.n.):

Se eu pudesse viver novamente a minha vida/  
na próxima trataria de cometer mais erros./  
Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais./  
Seria mais tolo ainda do que tenho sido./  
na verdade bem poucas coisas levaria a sério./  
[...] correria mais riscos./  
viajaria mais, contemplaria mais entardeceres./  
subiria mais montanhas, nadaria mais rios/ [...].

De acordo com Alves (2004, p. 12), trata-se de uma advertência aos mais moços, e nós acrescentaríamos, uma advertência a todo ser humano: “só temos o momento. Não percam o agora”.

Como nos diz Schwartz ao seu aluno Albom (1998, p. 85), aprendam a viver, e saberão morrer. Aprendam a morrer, e saberão viver, como podemos constatar no seguinte diálogo:

- A verdade, Mitch, é que, quando se aprende a morrer, aprende-se a viver. [...] – Você pensava muito na morte antes de ficar doente? – Não – Morrie sorriu. – Eu era como todo mundo. Uma vez, eu disse a um amigo, num momento de entusiasmo, que ia ser o velho mais sadio do mundo! – Que idade você tinha? – Sessenta e poucos. – Então era otimista. – E por que não? Como disse, ninguém acredita que vai morrer. – Mas todo mundo conhece alguém que morreu. Por que é tão difícil pensar na morte? – Ah, a maioria de nós anda em círculos, como sonâmbulos. Não experimentamos a vida em sua plenitude, porque vivemos semi-adormecidos, praticando atos que automaticamente achamos que precisamos praticar. – E encarar a morte muda tudo? – Claro que muda. A pessoa descarta toda essa tralha e se concentra no que é essencial. Quando se descobre que se vai morrer, vê-se o mundo de maneira bem diferente – ele suspirou. – Como eu disse, aprenda a morrer e aprenderá viver.

É necessário que tenhamos consciência de que não existe um modo único de ver a morte em qualquer idade, como nos alertam Papalia et al (2006). A morte provavelmente não significa a mesma coisa para um homem de 85 anos sofrendo de artrite dolorosa, para um homem de 97 anos saudável, para uma mulher de 56 anos no auge de uma carreira bem sucedida acometida por um câncer e para um adolescente que morre de uma overdose. As mudanças nas atitudes, perante a morte durante o ciclo de vida dependem tanto do desenvolvimento cognitivo como do momento normativo ou não normativo do evento.

### 5.1.6 – Ter autonomia

Outra constatação interessante está ligada ao fato de que os participantes estão preocupados com a questão da **autonomia**. A esta categoria incluímos valores presentes nos discursos como: viver o dia a dia trabalhando, orando, recebendo visitas, não dar trabalho para os outros, poder fazer de tudo e o que quiser, aproveitar a vida.

A autonomia é vista sob o prisma da auto-realização, da perspectiva da realização das possibilidades e não sob o foco das perdas de capacidade. Uma perspectiva vista a partir do modelo de Autonomia Positiva, desenvolvido por Farinatti (1997, p. 32), o qual define autonomia pelo que ela não deve ser, diz ele: “da mesma forma que saúde não é ausência de doença, a autonomia não é ausência de dependência física”. Para o mesmo há três níveis de autonomia:

- **Autonomia de ação**, que incorpora a noção de capacidade física. Está relacionada a capacidade da pessoa de se mover fisicamente, de forma independente. Pode ser medida pelas escalas que medem Atividade de Vida Diária (AVD).
- **Autonomia de vontade**, se refere a capacidade de autodeterminação, que pode ser definida como a capacidade de escolha, a habilidade para escolher por si mesmo, de acordo com a sua vontade. Ou seja, o idoso mantém o seu poder de decisão sobre aquilo que ele deseja fazer e ser.
- **Autonomia de pensamento**, que é um nível mais profundo de autonomia, diretamente relacionado com a autonomia de vontade; só que pressupõe uma reflexão mais consciente de escolha.

Destacamos algumas falas que consideramos relevantes para ratificar a categoria, respeitando os respectivos níveis, assim diz o sujeito 1: “[...] *conseguir trabalhar, não dar trabalho para os outros [...]*”, relação também encontrada no discurso do sujeito 14: “[...] *continuar fazendo o trabalho da gente [...]* eu faço tudo o que tem dentro da casa, o trabalho, a comida, o almoço, limpeza, lavar roupa,

*passar, tudo isso [...]. Vivo o dia-a-dia, o que vai acontecendo, receber visitas, servir quando aparece gente, dar [...]*". Podemos relacionar esses discursos com a autonomia de ação, pois os sujeitos estão aptos a se moverem fisicamente e preservam a capacidade de realizar atividades básicas da vida diária (AVDs) e as atividades instrumentais da vida diária (AIVDs).

Quanto à autonomia de vontade, ou seja, quando o idoso tem condições de fazer suas próprias escolhas, o sujeito 19 diz: *"[...] Antes as crianças eram pequenas, não adiantava, não podia fazer, a família era pesada (muitos filhos), não podia fazer o que a gente queria, agora a gente faz o que quer [...]"*. Vale confirmar com o depoimento do ex-presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter sobre as vantagens do envelhecimento, diz ele: "Temos um grau sem precedente de liberdade para escolher o que queremos fazer [...]. Nosso principal objetivo não é apenas continuar vivo, mas aproveitar todas as oportunidades de prazer, de emoção, de aventura e de realização" ( BEYETTE *apud* PAPALIA et al, 2006, p. 704).

A autonomia também está associada ao momento de lazer, numa perspectiva de novas possibilidades, conforme podemos perceber na fala do sujeito 42: *"Envelhecer, na minha opinião eu acho que agora que eu comecei a viver, depois que eu tenho certa idade, que eu entrei na terceira idade. Hoje a gente vai na praia, a gente vai em reuniões, em almoço, das vezes almoço fora. A gente vai na Barra Bonita, vai passear, nos vai num baile [...]. Tô melhor agora de quando eu era mais nova, vou fazer 50 anos de casamento ano que vem. Então envelhecer pra mim é aproveitar a vida agora nesses últimos tempos que a gente tem [...]"*. Ou seja, aproveitar todas as oportunidades de prazer, de emoção, de aventura e realização conforme o depoimento de Carter supracitado.

Está claro também no discurso acima que a respondente tem autonomia para decidir e escolher o que quer fazer, ou seja, de que forma quer aproveitar a vida e tem autonomia para mover-se fisicamente para os lugares que desejar, essa participante exemplifica um nível mais profundo de autonomia, classificado como autonomia de pensamento, que pressupõe uma escolha mais consciente.

As falas dos idosos comprovaram que é possível envelhecer com autonomia, entendida aqui como a manutenção do desejo de viver e dentro das possibilidades do momento atual. Assim, podemos considerar autonomia como um indicador para o envelhecimento bem-sucedido.

### 5.1.7 – Experiência de Vida

O significado de envelhecer como uma **experiência de vida** foi identificado por quatro respondentes. Conquista pessoal que deve ser valorizada, aproveitando o arsenal de conhecimentos que nos é transmitido pelos sentidos, entendendo a corporeidade idosa como a forma de o homem ser-no-mundo. Uma corporeidade que revela e esconde, recebe e expressa a maneira de ser de cada indivíduo sendo essa ambigüidade que permite a produção da intersubjetividade.

Olhar a corporeidade é abrir espaço para que o sentir, pensar, agir, fluam naturalmente acompanhando a dinâmica da vida. É aceitar as experiências da vida que acompanham o ser-no-mundo, levando em conta os vínculos que se estabelecem com a subjetividade, o mundo vivido, os valores existenciais, carregados de histórias e símbolos na intenção de satisfazer necessidades e desejos próprios.

Citando Simões (1995, p. 114), “[...] a experiência de vida dos idosos enriquece o sensível da vida e deixa brotar, das cicatrizes do passado” relações dialéticas entre o que já viveu, o que está vivendo e o que poderá viver. O depoimento do sujeito 5 ilustra essa relação: *“[...] a gente pega experiência na vida e a gente lembra da juventude e fala pra juventude de hoje: - você vai chegar numa idade em que vai perceber que fez muita coisa errada [...]. Então nessa idade pra mim, você pode regenerar o que fez quando jovem [...]”*.

Esses idosos possuem não só a história a ser contada, trazem consigo saberes vividos e costumes relevantes para se apreender. Ao interagirem com os mais jovens, com seus colegas, podem transmitir suas experiências, valores, história e cultura. Trazem informações que remontam às suas infâncias, às

mudanças em seu corpo, a criação dos filhos, a participação na comunidade tirol-trentina, como podemos constatar no depoimento do sujeito 4: [...] *significa experiência de vida né! Experiência da vida, o que passemos. [...] tive vinte e um filhos, morreram dez, mas a gente foi levando [...]*” e também na fala do sujeito 7: *“A gente se torna uma pessoa mais experiente. Mais experiente em tudo, na vida, na educação”*.

Nessas experiências em que o idoso tirol-trentino participa como unidade existencial, ocorrem transformações, que modificam seu corpo, seu ser como uma totalidade, sua forma de sentir, pensar e agir, de relacionar-se consigo, com os outros, com a comunidade e com o mundo, conforme podemos observar no discurso da participante 24: *“[...] você vai tendo experiências [...] envelhecer, cada vez mais você vai vivendo e aprendendo [...] A Vivi diz: - ah! Quanta ruga! Eu falo pra ela: - não faz mal nem que a gente tem ruga, é normal, a gente tá vivendo, o rosto já foi papel de seda e hoje é papel crepom, e daí! [...]*”.

Se pudéssemos abrir cada ruga de um rosto envelhecido, quantas histórias e experiências de vida encontraríamos. A quem sabe perceber a sutil transformação do “papel de seda em papel crepom”, sabe também ouvir os segredos da vida e os mistérios da existência que as rugas contam.

### **5.1.8 – Lembrar o passado**

O significado de envelhecer associado à **lembrança do passado** está presente na fala de dois sujeitos. Quem vive e, portanto, envelhece acumula uma história de vida a qual pode ser resgatada através da lembrança, como podemos observar na fala do sujeito 40: *“Envelhecer eu penso quando eu era solteira, de quando eu era moça. Envelhecer é lembrar o passado”*.

Lembrar é resgatar a história da pessoa e de seu mundo, enquanto vivenciada, o que para Bosi (2004) é uma concepção extremamente flexível da memória. A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, porque o seu lugar na vida do ser humano acha-se a meio caminho entre o instinto que se

repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar. Para Stern citado por Bosi (2004, p. 68):

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriado a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo.

Na maioria das vezes, lembrar não é reviver experiências do passado, é refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. A lembrança de um fato antigo, por mais nítido que pareça, não é a mesma imagem experimentada na infância, porque nossa percepção alterou-se, e com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e valor (BOSI, 2004).

A respondente 41 compreende o envelhecer como um evento triste, pois associa o passado ao que não volta mais. Relata uma infância vivenciada no armazém dos pais, com irmãos e primos, no entanto, por estar na maior parte do tempo sozinha (viúva), os filhos se casaram e a única filha solteira só chega à noite, sente-se triste por sentir saudades do passado e por perceber o tempo passar. Ela diz: [...] *Envelhecer significa tristeza porque eu lembro o passado e tenho saudades dos meus pais, porque nasci e fui criada aí na venda, a gente sente saudades nê! Então a gente sente a vida passar! [...]*.

Bobbio (1997, p. 55) nos traz uma visão positiva em olhar o passado, ele reafirma a importância da memória, do lembrar, do relembrar, das lembranças e das recordações como atitudes impulsionadoras do bem viver:

Concentremo-nos. [...]. Percorramos de novo nosso caminho. As recordações virão em nosso auxílio. No entanto as recordações não aflorarão se não as fomos procurar nos recantos mais distantes da memória. O relembrar é uma atividade que não exercitamos com frequência porque é desgastante e embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração encontramos a nós mesmos e a nossa identidade. [...]. Cumpre-nos saber, porém, que o resíduo, ou o que logramos desencavar desse poço sem fundo,

é apenas uma ínfima parcela da história de nossa vida. Nada de parar. Devemos continuar a escavar! Cada vulto, gesto, palavra ou canção, que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver.

Para Bosi (2004), a memória dos idosos pode ser trabalhada como um mediador entre a geração atual e as testemunhas do passado. O idoso pode atuar como um mediador informal da cultura.

Nas conversas informais com representantes da comunidade tirol-trentina, tivemos conhecimento de um projeto que foi apresentado à Prefeitura de Piracicaba-SP, cujo objetivo é a recuperação e preservação da memória da comunidade através dos relatos dos mais velhos, tendo como foco principal o resgate e ensino do dialeto tirolês, falado por todos os idosos da comunidade. O projeto será desenvolvido em encontros semanais, aproveitando o espaço da escola da família. Poderão participar todos os integrantes da comunidade, crianças, jovens, adultos e os idosos, ou seja, um encontro de gerações para que a história da comunidade e o dialeto sejam preservados. Nesse projeto o idoso tirol-trentino atuará como um mediador informal da cultura e do dialeto tirolês, o que confirma o respeito e valorização que a comunidade tirol-trentina atribui aos mais velhos.

Pudemos constatar na análise dos discursos da pergunta 1, que houve um equilíbrio entre as visões negativas e positivas, que os idosos têm consciência, aceitam o envelhecimento e a morte como parte da vida. Pelos discursos e pela convivência durante este período da pesquisa, constatamos que embora alguns tenham destacado o aspecto negativo dessa fase da vida e estejam realmente passando por uma situação difícil de doença, não deixam de freqüentar a praça para o encontro com os amigos, de freqüentar a missa, o terço, de participar e ajudar nos eventos da comunidade como festas, bailes e bingos.

Notamos que alguns idosos aproveitam melhor a vida do que outros, encaram-na de maneira mais otimista. Como nos alerta Papalia et al (2006), quanto mais realistas e flexíveis forem os idosos, mais facilmente podem se

adaptar ao processo de envelhecimento, conservando sua força e adaptando-se às mudanças corporais e normativas, procurando utilizar o tempo com sabedoria.

## 5.2 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DA PERGUNTA 2

### O que significa envelhecer numa comunidade tirol-trentina?

A partir dos discursos provenientes da pergunta 2, identificamos cinco categorias. Os procedimentos para a análise destas categorias foram os mesmos utilizados e já transcritos na introdução do capítulo V, nos discursos da pergunta 1.

#### 5.2.1 – Relacionamentos Sociais

Interpretando as categorias, constatou-se que o maior número de convergência, ou seja, trinta e cinco sujeitos, entendem o significado de envelhecer numa comunidade tirol-trentina como a manutenção de **relações sociais** estabelecidas com os familiares e amigos, o que significa a possibilidade de contar com a ajuda e união de todos e também a troca de experiências, como podemos constatar na fala do sujeito 11: “[...] *tem mais união, parentes, amigos, todos se ajudam. Uma comunidade onde todo mundo se conhece é mais gostoso, ajuda mais [...]*” e também na fala do sujeito 17: “*Envelhecer aqui, [...] experiência bastante [...] aqui... acolhe mais fácil [...] aqui tem conhecimento, amizade, tem ajuda enquanto puder [...]*”.

O ser humano é um ser social que está em constante inter-relação com outros indivíduos e um dos papéis sociais de grande importância para o idoso é o de pertencimento a um grupo social, a uma família ou a um grupo de amigos. Para Erbolato (2002), os relacionamentos sociais são interações freqüentes com certa durabilidade no tempo e um certo padrão, portanto, um relacionamento diferenciado que modifica as pessoas e não se resume simplesmente ao somatório de relações. Envolvem sentimentos positivos e negativos, percepção de

si e do outro, com diferentes graus de envolvimento afetivo e uma grande troca de experiências.

Uma explicação sobre como os relacionamentos se processam é oferecida pela teoria do comboio social, uma teoria do envelhecimento proposta em 1980, por Kanh e Antonucci citados por Papalia et al (2006). De acordo com os mesmos, as pessoas passam pela vida cercados por comboios sociais: círculos de amigos próximos e familiares com os quais podem contar para auxílio e apoio social e as pessoas por sua vez, também oferecem ajuda e assistência.

Para o sujeito 10, envelhecer na comunidade significa estar próximo aos amigos, aos parentes, enfim, sentir-se protegido, diz ele: *“Significa que a gente está mais junto com os outros [...] como os parentes [...]. Aqui estamos mais protegidos”*. O discurso vem ratificar o que salienta Erbolato (2002) sobre o comboio social, o qual, tem um efeito de proteção sobre o indivíduo, ajudando-o a preservar sua auto-estima, seu senso de controle sobre os eventos e o seu senso de auto-eficácia, proporcionando-lhe uma melhor qualidade de vida. Vale destacar também o discurso do sujeito 36 ao mencionar a ajuda que a comunidade ofereceu a duas idosas no sentido de proporcionar a ambas uma melhora na auto-estima e qualidade de vida. O mesmo relata :

*“[...] aqui todo mundo ajuda [...]. Tem aqui do lado duas mudas, uma é muda e surda, a outra surda, muda e cega. [...] Quando elas precisavam mais a gente ajuda, toda a comunidade ajudava. O povo, a comunidade fizeram uma casinha pra elas [...]”, encontramos essas dados também na fala do sujeito 6: “[...] aqui na comunidade há um espírito diferente, todos participam das coisas da Igreja, ajudando fazer uma casa, fazendo um trabalho para outras pessoas [...]”*.

Sabemos que as diferenças individuais influenciam nas formas de agir e reagir aos acontecimentos diários; há idosos mais otimistas, mais participativos que outros, contudo, pudemos constatar na comunidade tirol-trentina, que quando se trata de ajudar alguém necessitado ninguém mede esforços, seja na construção de casa aos mais necessitados, nas doenças, e também nos momentos festivos como salientou o participante 18: *“[...] quando tem festa, tem nova, tem velha, tem criança, tudo mundo ajuda[...]”*. Os dados convergem com a

literatura, pois de acordo com Erbolato (2006), os suportes sociais podem ser representados por ajuda prática, bens ou serviços, psicológicos e afetivos.

Um dos comboios sociais é a família. Para Neri (2001a), a família é a fonte primária de suporte social ao idoso. Dados internacionais e nacionais mostram que 90% dos idosos vivem em família. Os laços afetivos preservam-se mesmo quando os filhos vivem geograficamente longe. Porém, quando os relacionamentos com a família são pobres ou inexistem, esse apoio social não se concretiza, prejudicando a qualidade de vida do idoso.

Na comunidade investigada, a família é muito presente conforme pudemos constatar através dos relatos e da convivência com o grupo. Diz o sujeito 13: *“Envelhecer aqui... aqui ainda os velhos ficam com a família”*, encontramos essa relação também no discurso do sujeito 12 : *“[...] Os filhos chegam do trabalho, pegam uma cervejinha no bar e vêm tomar aí no meu terracinho [...]. Toda noite vem um filho dormir comigo [...] um filho, uma filha, uma neta [...]”*.

Uma das características marcantes na evolução do bairro são os núcleos familiares, descrito no contexto histórico-cultural da comunidade tirolo-trentina. Foram várias famílias que compraram as terras juntas, cada qual com sua parte. Com o crescimento das famílias as terras foram divididas. O ciclo de divisão de terras por herança acabou por configurar o bairro. No centro encontra-se a casa dos pais e ao redor a dos filhos. Hoje, porém, as residências dos filhos se distanciaram um pouco mais, contudo continuam na comunidade próximo aos familiares.

A família se caracteriza por laços biológicos e legais consistentes e sua continuidade temporal é assegurada pela valorização cultural do parentesco. Por outro lado, os relacionamentos entre amigos, são de livre escolha. De acordo com Erbolato (2002), os amigos são escolhidos com base em semelhanças entre as pessoas (gênero, etnia, status, escolaridade e faixa etária) e também por apresentarem qualidades consideradas desejáveis como lealdade, confiança, valores e interesses comuns.

Os relacionamentos entre amigos, especialmente entre idosos, são particularmente benéficos porque são de livre escolha e contribuem para a

manutenção do bem-estar, satisfação com a vida, aliviando a solidão, promovendo o diálogo e a troca de experiências. São fontes de ajuda, de confiança, de encorajamento e do sentimento de pertencer a uma grande comunidade, como os próprios idosos definem, somos uma grande família, estamos sempre unidos, solidários uns com os outros, na tristeza e também na alegria, como podemos destacar na fala do sujeito 22: *“Eu acho bom envelhecer aqui [...] aqui a gente sempre se reúne, joga bingo [...] a gente vai na missa [...] se encontra, fica batendo papo. Aqui é uma grande família [...]”*. Essa solidariedade encontramos também na fala do sujeito 46: *“[...] Sempre quando têm alguém doente os outros vêm visitar a gente, nunca fica sozinho [...]”*.

### 5.2.2 – Bom, bonito e gostoso

Vinte e oito participantes apontam o envelhecer na comunidade tirolotrentina como algo positivo e assim caracterizam a comunidade: “envelhecer aqui é **bom, bonito, gostoso**, significa ter sempre o que fazer, estar em meio à natureza, ter tranquilidade, enfim, é bem melhor envelhecer aqui no bairro do que em outro lugar”.

Onze dos sujeitos disseram que envelhecer na comunidade é bem melhor do que envelhecer em outro lugar, ou na cidade, conforme relata o sujeito 26: *“Olha, acho que envelhecer aqui é bem melhor do que envelhecer na cidade [...]. Aqui eu não fico isolado [...]”*.

Esses idosos acham melhor envelhecer na comunidade por conta das relações sociais estabelecidas com os familiares e amigos, o que contribui para que ninguém se sinta isolado.

Para dezoito sujeitos envelhecer na comunidade é algo bom, gostoso e bonito, presente na fala do sujeito 24: *“[...] aqui é gostoso por causa das nossas colegas, parentes, aqui a gente brinca um com o outro[...]”*, ou seja, a presença e a relação de familiares, parentes e amigos são de fundamental importância e

muito presente no cotidiano dos idosos, o que de acordo com Neri (2001a), favorece o bem estar psicológico e social dos idosos.

O participante 22 diz que envelhecer na comunidade é bom porque todos se conhecem, conversam, brincam e vivem longe das desgraças que aparecem na televisão, como enchentes, crimes, roubos, diz ele: *“[...] viver aqui foi e é um paraíso, e é mesmo, porque a gente vê na televisão tanta desgraça, aqui ainda não tem isso [...]”*.

Dentre os sujeitos inseridos na categoria bom, bonito e gostoso, três atribuem o significado de envelhecer na comunidade à possibilidade de continuar ativo, conforme podemos constatar na fala do sujeito 6: *“[...] Aqui todos os idosos têm alguma coisa para fazer. Aqui, a pessoa continua trabalhando, embora tenha uma idade avançada continua trabalhando. Então, trabalhando dentro da comunidade a pessoa vive a velhice, trabalhando, indo no bar, jogando baralho, indo à missa, participando da comunidade [...]”*.

O trabalho de campo, como pesquisadora, permitiu conhecer e compreender a realidade vivida pelos sujeitos, assim foi possível verificar que os idosos descendentes de imigrantes tirol-trentinos conservam o estilo de vida do interior da Itália. Eles plantam e criam o que comem. Não tiram férias e assim vivem longos anos com a sensação de serem úteis. No “aconchego da cozinha”, um senhor nos revelou que a vida na roça é difícil, mas não trocaria isso por nada, porque é o que lhe mantém vivo. Uma senhora cita a experiência de seu marido de 84 anos, em relação ao trabalho, diz ela: *“[...] Aqui todo mundo tem atividade. Meu marido, por exemplo, tem horta com um pouquinho de tudo. [...] 61 anos que eu tô casada, [...] nunca comprei verdura [...]. Ele tem galinha [...]. Então, aqui todos têm sempre o que fazer”*.

Constatamos que os idosos entrevistados possuem uma atividade definida, afazeres de casa, colher milho e dar às galinhas, cortar pasto para as vacas, roçar o quintal, cuidar das parreiras, fabricar o vinho, ajudar na preparação das comidas típicas para a festa da polenta, para a cucagna, enfim, nos eventos culturais da comunidade, conforme relatado no contexto histórico-cultural da comunidade.

Como os próprios respondentes destacam, é diferente da cidade, porque os idosos de lá se aposentam e o que fazem depois? Conforme podemos observar na fala do sujeito 21: “[...] *Envelhecer na cidade eu morria antes da hora [...] você vê aonde o sol tá, aonde você vai? [...] vai na rua? Vai aonde? [...] Aqui não, faz um negócio aí, roça, cuida dos frangos, da horta, limpa o quintal [...]*”.

São idosos com autonomia, que têm um envolvimento ativo com a vida na comunidade, que desfrutam de uma vida produtiva através do trabalho, lazer e participação na comunidade. Fatores estes, que podem de acordo com Neri (2001a), contribuir para o envelhecimento bem-sucedido.

É importante destacar que além das atividades acima, alguns desses idosos freqüentam as aulas de hidroginástica e ginástica que são oferecidas na própria comunidade. Além disso, por tratar-se de um bairro rural está presente o prazer e a facilidade de se caminhar em meio à natureza, o que podemos ratificar com a fala do sujeito 28: “[...] *Levantar cedo, caminhar, respirar o ar da manhã [...]*”. A associação da prática de atividade física, exercício físico e envelhecimento saudável está presente na literatura que revela múltiplos benefícios nos domínios físico, afetivo, cognitivo e social (OKUMA, 2002).

Vivenciar as diversas possibilidades de movimentos, com a prática regular de exercícios, com o trabalho na roça, fazendo a colheita, roçando, de maneira que o pensamento, o sentimento e ação estejam presentes, são formas legítimas para fortalecer no idoso tirolense o prazer de viver plenamente sua corporeidade, ampliando suas possibilidades de satisfação com a vida.

Três sujeitos citaram estar em meio à natureza como um atributo positivo no significado de envelhecer na comunidade, como podemos verificar no discurso do sujeito 32: “*É ótimo envelhecer aqui, tem tudo que eu quero, mas é coisa simples [...], coisas da natureza [...] gosto de ver uma plantação bonita, passarinho [...] estou com o pensamento nessas coisas simples que faz bem [...]*”.

Está claro no depoimento o prazer que há em viver em meio à natureza. E conforme nos diz Nunes Filho (1997, p. 101), “Ser é aprender a viver com prazer”. É encontrar razões para celebrar a vida, tanto nas coisas grandiosas como nos

mais simples detalhes do dia-a-dia, e como nos relatou o participante 32, nos mais simples detalhes da natureza, pássaros, bonitas plantações, amigos. Nunes Filho (1997), ressalta que embora o prazer seja menosprezado pelos homens ditos sérios, ele sobrevive, pois é uma faceta necessária à sobrevivência do ser humano em sua totalidade. Para o mesmo, a ausência do prazer faz surgir os grandes tiranos, mas a sua presença faz nascer os grandes homens.

Acreditamos que viver em meio à natureza, resgatando as coisas simples da vida, conforme depoimento do sujeito 32 é viver a plenitude da existência, compreendendo que o ser humano é incompleto, o que significa que sempre está em busca de sua auto-superação, prossegue o mesmo: *“[...] eu estou com o pensamento nessas coisas simples que faz bem [...] isso pra mim é tudo, pra outros eles nem sabe o que eu tô falando. Alguns falam: - você vai fazer essa bobagem! Aí eu falo: - Você vai atrás de buscar a sua que eu vou atrás da minha ponto!”*.

Dos vinte e sete participantes inseridos na categoria bom, bonito e gostoso, três atribuem o significado de envelhecer na comunidade à possibilidade de ter tranqüilidade, viver sem barulho, sem a confusão da cidade, diz o sujeito 43: *“[...] eu gosto de morar aqui, porque eu não gosto de barulho, [...] gosto de viver tranqüilo [...]. Agora, aqui eu gosto porque eu ouço passarinho cantar, adoro ficar ouvindo ele cantar, eu não gosto de barulho de condução, de pessoal gritando, não gosto, gosto daqui porque é mais tranqüilo [...]”*.

Os dados encontrados em nossa pesquisa associando o envelhecer numa comunidade rural de descendentes de imigrantes italianos, mais especificamente tirol-trentinos, convergem com os encontrados no estudo realizado no Município de Veranópolis no Rio Grande do Sul (CRUZ; MORIGUCHI, 2002). A população de Veranópolis, de acordo com esses autores, é considerada a mais longeva do Brasil. É uma cidade localizada na Serra e está muito associada à natureza e ao modo de vida rural. É também constituída de descendentes de imigrantes italianos, como a comunidade tirol-trentina, embora esta não esteja localizada na serra.

Trabalhos científicos internacionais mostram que populações que vivem em maior altitude, se relacionam com o campo e a terra tendem a ter uma maior longevidade e/ ou um envelhecimento bem-sucedido, com poucas doenças ou com forma mais leve de doenças que acometem as pessoas idosas (CRUZ; MORIGUCHI, 2002).

Dentre os entrevistados tirolo-trentinos constatamos que envelhecer no campo realizando o trabalho rural, capinar, plantar, colher, entre outros, contribuiu e contribui para o envelhecimento saudável.

Em relação às doenças, percebemos que apenas um dentre os idosos entrevistados, encontra-se com a saúde mais fragilizada, conforme relato informal do mesmo. Ele abriu a porta de seu armário e nos mostrou a grande quantidade de medicamentos que está tomando. Mas isto não o impede de participar dos encontros vespertinos na praça, situada defronte a Igreja para a conversa com os amigos.

Ao serem indagados sobre sua saúde, questão presente no questionário que aplicamos, 34 idosos, ou seja, 74% a consideram boa e muito boa e apenas 12 participantes, num total de 26%, a classificaram como nem ruim nem boa. O estilo de vida tirolo-trentino contribui para a saúde dos idosos.

Em relação à tranqüilidade citada pelo sujeito 43, relacionando-a a ausência de barulho e do estresse da cidade, priorizando os sons da natureza também está presente nos dados do estudo em Veranópolis – RS (CRUZ; MORIGUCHI, 2002). Os níveis de estresse são menores que outras cidades, porque a vida diária é calma, tranqüila, os idosos de Veranópolis realizam longas caminhadas, trabalham na lavoura, mantendo muitos padrões sócios-culturais que a classificam como uma cidade rural. Os idosos tirolo-trentinos também realizam longas caminhadas, trabalham ativamente no espaço rural, desenvolvendo jardinagem, hortas, coleta de uvas, cuidam da criação, contribuindo para um envelhecimento saudável com baixos níveis de estresse, conforme pudemos constatar durante as entrevistas.

Cruz e Moriguchi (2002), citam vários pesquisadores que constataram que a população de Veranópolis possui um alto grau de satisfação com a vida sendo em geral muito alegre e festiva. Fato que também encontramos na comunidade

tirol-trentina. Sempre há festas na comunidade conforme o levantamento histórico e cultural da comunidade relatado no capítulo III. Os idosos tirol-trentinos estão sempre participando da organização das festas, execução das comidas típicas, cantando para os convidados, contando suas histórias, atividades que contribuem para a alegria e satisfação com a vida.

Outro dado importante destacado no Projeto Veranópolis e também identificado na comunidade tirol-trentina, refere-se à participação dos idosos nas atividades da comunidade, o que de acordo com Cruz e Moriguchi (2002), afeta a longevidade e contribui para o envelhecimento saudável. Os idosos de Veranópolis participam ativamente das atividades da respectiva localidade, sentem-se inseridos no contexto social. Fato que também ocorre na comunidade tirol-trentina.

Os idosos tirol-trentinos têm uma presença marcante na comunidade, a maioria dos que foram entrevistados, participa das reuniões do bairro, da catequese, da organização das festas da comunidade. Na Festa da Polenta, citada no contexto histórico-cultural da comunidade, tivemos oportunidade de entrar na cozinha do salão e constatar a presença de várias gerações na elaboração dos pratos típicos, mas cabe aos mais idosos à transmissão das receitas tirol-trentinas, assim como o dialeto tirol-trentino, a receita do vinho de laranja, enfim, a transmissão da história da comunidade, aliado aos estudos dos mais jovens e também ao trabalho do *Circolo Trentini de Piracicaba*.

Os idosos entrevistados não se sentem marginalizados, excluídos das tomadas de decisões no âmbito familiar e comunitário, pelo contrário, sentem-se inseridos na comunidade como relata o sujeito 6: “[...] *a gente participa das coisas que tem na comunidade [...]. Então os velhos na comunidade trentina não ficam isolados, estão sempre inseridos na comunidade [...]*”.

Percebemos que os idosos tirol-trentinos conhecem a ideologia da velhice presente em nossa sociedade, que prioriza o jovem, a beleza, produtividade e a utilidade, no entanto, a negação dessa ideologia está bastante presente na comunidade tirol-trentina conforme pudemos constatar no discurso do sujeito 29: “[...] *Eu acho que a pessoa não se sente idosa aqui, porque as pessoas mais*

*jovens, com mais idade, tudo se diverti junto, eu não sinto o envelhecer aqui [...]. [...] porque quando tem festa tá todo mundo participando, mesmo as idosas também [...]. Eu disse que envelhecer é deixar de fazer as atividades, como agora eu tô mostrando que aqui todos fazem, aqui não tem envelhecer, só”!*

O sujeito partilha da ideologia que associa a velhice à inatividade, como o próprio diz: “[...] envelhecer é deixar de fazer atividades [...]”. No entanto, não se inclui e também não inclui os idosos tirol-trentinos no modelo ideológico, porque relata que todos os idosos da comunidade sempre estão em atividade, participam da comunidade.

O estudo se assemelha ao de Mercadante (1997), quando entrevistou os idosos residentes no asilo judaico em São Paulo. Os idosos tirol-trentinos também resistem à classificação de um modelo de velhice geral, muito embora o reconheçam na medida em que incluem “os outros”, aqueles que não estão em atividades, não participam da comunidade, que estão abandonados, dependentes. Como os idosos da comunidade tirol-trentina sentem-se incluídos, participantes da mesma, não se incluem no modelo ideológico.

Da mesma forma que os idosos residentes no asilo judaico, que foram entrevistados por Mercadante (1997), sentiram-se mais judeus do que idosos, os idosos de nossa pesquisa sentiram-se mais tirol-trentinos e menos idosos. Há, portanto, uma fuga da categoria de velho, com ressalta a autora e um consentimento explícito de pertencimento ao grupo étnico tirol-trentino.

Os idosos tirol-trentinos sentem-se membros ativos da comunidade, sentem-se cuidados, como podemos constatar na análise da categoria 5.2.3 – receber cuidado. Os idosos da comunidade sentem-se também protegidos como relata o sujeito 10: “[...] *Aqui estamos mais protegidos*”. Os idosos tirol-trentinos retribuem com a participação, com o resgate do contexto histórico-cultural da comunidade.

O laço social que se estabelece entre idosos tirol-trentinos é menos o da idade cronológica e mais o da etnicidade tirol-trentina, como podemos observar na fala do sujeito 37: “[...] *a gente quer bem o povo como se fosse uma família da gente [...]*, a família tirol-trentina.

Os idosos da comunidade sentem-se pertencentes ao grupo, o que de acordo com Mercadante (2002, p. 24), “é fundamental para o desenvolvimento de formas comunitárias de vida nas quais os indivíduos possam se vincular social e afetivamente uns com os outros e sentirem-se partícipes de um todo”.

Ao chegar à comunidade podemos perceber a demarcação dessa identidade, pois na entrada principal que dá acesso aos dois bairros: Santana e Santa Olímpia, encontramos um monumento fixado com os diversos símbolos característicos da comunidade. Na praça há outro monumento onde podemos encontrar o nome das famílias que deram origem à comunidade, símbolos da religiosidade e do trabalho rural, representado pelo cacho de uva e cana-de-açúcar. Símbolos e significados bem detalhados no contexto histórico-cultural da comunidade.

### **5.2.3 – Receber cuidado**

Dentre os valores associados a esta categoria, presentes nos relatos de dezessete sujeitos, podemos destacar o cuidado que os idosos tirolo-trentinos recebem de seus filhos e da comunidade, principalmente quando se trata de doença e a questão de não serem mandados para o asilo, sentindo-se assim abandonados, desamparados, conforme podemos constatar com a fala do sujeito 9: *“[...] a gente tem bastante amigos e um depende do outro, não é que a gente fica isolado, todos se ajudam [...]. Quem não pode se cuidar, não está aí jogado num asilo pelos filhos. [...]. Aqui em nossa comunidade ainda a gente não encontra isso, todos os filhos cuidam dos pais [...]”*.

A expressão cuidado está presente na fala de doze sujeitos, quando relatam a respeito de suas satisfações com o cuidado recebidos dos filhos e da comunidade, conforme constatamos no discurso acima (sujeito 9) e também na fala do sujeito 13: *“[...] A família que cuida da recuperação [...]. Primeiro os filhos*

*ajudam, depois a comunidade visita, porque todos têm os filhos pra ajudar, mas a visita também é importante”.*

Para Boff (2001, p. 33), “Cuidar é mais que um *ato*; é uma *atitude*”. Não abrange apenas um momento de atenção e de zelo, mas uma atitude de preocupação, ocupação, comprometimento e envolvimento afetivo com o outro. O mesmo nos alerta que o cuidado ainda, se encontra antes de toda atitude e situação do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, maneira concreta como é o ser humano. Para o mesmo, se o ser humano não receber cuidado desde o nascimento até a morte, ele se desestrutura, perde sentido e morre. O cuidado é um “fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana” (idem, p. 34).

Considerando nossas percepções durante a convivência com a comunidade e diante os relatos dos sujeitos inseridos na categoria receber cuidado, pudemos constatar que o cuidado está presente no modo-de-ser dos idosos tirol-trentinos e também no modo-de-ser de toda comunidade. Como nos diz Boff (2001), o cuidado surge quando a existência de alguém tem importância para um outro alguém, desse modo a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude.

Em relação à associação do significado de envelhecer na comunidade e não ser mandado para o asilo está presente na fala de cinco sujeitos. Os idosos tirol-trentinos associam o asilo à questão do abandono, da ausência de assistência e de cuidado, desta forma eles sentem orgulho de seus filhos, da comunidade, por não haver nenhum idoso tirol-trentino que tenha sido levado ao asilo o que podemos confirmar com a fala do sujeito 34: “[... ] *sabe por que eu te digo que tá bom envelhecer aqui [...]*”? *Porque você não vê um tirolês no asilo. Todo mundo cuida dos velhos dele aqui. Neste ponto aí nos precisa ter orgulho, não tem nenhum no asilo [...]*”.

A visão que os idosos tirol-trentinos têm a respeito do asilo é a mesma visão negativa compartilhada pelo senso comum: abandono, solidão, sentimento de rejeição, inutilidade. Dados esses também encontrados por Moura (2003), ao

investigar a percepção que o idoso asilado tem de seu corpo e qual a sua expectativa de vida. Diz Moura (2003, p. 87): “esses asilados esperam que a morte venha livrá-los de todas as dores que o corpo carrega”. Dores relacionadas à ausência da família, dor pela espera do filho que não chega, do neto que não aparece. A mesma percebe nos corpos idosos asilados a sensação de não haver mais lugar ou algo para fazer.

É esta realidade que os idosos tirolo-trentinos não querem para si, por isso sentem orgulho de viver e envelhecer numa comunidade onde são respeitados, valorizados e convivem com a certeza de que terão o cuidado de seus filhos e dos amigos.

Porém, vale destacar os achados de Mercadante (1997), ao realizar uma pesquisa com os idosos residentes em um asilo judaico na cidade de São Paulo. Os dados encontrados divergem dos relatados por Moura (2003), e também da crença dos idosos tirolo-trentinos.

Nos discursos dos idosos residentes no asilo judaico não está presente a relação asilo e tristeza, asilo abandono e asilo solidão conforme nos relata Mercadante (1997). Os relatos dos entrevistados apontam a entrada no asilo como possibilidade de fugir da solidão que se vive e possibilidade de novas amizades ampliando assim suas relações sociais.

A autora nos alerta para a necessidade de uma reflexão mais cuidadosa sobre instituições asilares, no sentido de se rever conceitos teóricos gerais negativos sobre estas mesmas instituições consagradas pelas ciências sociais.

#### **5.2.4- Indiferente**

Dois sujeitos apontam envelhecer na comunidade tirolo-trentina como algo indiferente, diz o sujeito 3: “*Muito indiferentismo. Não estão nem aí com os velhos. Eu pelo menos sinto muita frieza [...]*”. Depoimento este que diverge dos demais participantes da pesquisa. Para estes, a comunidade respeita e cuida dos velhos, como já demonstrado nas categorias anteriores.

Este participante viveu e trabalhou por um tempo fora da comunidade e conviveu com idéias diferenciadas, como o grupo já definiu sua identidade como pudemos constatar no contexto histórico-cultural da comunidade e já consagrou suas próprias idéias, fica difícil de aceitar novas propostas como o respondente relatou informalmente. Prossegue o mesmo: *“Trentino nunca me convidaram pra nada. Eu também, também da minha parte sou indiferente. Quando falam que vão viajar, cantar, isso eu me alegro, mas que eu tenha parte não, nem eu, nem eles me convidaram, nunca fizeram um convite para mim”*. Percebemos que este entrevistado não se sente inserido na comunidade ou como nos diz Mercadante (1997), não se sente pertencente ao grupo, à comunidade tirol-trentina.

Para o sujeito 31, envelhecer na comunidade é indiferente porque diz que vai morrer mesmo, esteja onde estiver. Só que preferia morar no Lar dos Velinhos, porque está inseguro com os jovens de hoje, não sabe se terão paciência de cuidar dos velhos, diz ele: *“[...] sabe aonde eu queria ir, no Lar dos Velinhos [...]. Porque eu acho, lá eu tenho muita segurança, porque as pessoas de hoje, os mocinhos, as mocinhas [...] não sei se vão agüentar a gente [...]. Assim, estando no Lar dos Velinhos, a gente já saberia que tem alguém que vai te olhar [...]”*. Ou seja, tem medo de envelhecer e não poder contar com a ajuda de ninguém. Morar no Lar dos Velinhos representa a segurança do cuidado caso necessite. Esse depoimento também diverge dos demais, pois todos acreditam que os filhos darão o cuidado necessário aos mais idosos e se orgulham de não serem mandados para o asilo.

Embora esta participante sinta-se insegura em relação ao cuidado que os jovens possam oferecer aos mais velhos, ela reconhece que quando há alguém doente, a comunidade ajuda. Mas quando o auxílio é financeiro ela diz que ninguém contribui, mas ressalta que todos têm a sua casa própria e dificilmente alguém precisa de uma ajuda financeira.

### 5.2.5 – Não gosta do local

Apenas um sujeito está inserido nesta categoria. Não gosta de envelhecer onde mora, diz ela: “[...] *cinquenta e sete anos que moro aqui e eu não me acostumei ainda. Sabe por que eu fico aqui? Porque é minha casa, mas eu não gosto de envelhecer aqui, porque eu não me dô... não é que fizeram nada pra mim, porque eu fico na minha casa e elas fica na delas [...]*”.

Revelou-nos numa conversa informal, que acha que algumas pessoas do bairro onde mora, a consideram diferente por não ser loira de olhos azuis como a maioria dos moradores da comunidade, conforme relatado no contexto histórico-cultural da mesma. Ou seja, ela não exibiu sinais distintivos que atestem que se pertence ao grupo (BARBOSA, 1994). Diz que vai levando, vai à missa, ao terço e às vezes participa das festas, mas gosta de ficar mais em casa.

Interessante observar que ela não gosta de morar no bairro em que está, não se sente pertencente a este, mas isso não significa que não goste de envelhecer na comunidade tirolo-trentina, pois ela disse que preferia morar no outro bairro que também faz parte da comunidade tirolo-trentina, talvez se sentisse mais feliz e participasse mais da comunidade conforme relato informal da mesma.

Após a análise das categorias da pergunta nº 1 e nº 2, levando em conta o referencial teórico pesquisado, os discursos dos sujeitos, a nossa percepção como pesquisadora no momento das entrevistas, nas conversas informais no “aconchego da cozinha”, passaremos neste momento as considerações finais buscando compreender o significado de envelhecer para o idoso tirolo-trentino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



**“[...] E pensei então que a velhice é o Ser, quando iluminado pela luz crepuscular. [...] A velhice como crepúsculo – a velhice como Beleza, uma criatura da estética”.**  
**(Rubem Alves, 2001)**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é um todo, assim considerado ao longo deste estudo, ou seja, em sua dimensão histórico-cultural; ser que possui necessidades e desejos físicos, sociais, psicológicos, emocionais e espirituais em busca de seu mais pleno desenvolvimento.

Relembramos que o objetivo deste trabalho foi investigar o significado do envelhecer para os idosos que vivenciam esse processo numa comunidade de descendentes de imigrantes tirol-trentinos, onde a tradição, música, culinária e religião são particularidades marcantes.

Resgatamos nossas indagações iniciais de como o ser humano encara o seu envelhecimento, mais especificamente o idoso tirol-trentino. Envelhecer relaciona-se à idéia de perdas, sejam elas biológicas ou sociais? Significa ser aquele indivíduo que se encontra no final da vida esperando a morte? Ou significa experiência de vida, sabedoria, tranqüilidade, prazer em viver? Na presença de trajetórias parecidas e inserção social semelhante, os idosos deste estudo diferem quanto a suas concepções sobre a velhice própria? O que eles pensam sobre a velhice tem relação com a vida em comunidade, onde a cultura tirol-trentina está presente? Enfim, o que significa envelhecer para o idoso tirol-trentino?

Constatamos que a grande maioria dos idosos entrevistados entende o significado de envelhecer como um processo natural da vida, dentro de uma perspectiva positiva. Conhecem seus limites e aproveitam as oportunidades. As falas dos idosos comprovam que é possível envelhecer com prazer, satisfação, de maneira mais madura e também produtiva, buscando um melhor caminho de ser e de viver. Percebem a velhice como uma fase de experiência de vida, com potencial para o crescimento, como propõe a corrente teórica conhecida como curso de vida. Sentem-se realizados, surpreendem-se com os aspectos bons da velhice, como, por exemplo, tranqüilidade e a possibilidade de desfrutar a vida transmitindo e adquirindo novos conhecimentos. Eles têm consciência de que é uma fase que envolve ganhos e perdas e deve ser vivida com sabedoria.

São idosos autônomos, que freqüentam os encontros vespertinos com os amigos, participam da missa, do terço e das festas culturais. Decidem aonde ir, o que fazer e quem visitar. O significado de envelhecer também se relaciona à possibilidade de continuar ativo, poder trabalhar no campo em meio à natureza. O prazer está em capinar, cultivar uma horta, esperar o germinar da planta, o sentir-se útil e ter a convicção de que a vida tem um sentido.

Envelhecer para os idosos tirol-trentinos entrevistados está relacionado a um conhecimento mais profundo sobre a vida, a possibilidade de um relacionamento mais intenso com as pessoas e com Deus, vivendo sua corporeidade estabelecendo significados para a vida.

Não são indivíduos que se encontram no final da vida simplesmente esperando a morte. São pessoas singulares que experimentam uma forte conexão entre sua fé religiosa e um senso de espiritualidade, pois trabalham para o bem do próximo e da comunidade, são católicos praticantes, freqüentam diariamente o terço e a missa. Qualquer reunião de caráter festivo e solene é prenunciada pelo sino e começa com o ritual da missa. Os símbolos e a prática do catolicismo são visíveis nesse grupo, que tem uma história marcada pela presença dos Frades capuchinhos de Trento e também dos Padres estimagmatinos de Rio Claro, despertando em alguns descendentes a vocação religiosa, motivo de orgulho para toda comunidade.

A literatura aponta que crenças religiosas e espirituais contribuem para a busca de um sentido para a vida e quem o encontra segue em frente, por isso os idosos deste estudo não temem a morte, porque compreendem que nascer, viver, envelhecer e morrer é um ciclo natural e crêem que Deus reservou algo mais que simplesmente a vida terrena.

Embora se refira a uma parcela bastante reduzida, constatamos que na presença de trajetórias parecidas e inserção social semelhante, encontramos divergências na concepção de velhice própria e também no significado de envelhecer numa comunidade tirol-trentina. Através das múltiplas facetas desveladas e compreendendo que o envelhecimento é um processo subjetivo, manifestando-se em cada pessoa de uma forma diferente, houve entre os idosos

entrevistados aqueles que abordaram o significado de envelhecer dentro de uma perspectiva negativa, associando-o à doenças, perda de força, de ânimo e diminuição da sexualidade, dando uma conotação como algo “feio e ruim”. Mas isto não os impede de seguir em frente estabelecendo contatos sociais e afetivos com toda comunidade.

Verificamos também que a concepção que os idosos participantes deste estudo, têm sobre a velhice está relacionada com a vida em comunidade, onde a cultura tirolo-trentina está presente. Ou seja, ser um idoso nessa comunidade apresenta características peculiares na forma como representa e vive a sua velhice.

Trata-se da maior comunidade de descendentes de imigrantes tirolo-trentinos do Brasil concentrada num mesmo núcleo. Uma comunidade que até os dias de hoje conserva suas tradições: história, música, dança, comidas típicas, dialeto e religiosidade. Vivem num meio onde as relações sociais estão muito presentes. Relações estabelecidas com os familiares e círculos de amigos, o que significa a possibilidade de contar com a ajuda, apoio e proteção de todos. Como os próprios entrevistados relatam, na comunidade todos se ajudam, os filhos cuidam dos pais e se alguém ficar doente todos procuram visitá-lo. Nas festas típicas há uma mobilização de todos: crianças, jovens, adultos e idosos contribuem para o sucesso do evento.

Envelhecer na comunidade para a maioria dos entrevistados é bem melhor do que em outro lugar como, por exemplo, na cidade. Na zona rural estão em meio à natureza, num lugar que consideram mais tranquilo, pois estão distantes dos “barulhos e confusões” da cidade. Os idosos tirolo-trentinos conservam o estilo de vida do interior da Itália, continuam com o trabalho rural, estão sempre em atividade, conforme nos disse numa conversa informal um depoente, “aqui os idosos não se sentem velhos e estão longe de aposentar a enxada”.

Ser membro do grupo étnico tirolo-trentino implica em exibir sinais distintivos e símbolos que comprovam que se pertence a um grupo e que suas regras são seguidas. Esses idosos entendem que a história, a cultura e a vida em

comunidade contribuem para uma melhor compreensão do que é ser um tirolo-trentino.

Constatamos com o estudo que os idosos entrevistados sentem-se mais pertencentes ao grupo étnico tirolo-trentino do que pertencentes ao modelo genérico da velhice, que associa esta fase à inatividade, improdutividade, embora o reconheçam quando incluem os outros, aqueles que estão inativos, abandonados, decrépitos.

Envelhecer para os idosos entrevistados significa ter consciência de que é um processo natural da vida com seus próprios desafios e oportunidades, significa conhecer seus limites e replanejar suas vidas superando as adversidades. Seguir o seu caminho com fé, coragem e a sabedoria de encontrar o prazer nas coisas simples da vida.

Um dos entrevistados nos revelou o seguinte no “aconchego da cozinha”:  
”Se você quiser ter uma vida saudável e feliz, aceite as etapas da vida com naturalidade, trabalhe sempre, conserve sua família, participe da comunidade e reze, porque se você não se apaga a Deus que sentido tem a vida? Cada dia que você vive é um novo dia que você tem que aproveitar o máximo possível”. Acredito que esse depoimento sintetiza o significado do envelhecer para os idosos tirolo-trentinos, moradores de uma comunidade peculiar, portanto, os significados aqui identificados se referem a eles especificamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DISCOGRÁFICAS

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBOM, M. A. **A Última grande lição**. Tradução de José J. Veiga. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: GMT, 1998.

ALVES, R. **As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer**. Campinas, SP: Papirus, Rubem Alves ME, 2001.

ALVES, R. **Se eu pudesse viver minha vida novamente**. Campinas, SP: Verus Editora, 2004

ALVIM, Z. M. F. **Brava Gente! Os italianos em São Paulo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

ARAÚJO, K.B.G. **O resgate da memória no trabalho com idosos: o papel da educação física**. Campinas, São Paulo: [s.n.], dissertação de mestrado, 2001.

BALTES, P. & BALTES, M. Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. In: BALTES, P. & BALTES, M. (Eds). **Successful aging: Perspectivas from behavioral sciences**. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 1 – 34, 1991.

BARBOSA, R. M. M. **“Benvenuti Alle Comunitã Santana e Santa Olímpia”**: Tiroleses, Trentinos, Brasileiros na Encruzilhada da Identidade. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1994.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, M. L. **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social.** São Paulo: Ática S. A., 1992.

BEAUVOIR, S. **A velhice.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIASI, J. A. O Trentino hoje: a sociedade civil. In: MATTEI, L. (org.). **Coleção de monografias “A Pátria de Origem”.** Trento (Itália): Casa Editrice Panorama, 1997.

BOBBIO, N. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

BOFF, L. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** 12ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOTELHO, M. I. S; LEITE, M. M; LOURES, M. C. O significado do envelhecer no olhar do idoso. **Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiás.** Goiânia, GO: Ed. da UCG. V. 29, n. 5, pp. 1149 – 1488, 2002.

CACHIONI, M. **Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

CAPITANINI, M. E. S. Solidão na velhice: realidade ou mito? In: NERI, A.L; FREIRE, S. A. (orgs). **E por falar em boa velhice.** 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1987.

COELHO, P; SOUZA, M. **O Gênio e as Rosas e outros contos**. São Paulo: Globo, 2004.

CORRER, L. J. **Uma história verdadeira**. Piracicaba: Ed. Gráfica Ituiutaba Ltda, 1999.

CRUZ, I; MORIGUCHI, Y. **Projeto Veranópolis: reflexões sobre o envelhecimento bem-sucedido**. Veranópolis, RS: Ed. Oficina da Longevidade, 2002.

DEBERT, G. G. Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice. In: textos didáticos, **Antropologia e Velhice**, n. 13, Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, 1994.

DEGASPERI, F. C. **Recordando a nossa história**. Piracicaba, SP: 1982.

DOLL, J; PY, L; Espiritualidade e finitude. In: PACHECO, J. L. et al. (orgs). **Tempo: rio que arrebat**a. Holambra, SP: Ed. Setembro, 2005.

DORFMAN, L. T. et al. History and Identity in the narratives of rural elders. **Journal of Aging Studies**, v. 18, n. 2, 2004, pp. 187 – 203. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com>. Acesso em 17 de Junho de 2005.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, pp. 139-154, março/2002.

ERBOLATO, R. M. P. L. Relações sociais na velhice. In: FREITAS, E. V. et al (orgs). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan SA, 2002.

FARINATTI, P. T. V. Avaliação da autonomia do idoso: definição de critérios para uma abordagem positiva de um modelo de interação saúde-autonomia. In: **Arquivos de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: ECN, v. 1, n. 1, pp. 31-37, 1997.

FLECK, M. P. A. et al. Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde. **Revista de Saúde Pública**, v.33, n. 2, São Paulo, 1999.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Porto Alegre: Sulina, 1987.

FREIRE, S. A. Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In: NERI, A. L; FREIRE, S. A. (orgs). **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

FREITAS, F. S. **Rainhas do Baile: notas etnográficas sobre mulheres, bailes e envelhecimento**, 2005

FREITAS, G. G. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. 2ª ed. Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2004.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIRALDELLI, S. R. **Santa Olímpia e Santana: Trajetória social e memória**. Dissertação de mestrado, IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

GOLDSTEIN, L. L; NERI, A. L. Tudo bem Graças a Deus. Religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. In: NERI, A. L. (org). **Qualidade de vida e idade madura**. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

GOLDSTEIN, L. L; SOMMERHALDER, C. Religiosidade, espiritualidade e significado existencial na vida adulta e velhice. In: FREITAS, E. V. et al (orgs). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S. A. pp. 950-956, 2002.

GOMES, L. O velho diante da morte. **Revista Kairós: gerontologia** – Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC – SP, v. 7, n. 2, pp. 211-223. São Paulo, 2004.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

GUEDES, C. M. O corpo desvelado. In: MOREIRA, W.W. (org). **Corpo Presente**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

GROSSELLI, R. M. **Colonie imperiali nella terra Del caffi – contadini trentini (veneti e Lombardi) nelle foreste brasiliane**. Parte II: Espírito Santo, 1874 – 1900. Trento: Ed. Província Autônoma de Trento, 1987.

\_\_\_\_\_. **Da Schiavi Bianchi a Coloni. Um Progetto Per Le Fazendas-Contadini trentini (veneti e Lombardi) nelle foreste brasiliane**. Trento (Itália): Ed. Província Autônoma de Trento, 1991.

HABER, J. Amostragem. In: LO BIONDO-WOOD, G. E; HABER, J. (orgs). **Pesquisa em enfermagem. Métodos, avaliação crítica e utilização**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

HUTTER, L. M. A Imigração Italiana no Brasil (Séculos XIX e XX): dados para a compreensão desse processo. In: DE BONI, L.A. (org.) **A Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre – RS, 1987.

JORDÃO NETTO, A. **Gerontologia Básica**. São Paulo: Lemos, 1997.

JUNQUEIRA, E. D. S. **Velho e por que não?** Bauru: EDUSC, 1998.

LANDO, M. O Trentino hoje: as Instituições. In: MATTEI, L. (org.). **Coleção de monografias “A Pátria de Origem”**. Trento (Itália): Casa Editrice Panorama, 1997.

LEME, M. L. A. **Dio, che brut studá: um estudo lingüístico da comunidade tirol – trentina da cidade de Piracicaba**. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001.

LOUREIRO, A. M. L. Velhice: encantos, desencantos... reencantos. **Humanidades**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

MARCUS, M. T; LIEHR, P. R. Abordagens de Pesquisa Qualitativa. In: LO BIONDO-WOOD, G. E; HABER, J. (orgs). **Pesquisa em enfermagem. Métodos, avaliação crítica e utilização**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, J. Não Somos Cronos, Somos Kairós. **Revista Kairós: gerontologia**. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. PUC – SP. v. 1, n. 1, p. 11 – 24, 1998.

MARTINS, J. S. **A imigração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

MASCARO, S. A. **O que é a velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MATSUDO, S. M., MATSUDO, V.K.R. Prescrição e Benefícios da Atividade Física na Terceira Idade. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 6 (4): 19 – 30, 1992.

MAZO, G.Z; LOPES, M. A; BENEDETTI, T. B. **Atividade física e o idoso: concepção gerontológica**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MEMORIAL DO IMIGRANTE. **Texto de 1908**. Disponível em: <http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>. Acesso em 27 de Setembro de 2004.

MERCADANTE, E. F. **A Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso**. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1997.

\_\_\_\_\_. A Velhice: Culturas Diversas, Temporalidades Distintas. **A Terceira Idade**. São Paulo: SESC, n. 14, 1998.

\_\_\_\_\_. Comunidade como um novo arranjo social. **Revista Kairós: gerontologia** – Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC - SP, n. 2, pp. 17-34. São Paulo: EDUC, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MESSY, J. A. **A pessoa idosa não existe. Uma abordagem psicanalítica da velhice**. Tradução de José de Souza e Mello Warneck. São Paulo: Aleph, 1993.

MINAYO, M. C. S. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MONTEIRO, D. M. R. Afetividade, intimidade e sexualidade no envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al (orgs). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

MONTEIRO, P. P. **Envelhecimento: imagem e transformação corporal**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Gerontologia, Pontífice Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000a.

\_\_\_\_\_. Envelhecimento: Rumo ao Novo Paradigma. **Revista Kairós: gerontologia** - Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC – SP, n. 3, pp. 53 – 61. São Paulo: EDUC, 2000b.

\_\_\_\_\_. Corpo: imagem e transformação. **Revista Kairós: gerontologia** – Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC – SP, n. 4, pp. 83 – 93. São Paulo: EDUC, 2001.

\_\_\_\_\_. A Beleza do Envelhecer: caminhos possíveis. **Revista Faculdades Paulista de Serviço Social**, ano VI, n. 31, pp. 6 – 9. São Paulo, 2004.

MOREIRA, W. W. O Fenômeno Corporeidade: corpo pensado e corpo vivido. In: DANTAS, E. H. M. (org). **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 1994.

\_\_\_\_\_. Corpo presente num olhar panorâmico. In: MOREIRA, W.W. (org). **Corpo presente**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Corporeidade é!** Texto mimeo., fornecido em aula para a disciplina Bases Epistemológicas da Motricidade Humana. Faculdade de Ciências da Saúde, UNIMEP, Piracicaba, SP, 2001.

\_\_\_\_\_. Corporeidade e Lazer: a perda do sentimento de culpa. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. v.11, n. 3, pp. 85 – 90. Brasília, 2003.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MOURA, M. M. **O corpo que fala... a vida que se revela: a realidade do corpo asilado**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, SP, 2003.

NERI, A. L. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas, SP: Unicamp, 1991.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento integral do homem. **A Terceira Idade**. São Paulo: SESC, v. 6, n. 10, pp. 4 – 15, 1995.

\_\_\_\_\_. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas, SP: Editoria Alínea, 2001a.

\_\_\_\_\_. O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento. In: NERI, A.L. (org.). **Maturidade e velhice: trajetórias individuais e sócio-culturais**. Campinas, SP: Papirus, 2001b.

\_\_\_\_\_. Velhice e qualidade de vida na mulher. In: NERI, A. L. (org.). **Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociais**. Campinas, SP: Papirus, 2001c.

\_\_\_\_\_. Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: NERI, A. L. (org). **Qualidade de vida e Idade Madura**. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

NIEMAN, D. C. **Exercício e Saúde**: como se prevenir de doenças usando o exercício como seu medicamento. São Paulo: Manole, 1999.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e Educação Física do corpo – objeto ao corpo sujeito**. Natal, RN: EDUFRN, 2000.

NUNES FILHO, N. **Eroticamente Humano**. 2ª ed. Piracicaba, SP: Unimep, 1997.

OKUMA, S. **O Idoso e a atividade física**. 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

PAPALÉO NETTO, M. O Estudo da Velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E.V. et al (orgs). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W; FELDMAN, R. D; **Desenvolvimento humano**. Tradução de Daniel Bueno. 8ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

PY, L. **Testemunhas vivas da história**. Rio de Janeiro: ECN, 1996.

PY, L; TREIN, F. Finitude e infinitude: dimensões do tempo na experiência do envelhecimento. IN: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan SA, pp. 1013-1019, 2002.

RAMOS, V. **Corpo e movimento no envelhecimento**. Dissertação de mestrado em Gerontologia. Pontífice Universidade Católica de São Paulo, 2000.

RODRIGUES, N. C. **Conversando com Nara Costa Rodrigues sobre gerontologia social.** In: SCHOMS, C, R; PALMA, L. T. S. (orgs). 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2000.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W.W. (org). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI.** Campinas, SP: Papyrus, 1992.

SANTOS, R. I. C. **A terra prometida. Emigração Italiana: mito e realidade.** Itajaí, SP: Ed. Univali, 1998.

SANTOS, S.S.C. **Gerontologia: caminhando para a interdisciplinaridade e a complexidade.** Paper apresentado no exame de qualificação do projeto de tese. Doutorado em Enfermagem – UFSC, 2000.

SILVA, I. R; GUNTHER, I. A. Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** n. 1. v. 16, pp. 31-40, 2000.

SIMMONS, L. W. **The Role the Aged in Primitive Society.** New Heaven: Yale University Press, 1945

SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso.** 2ª edição. Piracicaba: Unimep, 1994.

\_\_\_\_\_. Ciência e consciência: tatuagens no corpo idoso. In: MOREIRA, W. W. (org.) **Corpo Presente.** Campinas, SP: Papyrus, 1995.

SPIDURSO, W. W. **Dimensões físicas do envelhecimento**. Barueri, SP: Manole, 2005.

TEIXEIRA, M. B. **Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção da saúde**. Dissertação de mestrado em Saúde Pública. Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2002.

UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões a saúde do idoso. **Caderno de Saúde Pública**. V. 19, n. 3, pp. 849-853, 2003.

VÊNERE, K. **Recaracterização Cultural em Colônia de Imigração Trentina**. Monografia não publicada. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Metodista de Piracicaba, Santa Bárbara D'Oeste – SP, 2002.

VERAS, R. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. Novos Desafios Contemporâneos no Cuidado ao Idoso em Decorrência da mudança do Perfil Demográfico da População Brasileira. In: LEMOS, M. T. T. B; ZABAGLIA, R. A. (orgs). **A Arte de Envelhecer: Saúde, Trabalho, Afetividade e Estatuto do Idoso**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

VITTI, G. **Esperança de uma nova vida – 100 anos de Santana**. Piracicaba – SP: Shekinak Editora e Gráfica, 1993.

WEININGER, B; MENKIN, E.L. **Envelhecer é viver**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**; tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

## REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICAS

SATER, Almir; RENATO, Teixeira. “**Tocando em Frente**”. CD: O melhor da Milênio MPB. Vol. 2.

GONZAGUINHA. “**Feliz**”. CD: Acústico Brasil: música popular brasileira. BMG Publishing Brasil. BR – V01 – 03 – 00427. São Paulo, 2004.

## ANEXOS

## ANEXO I



**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA – UNIMEP**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACIS**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PREZADO PARTICIPANTE:** Este estudo pretende investigar o significado de envelhecer para os descendentes de imigrantes tirol-trentinos dos bairros rurais de Santana e Santa Olímpia, da cidade de Piracicaba. A partir dele poderemos compreender a complexidade que envolve o envelhecimento. Agradecemos a atenção e o cuidado que tiver ao responder às perguntas que se seguem.

### QUESTIONÁRIO

#### A – PERFIL SOCIO-ECONÔMICO:

IDADE: \_\_\_\_\_ NASCIMENTO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

GÊNERO: ( ) Masculino ( ) Feminino

#### ESCOLARIDADE:

- |                     |   |     |
|---------------------|---|-----|
| I grau incompleto   | (1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup> série) | ( ) |
| I grau completo     | (1 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> série) | ( ) |
| II grau incompleto  | (colegial)                              | ( ) |
| II grau completo    | (colegial)                              | ( ) |
| III grau incompleto | (faculdade)                             | ( ) |
| III grau completo   | (faculdade)                             | ( ) |
| Outros              |   | ( ) |

**ESTADO CIVIL:**

- Solteiro (a)            ( )
- Casado (a)            ( )
- Separado (a)        ( )
- Divorciado (a)      ( )
- Viúvo (a)            ( )
- Outros                ( )

**OCUPAÇÃO**

Trabalha no lar?            ( ) Sim            ( ) Não

Se trabalha no lar, além dessa atividade, tem outra ocupação?

---

---

Se não trabalha no lar, exerce outra ocupação?

---

---

**APOSENTADORIA**

Está aposentado (a)?      ( ) Sim            ( ) Não

Se for aposentado, qual a profissão que exercia antes?

---

---

Se não for aposentado, qual a profissão que exerce atualmente?

---

---

## **DADOS FAMILIARES**

- Você mora só com o cônjuge ( )
- Você mora com o cônjuge e com os filhos ( )
- Você mora com os filhos ( )
- Você mora com os netos ( )
- Você mora sozinho (a) ( )
- Você mora com outra pessoa: sobrinhos, sogro (a), irmão (ã), amigo ( )
- Os filhos moram com você ( )
- Os netos moram com você ( )
- Outra pessoa mora com você: sobrinhos, sogro (a), amigo (a), irmão (ã) ( )

## **COMO ESTÁ SUA SAÚDE?**

1. Muito ruim ( )
2. Fraca ( )
3. Nem ruim nem boa ( )
4. Boa ( )
5. Muito boa ( )

## ANEXO II



### UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA - UNIMEP FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACIS MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

As informações abaixo relacionadas estão sendo fornecidas para sua participação voluntária neste estudo. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com a de outros participantes da pesquisa, sendo garantido o sigilo das informações obtidas durante o trabalho e todos os dados e resultados serão utilizados somente para a pesquisa.

**Justificativa:** Em nosso país, o envelhecimento demográfico apresenta-se marcado pela desvantagem social para uma grande maioria, em função de nossa estrutura histórica. Desta forma, o envelhecimento carrega consigo um estigma negativo. No entanto, sabemos que a velhice faz parte do ciclo natural da vida, configurando-se como um processo complexo, que envolve perdas e ganhos, os quais são intensificados conforme fatores internos e externos, e a estrutura social e cultural onde o sujeito está situado, gerando a necessidade de estudar este universo.

**Objetivo:** Este projeto pretende investigar qual o significado de envelhecer para os descendentes de imigrantes italianos (tirol-trentinos) dos bairros rurais de Santana e Santa Olímpia da cidade de Piracicaba.

**Metodologia:** Para a coleta de dados será aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas, com o intuito de identificar o perfil dos idosos (as) e constará de entrevistas, aplicadas pela pesquisadora.

**Acompanhamento e assistência:** O voluntário será acompanhado pela pesquisadora, sendo que toda e qualquer dúvida sobre o projeto pode ser esclarecida por Maristela Negri de Oliveira Marrano, no telefone (19) 34931382 ou pelo e-mail [marismarrano@ig.com.br](mailto:marismarrano@ig.com.br).

**Desistência:** O voluntário do projeto terá liberdade de desistir da participação na pesquisa em qualquer momento.

**Ressarcimento e indenização:** Não há despesas pessoais para a participação neste estudo, assim como não há compensação financeira. Este documento ficará com a pesquisadora responsável e sua orientadora.

Devido às informações que me foram apresentadas e esclarecidas referentes aos procedimentos da pesquisa:

Eu....., residente à  
rua.....n.....

....., SP, declaro que concordo em participar como voluntário(a) no projeto:

**CORPOREIDADE IDOSA : O SIGNIFICADO DO ENVELHECER NO DISCURSO DOS IDOSOS DA COMUNIDADE TIROLO-TRENTINA.**

De minha parte garanto o meu compromisso de enquanto estiver participando do trabalho, seguir as orientações recebidas e assim garantir a confiabilidade dos resultados da pesquisa.

Piracicaba,..... de 2005.

Assinatura do entrevistado: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável pela pesquisa: \_\_\_\_\_

**Professora responsável:** Maristela Negri de Oliveira Marrano

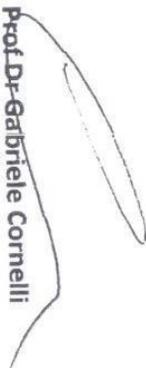
**Telefone:** (19) 34931382 **e-mail:** [marismarrano@ig.com.br](mailto:marismarrano@ig.com.br).

## CERTIFICADO

Certificamos que o Projeto de pesquisa intitulado "**Idosos na Comunidade Trentina: O discurso sobre o Envelhecimento.**", sob o protocolo nº **113/04**, do(a) Pesquisador(a) **Profa Dra Regina Maria Rovigati Simões**, está de acordo com a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS, de 10/10/1996, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – UNIMEP.

We certify that the research project with title "**Elderlies from the Trentina Community: The speech about aging**", protocol nº **113/04**, by Researcher **Regina Maria Rovigati Simões**, is in agreement with the Resolution 196/96 from Conselho Nacional de Saúde/MS and was approved by the Ethical Committee in Research at the Methodist University of Piracicaba – UNIMEP.

Piracicaba, SP, Brazil, June, 20, 2005.

  
Prof. Dr. Gabriële Cornelli  
Secretário  
CEP - UNIMEP

  
Profa Dra Telma R. P. Souza  
Coordenadora  
CEP - UNIMEP